

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

**ANDRÉ LEONARDO PEREIRA DA SILVA**

**O MÉTODO FILOSÓFICO DE MARX:  
uma proposta de sequência didática para o ensino médio**

**Campo Grande – MS  
2025**

**ANDRÉ LEONARDO PEREIRA DA SILVA**

**O MÉTODO FILOSÓFICO DE MARX:  
uma proposta de sequência didática para o ensino médio**

Dissertação apresentada à banca examinadora do programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Filosofia, sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Pereira de Melo.

**Campo Grande – MS  
2025**

Dedico este presente trabalho aos meus pais, a minha avó, a minha irmã e também a minha namorada. São essas as pessoas que contribuíram de forma irrestrita, apoiando sempre meu progresso.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer profundamente a todas as pessoas que me apoiaram nesse estágio da minha jornada profissional. Gostaria de mencionar novamente meus pais, que sempre acreditaram em mim e não mediram esforços para contribuir com a minha formação acadêmica. Não poderia deixar de mencionar minha namorada, que fez todo o possível para que eu conseguisse frequentar as aulas.

Gostaria também de mencionar o meu esforço. Sendo eu uma pessoa de quase 30 anos na época do início do mestrado e morando a uma distância de aproximadamente 400 quilômetros da cidade de Campo Grande - MS, comprometi-me a me dedicar ao máximo. Submeti-me também a dormir várias e várias noites de favor na casa dos amigos e companheiros de mestrado. Dediquei-me ao máximo para desenvolver esta dissertação, buscando, com este trabalho, aprimoramento profissional para mim e esperando contribuir para a transmissão de conhecimento aos meus alunos.

Gostaria de agradecer também aos companheiros de mestrado, em especial ao Renan, Leandro, Odair, Pedro, João, Rafael, Thiago e José. Estes foram amigos que me auxiliaram de todas as formas possíveis, inspirando-me a melhorar minha pesquisa. Gostaria de agradecer, em especial, ao Pedro, que gentilmente cedeu sua residência para que eu pudesse permanecer nos dias em que teríamos aulas aos finais de semana.

Dentro de todo esse processo, conheci pessoas maravilhosas, pessoas que considero grandes amigas. Não poderia, de forma alguma, esquecer-me de mencionar nossos maravilhosos mestres. Gostaria de saudar a nobre professora Dra. Marta por sua grande contribuição e auxílio, até mesmo quando passou pela minha cabeça desistir de continuar a jornada no mestrado.

Gostaria de agradecer imensamente à digníssima professora Dra. Máira de Souza Borba por toda a sua humildade e atenção, bem como pela transmissão de seu vasto conhecimento e auxílio na escrita do projeto de pesquisa no primeiro semestre.

Quero agradecer imensamente à professora Dra. Cristina, que auxiliou de forma contínua com seu vasto conhecimento nas aulas e também me ajudou na elaboração de um material didático para ser aprovado em sua disciplina.

Gostaria de agradecer imensamente ao saudoso professor Dr. Ronaldo, que, com seus textos maravilhosos e vasto conhecimento, me auxiliou de forma crucial a entender a filosofia, inclusive trazendo textos em outros idiomas.

E, por fim, gostaria de agradecer de forma inenarrável ao grande, excelentíssimo, digníssimo e que agora considero meu grande amigo, o professor, mestre e Dr. Ricardo Pereira de Melo, por toda a sua paciência, disponibilidade e auxílio contínuo em todos os parâmetros da realização do meu curso e do desenvolvimento da minha pesquisa. Com certeza, tive a sorte e o grande privilégio de ser formado por essas pessoas imensamente capacitadas e maravilhosas.

Quero agradecer, por fim, a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para que eu tivesse forças para elaborar esta dissertação, concluir o curso e ter, em minha vida, essa conquista.

[...] é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana.

*MARX, Karl. O Capital, 1867.*

## Resumo

Esta dissertação tem como objetivo principal contribuir para a formação de estudantes e profissionais da educação, por meio do estudo do modo de exposição dialético de *O Capital*, de Karl Marx. Busca-se também reproduzir conceitos existentes no livro, em conjunto com a análise de outros escritores e pesquisadores que detalham alguns dos principais conceitos presentes no capítulo 1 de *O Capital*, servindo como exemplo os conceitos de trabalho concreto, trabalho abstrato, mercadoria e valor, além do fetichismo da mercadoria. O objetivo é produzir uma sequência didática para incentivar a reflexão sobre o modo de vida econômico no capitalismo e observar, as contradições existentes no dia a dia, questões que podem contribuir de forma significativa para despertar o senso crítico na aprendizagem da filosofia. Pretende-se, então, explicar a exposição e o método dialético utilizado por Marx, presente no capítulo 1 de sua obra magna, *O Capital*, buscando uma linguagem simples e acessível ao estudante do ensino médio, diferente dos materiais demasiadamente teóricos. Espera-se, com a elaboração dessa sequência didática, mostrar a importância de Marx para a filosofia e como ele moldou a história humana e interferiu em milhares de mentes. Busca-se realizar uma analogia com as situações vivenciadas nos dias atuais, bem como atentar-se ao modo de consumo existente. Pretende-se, então, com essa discussão objetiva e o aprofundamento dos conceitos idealizados por Marx, extrair a multiplicidade de pensamentos que podem contribuir para observações e questionamentos, trazendo, assim, uma grande contribuição reflexiva e filosófica.

**Palavras-chave:** Marx. Sequência didática. Fetiche da mercadoria. Ensino de filosofia.

## **Abstract**

The main objective of this dissertation is to contribute to the education of students and education professionals through the study of the dialectical exposition of Karl Marx's *Capital*. It also seeks to reproduce concepts found in the book, together with the analysis of other writers and researchers who detail some of the main concepts present in chapter 1 of *Capital*, serving as examples the concepts of concrete labor, abstract labor, commodity and value, in addition to commodity fetishism. The objective is to produce a didactic sequence to encourage reflection on the economic way of life in capitalism and to observe the contradictions that exist in everyday life, issues that can contribute significantly to awakening the critical sense in the learning of philosophy. The intention is, therefore, to explain the exposition and the dialectical method used by Marx, present in chapter 1 of his magnum opus, *Capital*, seeking a simple and accessible language for high school students, unlike overly theoretical materials. The elaboration of this didactic sequence is expected to show the importance of Marx for philosophy and how he shaped human history and interfered in thousands of minds. The aim is to draw an analogy with current situations, as well as to pay attention to the current mode of consumption. The aim is, then, with this objective discussion and the deepening of the concepts idealized by Marx, to extract the multiplicity of thoughts that can contribute to observations and questions, thus bringing a great reflective and philosophical contribution.

**Keywords:** Marx. Didactic sequence. Merchandise fetish. Teaching philosophy.

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....   | <b>10</b>  |
| <b>2 PORQUE ESTUDAR O CAPÍTULO 1 DE <i>O CAPITAL</i>?</b> .....   | <b>15</b>  |
| 2.1 Qual é o método de Marx? Se existe, por onde começar? .....   | 15         |
| 2.2 O Modo de Exposição Dialético de <i>O Capital</i> . .....   | 25         |
| <b>3 PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS LIVROS INTRODUTÓRIOS SOBRE O<br/>PENSAMENTO DE MARX</b> .....                                   | <b>32</b>  |
| 3.1 <i>Marx Ciência e Revolução</i> do autor Márcio Bilharinho Naves .....  | 34         |
| 3.2 <i>10 Lições sobre Marx</i> de Fernando Magalhães .....   | 41         |
| 3.3 <i>O Capital para educadores ou aprender e ensinar com gosto a teoria científica do valor</i><br>de Vitor Henrique Paro. .... | 46         |
| 3.4 <i>Mais Marx Material de Apoio à Leitura d'O Capital Livro I</i> .....  | 50         |
| 3.5 <i>Marx para apressados</i> de Robert Misik (2006).....   | 52         |
| 3.6 <i>Compreender Marx</i> de Denis Collin .....   | 56         |
| 3.7 <i>A Mercadoria</i> de Jorge Grespan.....   | 64         |
| <b>4 DIVISÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA – O PERCURSO DO MODO DE<br/>EXPOSIÇÃO DIALÉTICO NO CAPÍTULO 1</b> .....                        | <b>67</b>  |
| 4.1 Mercadoria: Valor de Uso, Valor de Troca e Valor.....   | 67         |
| 4.2 Trabalho Concreto e Trabalho Abstrato .....   | 77         |
| 4.3 Valor de Troca ou Forma Valor e a Gênese do Dinheiro .....  | 86         |
| 4.4 O Fetiche da Mercadoria em Marx .....   | 92         |
| <b>5 PROPOSTA PARA INTERVENÇÃO PRÁTICA NA SALA DE AULA</b> .....  | <b>100</b> |
| 5.1 Aspectos Conclusivos das Aulas Ministradas na Instituição de Ensino .....   | 117        |
| <b>CONCLUSÃO</b> .....  | <b>120</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....   | <b>122</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Grande parte das pessoas atualmente tem-se interessado cada vez mais em expor suas opiniões e, principalmente, garantir sua posição em relação ao que acontece nos meios políticos. Muitos debates surgiram sobre esse tema, principalmente tratando-se das últimas eleições de 2022, que ocorreram em nosso país. Dentro desse aspecto, destaca-se a educação como um meio de propagação e formulação de vários conceitos que são delineados dentro dessas correntes de pensamento existentes e envoltos em uma sociedade. Voltando-se para a sociedade como um todo, e fazendo um paralelo com a educação dos indivíduos nela presentes, nota-se a necessidade de elaboração de materiais específicos que respeitem e obedeçam a um caráter de neutralidade em relação à formulação de conceitos, abordando os temas primordiais de forma ética e eficiente.

Pensando nos dias atuais, quando se fala de Karl Marx, surgem várias indagações e opiniões sobre essa figura histórica. Os pensamentos e o modo de exposição dialético utilizados pelo filósofo, que de certa forma modificou os rumos da história, devem ser meticulosamente analisados e, através disso, pode-se buscar extrair a forma mais sublime de suas contribuições para a sociedade. Pois esses são pensamentos que jamais poderiam ser analisados de forma leviana. Quando se fala da filosofia de Marx, presume-se intrinsecamente um envolvimento com a paixão e o entusiasmo, adentrando em uma mente inquieta e com extrema sede de propagação de um modo de encarar a sociedade de forma totalmente dissecada através de sua interpretação e modo de enxergar as relações sociais entre os seres humanos.

Voltando-se agora, desde o início da minha vida acadêmica na faculdade de direito do Centro Universitário Toledo, no ano de 2013, sempre tive dentro de mim a vontade de trazer conhecimento e futuramente me tornar professor. Penso que a aprendizagem é uma atitude louvável e imprescindível para a evolução da sociedade humana, e nada pode ser mais valioso e impactante na vida de uma pessoa do que o conhecimento adquirido. Esse conhecimento pode vir através de vários canais, porém o professor desempenha um papel crucial na propagação do conhecimento para o pupilo. O professor serve não só como instrumento de propagação do conhecimento, mas também pode ser considerado um guia que traz luz para as mentes que padecem na escuridão

De imediato, no primeiro ano de faculdade, tive também contato com a filosofia. Porém, no ensino médio, pude inicialmente compreender o que era de fato a filosofia. Voltando ao início

da faculdade, inicialmente estudando ética e filosofia do direito, entre as célebres obras, constava a obra *O Príncipe* de Maquiavel, que servia de apoio para a compreensão da formação do Estado, e também, entre as obras estudadas, estava a obra *O Capital*, de Karl Marx. Foi através dessas obras que conheci os filósofos europeus. Aprendi também sobre toda a linha cronológica da filosofia, e, nas aulas de sociologia e filosofia, tive o primeiro contato com as obras do grande filósofo Karl Marx e de seu amigo Friedrich Engels. Dediquei-me aos estudos sobre as obras mais importantes, além de carregar um imenso sentimento de ministrar conhecimento aos meus colegas e alunos.

Terminei a faculdade de direito em 2017, fui aprovado na minha monografia: “*O Estado Laico e o Ensino Religioso nas escolas*”, logrando êxito com a nota máxima na monografia. Após isso, terminei duas complementações pedagógicas, sendo a primeira que me conferiu o título de licenciado em história e a segunda, que me conferiu o título de licenciado em filosofia. Resumidamente, em outras palavras, abordando de forma rápida minhas inquietações acadêmicas, sempre tive o enorme desejo de me aprofundar nos pensamentos do filósofo Karl Marx. Carrego dentro de mim um forte senso de justiça e equidade, e, com certeza, ao esmiuçar os pensamentos de Marx, tenho acesso a um grande sistema de pensamento. Consigo então vislumbrar conceitos que são importantíssimos e que devem ser estudados com responsabilidade e coerência.

Voltando agora novamente ao objeto principal deste trabalho, iniciando a abordagem em relação aos livros utilizados nesta dissertação, o corte metodológico utilizado para a escolha das obras analisadas foi feito de forma perspicaz e atenta. Buscando e analisando com extremo cuidado, observando nas obras das últimas duas décadas<sup>1</sup>, percebe-se que o mercado editorial cresceu, porém, as obras que se propõem a especificar o modo de pensamento de Marx, em certas passagens, apesar de sua grande contribuição acadêmica, poderiam ser analisadas de forma mais profunda e com uma nova perspectiva de direcionamento. A grande proposta desta dissertação, após a análise das referidas obras, é buscar moldar uma sequência didática em sua forma, abordando conceitos que vão direto ao ponto da especificidade exigida no entendimento do pensamento de Marx.

---

<sup>1</sup> Nas últimas duas décadas, o mercado editorial em língua portuguesa lançou diversas obras sobre Karl Marx, abordando tanto sua vida quanto seu pensamento. No entanto, é importante lembrar que muitas de suas obras foram publicadas apenas após sua morte. Para uma melhor compreensão de sua teoria, destacam-se contribuições que vão de Karl Kautsky a Ernest Mandel. Contudo, nesta dissertação, optou-se por excluir esses importantes manuais introdutórios sobre Marx e o marxismo devido ao espaço limitado para desenvolver esses temas.

Realizando um breve adendo sobre a filosofia clássica, compreende-se uma bifurcação em dois grandes ramos filosóficos que, de forma categórica, são explicados por Carlos Cirne Lima em sua obra intitulada *Dialética para Principiantes*, segundo o autor:

Bem no começo da Filosofia Clássica, há uma grande encruzilhada. Com Platão e Aristóteles a Filosofia se bifurca em dois grandes ramos: a Explicação do Mundo e a Análise do Mundo, o neoplatonismo e o aristotelismo. De Platão saem Plotino, Proclo, Santo Agostinho, Johannes Scotus Eriúgena, os pensadores medievais até o século XII, Nicolaus Cusanus, Giordano Bruno, Ficino, Espinosa, Fichte, Schelling, Hegel, Karl Marx. De Aristóteles saem Teofrasto, Alberto Magno, Tomás de Aquino, Guilherme de Ockham, Descartes, Kant, Frege, Bertrand Russell, Wittgenstein, Apel, Habermas e toda a Filosofia Analítica de hoje. (LIMA, 2014, p. 87)

Nota-se então que, a partir dessa divisão, existem duas correntes dialéticas e filosóficas: uma corrente filosófica que se inicia em Platão, denominada neoplatonismo, e outra originária de Aristóteles, sendo denominada, portanto, aristotelismo. Nota-se que, da vertente do neoplatonismo, podemos compreender, segundo o autor, que Marx deriva da dialética proveniente do neoplatonismo, portanto, na explicação do mundo. É, portanto, o cerne do desfecho desta dissertação, e o foco repousa especificamente nesse modo de exposição dialético presente no capítulo 01 de *O Capital*, exemplificando essas duas tradições filosóficas distintas.

Na presente dissertação, serão analisados os materiais utilizados como introdução aos pensamentos e conceitos de Karl Marx, para mostrar a insuficiência de atender aos anseios do ensino médio. Essa sequência didática servirá de apoio a alunos e professores do ensino médio. As respectivas obras analisadas são escritas especialmente para introdução e também auxílio a professores que ensinam Marx. Fundamentando o motivo desse estudo, serão utilizadas as seguintes obras: Um prefácio do livro *O Capital*, lançado em 2022 pela editora Boitempo, intitulado: “*Advertência aos leitores do livro I D’ O Capital*”, escrita por Louis Althusser; a obra *Marx Ciência e Revolução*, do autor Márcio Bilharinho Naves, professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, lançada em 2000; *O Capital para Educadores: ou Aprender e Ensinar com Gosto a Teoria Científica do Valor*, de Vitor Henrique Paro, lançado em 2022 pela editora Expressão Popular; a obra *Mais Marx: Material de Apoio à Leitura d’O Capital - Livro I*, versão brasileira do título original em alemão *PolyluxMarx: Bildungsmaterial zur Kapital-Lektüre, Erster Band*, lançada em 2016; a obra *Marx para Apressados*, de Robert Misik (2006); a obra *Compreender Marx*, de Denis Collin (2008); a obra

*10 Lições sobre Marx*, de Fernando Magalhães, lançada em 2015; e a obra do professor Jorge Grespan, intitulada *A Mercadoria*, lançada em 2006.

Alguns dos materiais analisados são livros voltados para o ensino médio, porém, nota-se, em uma leitura rápida, que alguns conceitos abordados, apesar da riqueza das obras analisadas, fogem muitas vezes do caráter propriamente filosófico da obra de Marx, mostrando recortes que, muitas vezes, não atendem, na exatidão, ao objetivo que é buscado nesta dissertação. Por isso, a análise e a criação da sequência didática aqui proposta presume-se serem cumpridas estritamente de forma escorreita, trazendo um determinado cuidado na elaboração e realizando um corte mais específico para que não seja criado um produto modelado por milhares de conceitos e quase uma colcha de retalhos acadêmica. O foco pré-estabelecido repousa nas primeiras páginas da obra magna de Karl Marx, *O Capital*. O objetivo desta dissertação é, portanto, criar uma sequência didática e pretende-se, como uma lupa, observar os conceitos básicos existentes no início dessa obra. Entendem-se esses conceitos como os mais importantes para a elaboração da sequência didática pretendida.

E a proposta dessa pesquisa segue também um determinado escalonamento, propondo-se a criação de uma sequência didática que será utilizada nas aulas do ensino médio, como apoio ao ensino de filosofia e ao pensamento filosófico de Marx. Segue, então, com foco no ensino médio, tendo em vista as grandes lacunas existentes quando esse tema é abordado nessa faixa etária nas escolas brasileiras. Percebe-se que muitos materiais antigos são voltados para a militância política; outros materiais, mesmo os elaborados atualmente, se resumem a apresentar a biografia de Marx, em seguida mostram os desafios e devaneios de sua vida, e após isso, mostram como o filósofo formulou suas principais ideias. Porém, a proposta desse novo material é muito mais do que resumidamente mostrar sua biografia. Pretende-se explicar a exposição e o método dialético utilizado por Marx, presente no capítulo 1 de sua obra magna. Buscando trazer uma linguagem acessível tanto para professores quanto para alunos, sem perder a profundidade conceitual. Espera-se, com a elaboração desta sequência didática, mostrar a importância de Marx para a filosofia e como ele moldou a história humana e interferiu em milhares de mentes. Nota-se também que os materiais disponíveis tratam de forma diferente o Marx filósofo e o Marx de *O Capital*. Quando nos deparamos com as especificações sobre as obras de Karl Marx e seu método crítico de exposição da realidade, notamos um material sem muita profundidade, limitando-se a exemplificar a vida e algumas de suas obras de forma abstrata. Espera-se, portanto,

com a aplicação e o detalhamento de determinados conceitos mostrados no material planejado, que os alunos e professores tenham a capacidade de realizar uma analogia entre o método expositivo de Marx e o seu cotidiano. Pretende-se mostrar na sequência didática em questão como o método utilizado pode alterar a percepção do indivíduo em relação a várias questões existentes em sua vida, através de exemplos de conceitos, e mostrando também como eles moldam a relação deste com os outros indivíduos. Trazendo, portanto, uma percepção aprofundada sobre a filosofia e um olhar diferenciado sobre a economia política.

A divisão da presente dissertação será feita da seguinte maneira: Primeiramente, será mostrada a importância da compreensão e estudo do capítulo 1 de *O Capital*, e, subsequente, será mostrado como é compreendido o método filosófico de Marx através do modo de exposição dialético de *O Capital*. Após isso, serão analisadas algumas das obras que se propõem a mostrar os pensamentos e conceitos de Karl Marx e também suas percepções sobre os conceitos presentes no capítulo 01 de *O Capital*, que serão analisados por esta dissertação. E, logo em seguida, serão adentrados e aprofundados todos os conceitos existentes na obra *O Capital* em seu capítulo 01, e sua importância para compreender o modo de exposição dialético de Marx, criando, então, a sequência didática pretendida.

A respectiva dissertação, como já foi demonstrado, será inteiramente voltada para o capítulo 1 da obra *O Capital* de Karl Marx, dentro da perspectiva filosófica e do método de exposição dialético de *O Capital*, ou *Darstellungsweise Methode*<sup>2</sup>. Os conceitos abordados no capítulo 1 são conceitos que atuam como pilares e auxiliam na compreensão de todo o método filosófico de Marx.

---

<sup>2</sup> O método de apresentação ou o método filosófico de Marx.

## **2 PORQUE ESTUDAR O CAPÍTULO 1 DE *O CAPITAL*?**

Quando, inicialmente, surge a proposta de realizar uma sequência didática voltada para o ensino médio sobre o filósofo Karl Marx, muitas pessoas pensam que se esvaíram, de todas as formas, as interpretações em relação à obra desse filósofo em questão. Este material cumpre destacar que, de fato, Karl Marx ainda contribui, nos dias de hoje, de forma insubstituível para o ensino de filosofia nas escolas. Porém, os nossos obstáculos são um pouco maiores, principalmente quando nos deparamos com a atual situação política do país em que vivemos, e não se pensa somente no Brasil quando tal análise é colocada em pauta.

Além dos problemas estruturais das salas de aula existentes no Brasil, principalmente quando nos deparamos com escolas localizadas nas periferias, o professor, ao introduzir Marx, também precisa travar uma batalha contra o senso comum sobre as concepções rasas feitas a respeito das principais ideias de Marx. A escrita deste material foca no método filosófico de Marx, mostra como ele criticou a economia política da época em que viveu, nos apresentando de forma certa conceitos valiosos que, quando se entende, de fato, sua abstração, tal qual um ébrio volta ao estado de sobriedade, o indivíduo percebe como funciona a sociedade capitalista que paira ao seu redor.

### **2.1 Qual é o método de Marx? Se existe, por onde começar?**

Muitos pesquisadores se perguntam se, de fato, existe um método específico ou filosófico de Marx. A proposta deste material e desta dissertação é explorar o método filosófico que tem como base a dialética de Hegel. No entanto, observa-se que ele se apropria apenas de alguns conceitos da dialética hegeliana, sem abarcar sua totalidade.

O método filosófico de Marx é, de fato, mostrado em *O Capital* e consiste na exposição e no movimento que vão dos conceitos mais simples, abstratos e aparentes em direção aos conceitos mais ricos, concretos e essenciais. Marx utiliza-se de seu método de exposição, e podemos compreender esse movimento já no capítulo 01 de *O Capital*. Se existe esse método,

como já demonstrado, o objetivo deste trabalho é mostrar o início de sua aplicação, partindo da análise da mercadoria:

Marx parte, por exemplo, da forma simples do valor, a mercadoria, porque dentro dela se encontram as contradições básicas da sociedade capitalista. A mercadoria é, no entanto, uma parte articulada a um todo, a uma totalidade, o capitalismo como sistema econômico, social e político. Essa totalidade em sua concreticidade clara e ricamente articulada, enquanto unidade da diversidade, síntese de múltiplas determinações, é o que Marx designa de o concreto, o efetivo, que se distingue do real imediato, empírico, como ponto de partida, próprio dos economistas clássicos. (CHAGAS, 2011, p. 14)

De acordo com Chagas (2011), em seu artigo *O método dialético de Marx: investigação e exposição crítica do objeto*, ele procura mostrar que, justamente na mercadoria, podem ser encontradas as contradições básicas da sociedade capitalista. Porém, ela faz parte de um todo que complementa o modo de exposição de Marx. É através da mercadoria que Marx denomina, inicialmente, a aparência do modo de produção capitalista como sendo uma grande ou imensa coleção de mercadorias. Mas pode-se compreender que a aparência pode ser diferente da essência, e é isso que Marx expõe posteriormente, mostrando o modo como as mercadorias são criadas através do trabalho e trocadas no modo de produção capitalista. Mais adiante, exemplifica Chagas (2011, p. 14): “Mas para reconstruir o concreto, a totalidade orgânica, deve-se, segundo Marx, partir do inferior para o superior, do mais simples e abstrato para o mais complexo e efetivo, da aparência para a essência.”

Nota-se, na simplicidade do conceito de mercadoria, o passo inicial de Marx rumo às categorias mais complexas existentes no modo de produção capitalista. Peca o leitor que exclui o capítulo 01 de *O Capital* por sua complexidade. Esse leitor, de fato, necessita compreender as categorias simples existentes nesse primeiro capítulo e entender o seu movimento, para justamente conseguir assimilar a obra como um todo e compreender o modo de exposição dialético presente no primeiro capítulo. Porém, para se aprofundar nesse tema, é preciso trazer a percepção de outros pesquisadores sobre o modo de exposição dialético de Marx. De acordo com Emmanuel Nakamura, em seu artigo intitulado *Marx tem um método dialético próprio?* é preciso voltar-se novamente para Hegel para melhor compreender esse movimento existente na obra de Marx:

Para Marx, Hegel teria caído na “[...] ilusão de apreender o real como resultado do pensar [...] que se move para fora de si”, enquanto o método correto de partir das categorias abstratas até as mais concretas seria, na verdade, a forma de reproduzir o mundo concreto enquanto uma “totalidade do pensamento” ou um

“concreto do pensamento” – e de modo algum o “processo de surgimento do próprio concreto”. (NAKAMURA, 2022, p. 06)

Marx compreende esse método de Hegel como a forma de apreender o real como resultado do pensar. Para Marx, o correto é partir do abstrato ao concreto, sendo essa a forma real de compreender a realidade e como o homem se comporta no modo de produção capitalista. O sujeito, para compreender as relações sociais à sua volta, precisa entender a realidade de forma concreta, partindo das categorias simples e abstratas até as categorias concretas e essenciais para a compreensão da realidade. Segundo João Wohlfart, podemos compreender esse conceito da seguinte maneira:

Neste universo temático, Marx considera as mercadorias genericamente, abstraídas de sua especificidade material e fora das múltiplas relações que elas estabelecem entre si. O amontoado de mercadorias referido por Marx no começo da obra como uma forma de encobrimento das relações sociais caracteriza uma evidente apropriação marxiana das categorias abstratas do ser da Lógica hegeliana. E um objeto material na condição de mercadoria caracteriza o revestimento de uma generalidade abstrata porque o seu valor não é intrinsecamente dado pela qualidade do objeto, mas o valor dos objetos é resultado de uma cadeia produtiva. (WOHLFART, 2017, p. 05)

Podemos compreender, então, a mercadoria como uma forma de demonstrar esse movimento. Marx apresenta a mercadoria em uma figura aparente que difere de sua essência, sendo a imensa coleção de mercadorias algo aparente, algo que, de fato, não corresponde à verdadeira natureza da realidade concreta que o autor expõe em sua obra. Marx mostra, portanto, algo genérico que, em sua totalidade, exprime uma realidade em essência diferente de sua aparência, pensando justamente no modo de produção capitalista. Como podemos compreender:

Assim, a realidade social, no capitalismo, é um todo orgânico em que as relações interagem de forma específica na medida em que são determinadas pelo capital, que precisamente estabelece o papel de cada uma no seio de seu processo de autovalorização. Nada fica indiferente a este processo: o capital é um incondicionado que não conhece limites transcendentais à sua expansão. Seu impulso, portanto, à dominação e à expansão decorre de sua própria essência, ou seja, é algo necessário. O problema é que o capital só se torna sujeito porque incorpora a substância trabalho, criadora de valor; de outro lado, a própria substância não se torna por si mesma sujeito, mas somente através da incorporação de um poder que lhe é estranho (OLIVEIRA, 2004, p. 85 apud WOHLFART, 2017, p. 08).

É mostrada, então, a força que impulsiona o capital, e pode-se notar que o capital sobrevive de sugar trabalho humano, ou a substância trabalho, criadora de valor. Compreende-se,

então, que essa força vital é extraída diretamente do trabalho não pago do capitalista, detentor dos meios de produção. É, portanto, mais trabalho e mais valor incorporados ao capital, que necessita dessa substância para viver e se autovalorizar<sup>3</sup>. O capitalista é alguém que arrisca seu capital no mercado de forma consciente, com o objetivo de acumular mais capital e, assim, continua com seu movimento de entrega e recuperação, sempre recuperando uma fatia maior do que foi lançada no mercado anteriormente. Em relação ao modo de exposição de Marx, seria possível compreender um sistema construído por este, que mostra a autovalorização discutida aqui:

Bem diferente é o modelo de sistema construído por Marx. Marx formula um sistema de apenas um componente, o capital, exposto num processo de autodesenvolvimento imanente. A única realidade do capital amplia sucessivamente a estrutura de suas modalidades de capital dinheiro, de capital industrial e de capital mercantil, torna-se uma realidade absoluta ao se interiorizar como estrutura radicalmente totalizante. O diferencial sistemático desta abordagem é que a lógica do capital absorve para dentro de si o homem, a sociedade, e a natureza na absolutização de sua própria racionalidade. O homem, a sociedade e a natureza são absolutamente capitalizados e dissolvidos pela lógica do capital. (WOHLFART, 2017, p. 08)

Nota-se, então, que, para o desenvolvimento do capital, nada pode ser poupado. Todas as coisas existentes podem ser deterioradas e transformadas em mercadorias, que se lançam em direção a essa autovalorização desse ser latente, do ser em movimento denominado capital.

Quando se compreende por lógica em *O Capital*, pode-se entender o modo como o sistema capitalista dilui tudo o que existe para manter vivo o seu movimento de autovalorização contínua. Ainda mais sobre a mercadoria, é possível compreender:

O Capital esboça movimentos similares. Marx começa pela circulação simples de mercadorias como o momento mais imediato no qual elas ainda são vistas em sua singularidade. Da superfície imediata o processo metodológico conduz para a interioridade do capital determinada no processo de produção do capital, com destaque especial na era da industrialização e a sua respectiva lógica. (WOHLFART, 2017, p. 09)

É possível notar que, para compreender esse movimento, sem dúvidas, é necessário começar pela riqueza e pela mercadoria. É necessário, primeiramente, compreender o conceito mais simples e aparente existente no modo de produção capitalista para, após isso, adentrar nas

---

<sup>3</sup> Nos dias atuais pode-se notar que essa expansão perfaz todos os meios possíveis onde se encontra o modo de produção capitalista, é possível notá-la presente na fabricação e venda dos mais diferentes tipos de remédios, que abastecem a indústria farmacêutica, porém a finalidade não é a extinção das doenças e mazelas existentes na sociedade, e sim a sua grande finalidade é a autovalorização do valor através da venda de seus produtos. Nota-se que

categorias mais determinadas. Além da mercadoria, é possível compreender esse movimento perpassando todo o capítulo 01 de *O Capital*. Primeiramente, Marx nos traz a mercadoria e sua forma simples; após isso, vai em direção ao valor de uso e ao valor de troca. Em seguida, os conceitos se negam e se superam dialeticamente, ou seja, valor de uso e valor. Esse movimento é compreendido em toda a sua obra, desde o primeiro capítulo. Porém, tratando-se de um movimento que se supera, é necessário compreender sua forma anterior. Por isso, é fundamental começar o estudo desse modo de exposição dialético através do capítulo 01 de *O Capital*. Como nos mostra WOHLFART (2017, p. 13): “As modalidades de capital financeiro, capital produtivo e capital mercantil não constituem coisas fixas, mas diferentes ciclos que necessitam passar pelos outros para se constituírem como tais.” Compreendemos, então, que existem outros conceitos mais determinados presentes em outras partes da obra, e todos os conceitos passam por esse modo de exposição e movimento. Fazendo um adendo entre os conceitos mais determinados e os conceitos mais simples:

Como conclusão do silogismo, o capital comercial mercantiliza tudo ao conferir um poder mágico ao mercado no qual as coisas e objetos de uso se transformam numa espécie de espiritualidade capitalista conhecida como fetichismo da mercadoria. Neste raciocínio, tudo é incondicionalmente incluído no sistema do mercado e fora dele nada é mais possível. Todas as realidades conhecidas como a natureza, a sociedade, a economia e a religião são reunidas e incluídas numa representação comum que se chama mercado e destinadas a reproduzir a sua racionalidade. (WOHLFART, 2017, p. 16)

Como se pode perceber, o fetiche da mercadoria, que será melhor trabalhado em um capítulo específico, conceito presente no capítulo 01 de *O Capital*, serve de base para compreender como o capital se utiliza de tudo que existe no mundo material e disso se aproveita para sua autovalorização e para manter vivo esse movimento. Na economia capitalista, as pessoas servem às coisas, em vez de as coisas servirem às pessoas. As coisas são dotadas de vida própria e servem com lealdade à economia capitalista, enquanto as pessoas ficam em segundo plano, pouco importando as condições e necessidades humanas mais importantes e essenciais. Como já foi falado, não importa que muitas pessoas tenham doenças terríveis e sofram com a falta de medicamentos, enquanto, em certa parte do mundo, esse mesmo medicamento está posto no mercado e servindo à autovalorização, trazendo lucro para o capitalista. Nessa relação privada, podemos perceber que as coisas servem a si mesmas e ao capital, pouco importando as outras

---

nem mesmo a saúde humana ou qualquer outro tipo de finalidade criada no modo de produção capitalista, pode fugir

questões que fogem dessa alçada. Na economia capitalista, a natureza serve ao capital, pouco importando quantas pessoas passam fome no mundo. Os bens de consumo são cultivados para sua modificação em mercadorias de consumo ou para a venda direta, sempre visando ao lucro do capitalista e ao movimento de autovalorização do valor.

Em uma sociedade capitalista, os bens são distribuídos de forma desigual, não fazendo jus a uma distribuição que possa atender às várias necessidades humanas. O homem pouco importa para a sociedade capitalista; sua grande importância dentro desse sistema é sua força de trabalho. Portanto, comprar sua força de trabalho e forçar sua duração ao máximo é o objetivo do capital.

E, continuando no raciocínio:

Neste viés silogístico, tudo desemboca incondicionalmente para a universalidade absoluta do mercado, pois estruturas como a natureza, a sociedade, a história e a religião são dissolvidas em suas particularidades próprias e incorporadas pelo mercado. E o silogismo, interpretado na perspectiva do ponto de partida do dinheiro, é o pressuposto de valoração universal necessário para qualquer investimento e desenvolvimento material. Em palavras mais simples, apenas com dinheiro é possível fazer alguma coisa. (WOHLFART, 2017, p. 19)

Nota-se que, na sociedade capitalista, tudo gira em torno do dinheiro; porém, o dinheiro não deixa de ser uma forma de mercadoria. É o dinheiro a mercadoria universal escolhida para representar a substância do valor. Marx, no capítulo 01 de *O Capital*, exemplifica como o valor se desenvolve e como uma única mercadoria pode reproduzir essa substância do valor. É de fundamental importância compreender o início do desenvolvimento desse conceito para conseguir entender o papel do dinheiro no sistema capitalista. Ainda observando essa ótica já demonstrada, em relação à filosofia de Hegel, Fred Moseley, em seu artigo intitulado *O Universal e os Particulares na Lógica de Hegel e em O Capital de Marx*, nos mostra a seguinte explicação:

Para Hegel, a substância universal é o Espírito Absoluto, que incorpora a si mesmo em formas particulares de realidade objetiva. Esta é, certamente, a natureza idealista da filosofia de Hegel, que Marx rejeitou completamente. Para Marx, a substância universal é materialista – trabalho abstrato [...] (MOSELEY, 2016, p. 06)

Compreende-se, por esse ponto de vista, a visão materialista de Marx, em paralelo com o pensamento de Hegel. Porém, existem certas semelhanças que se podem observar no método de Marx. Em relação a essa questão, pode-se observar então:

---

dessa busca famigerada em acumular cada vez mais e acumular de forma consciente.

Portanto, Marx divide sua teoria da mais-valia em dois níveis básicos de abstração, os quais correspondem aos dois primeiros momentos do Conceito de Hegel: capital em geral (a produção de mais-valia), que corresponde ao momento de universalidade de Hegel; e concorrência (ou muitos capitais) (a distribuição da mais-valia), que corresponde ao momento da particularidade de Hegel. A singularidade é muito menos importante na lógica de Marx e será discutida brevemente abaixo (veremos que Marx relacionou capital de crédito com o momento da singularidade de Hegel, embora com um significado muito diferente). (MOSELEY, 2016, p. 09)

O método filosófico de Marx busca, então, dividir o conceito abstrato da mais-valia em sua universalidade, como capital em geral, e em sua particularidade, demonstrada em sua concorrência ou em muitos capitais. Nota-se que, a partir da abstração dos conceitos, é possível perceber as semelhanças entre Marx e Hegel e, mais adiante, segundo Fred Moseley, percebe-se a grande utilidade da observância desses conceitos:

Nesta importante passagem, Marx critica os economistas anteriores porque eles “misturaram” a teoria da mais-valia em sua “forma pura” (mais valia em geral e a determinação do lucro total da classe capitalista como um todo) e a teoria do “lucro real” (as formas particulares de mais-valia e a distribuição da mais-valia total entre os capitalistas individuais). Com a ajuda da lógica de Hegel, Marx não cometeu este erro. Marx não “misturou” estas duas fases da teoria; em vez disso, Marx manteve esses dois estágios estritamente separados e logicamente sequenciais. Primeiro, a forma geral e o valor total da mais-valia são teorizados, e, em seguida, as formas particulares e os valores individuais de lucro são teorizados, com a forma geral e o montante total de mais-valia pressupostos. (MOSELEY, 2016, p. 16)

Percebe-se, então, os pontos de contribuição da influência de Hegel nos escritos de Marx. Aborda-se a confusão entre os economistas anteriores e como Marx faz essa distinção, abordando-a em parte e resolvendo-a a seu modo, com a ajuda da lógica de Hegel. No artigo intitulado *Que método Marx ocultou?* de Helmut Reichelt, é mostrada novamente essa possível grande contribuição hegeliana presente na obra de Marx:

Ali se supõe ao menos que o método não esteja “oculto”. A própria linguagem em que o Rohentwurf foi redigido mostra a sua grande proximidade com a filosofia de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Marx indica expressamente “a grande ajuda” que a lógica hegeliana teria “proporcionado” a ele no “método de elaboração”.<sup>6</sup> Trata-se de uma “dialética necessária” (Marx, 1857/58, p.421 e p.250), e do desenvolvimento de “mudanças dialéticas” (ibidem, p.370). As categorias centrais da lógica hegeliana – ser, aparência, essência – surgem de novo no contexto de seu desenvolvimento das categorias econômicas, resumido na apresentação do “capital em geral” (ibidem, p.231), que deve ser diferenciado do “conceito simples de capital” (ibidem, p.327). algo que apenas parecia possível ao conceito hegeliano – a reconstituição teórica da dinâmica imanente

do sistema objetivo que se expande até as possibilidades assinaladas de sua superação prática: “O desenvolvimento preciso do conceito de capital – conceito fundamental da economia moderna – exige, a exemplo do próprio capital, do qual ele é o conceito abstrato contraposto, o alicerce da sociedade burguesa. Da concepção nítida dos pressupostos fundamentais da relação devem resultar todas as contradições da produção burguesa, assim como a fronteira a partir da qual ela é ultrapassada” (ibidem, p.250). (REICHELDT,2011, p. 03)

A teoria de Marx é nitidamente uma contribuição para a economia política e busca os alicerces no modo de pensamento hegeliano, tanto que, nos conceitos fundamentais presentes na obra *O Capital*, é possível notar essa abstração e movimento, que de fato provêm da dialética de Hegel. Nota-se, na observação do conceito de capital em geral, a apresentação do conceito, seu desenvolvimento e superação, inseridos na economia moderna. Esse modo de desenvolvimento dos conceitos, que está presente na obra de Marx, é a grande proximidade com a dialética hegeliana. E, continuando:

Na metáfora de Hegel, tal como a planta desenvolve-se a partir da semente, assim também a lei do capital se desenvolve a partir de determinações simples, chegando até a sua superação imanente. Nesse conceito simples de capital “devem estar contidas em si todas as suas tendências civilizatórias etc.; e não aparecer, como ocorre na economia de agora, simplesmente como conseqüências externas. Do mesmo modo, devem-se demonstrar as contradições mais tarde liberadas como já presentes nele de forma latente” (ibidem, p.327). (REICHELDT,2011, p. 03)

O desenvolvimento presente em *O Capital* obedece a uma ordem de superação em um movimento dialético que extrai dos conceitos a sua essência, que é desenvolvida e mostrada de forma diferente de sua aparência. Resta a dúvida se, de fato, existe algum acréscimo de Marx em relação à dialética de Hegel e, portanto, um método distinto de exposição. Para ajudar a complementar esse paradigma, é preciso se voltar para a escrita do próprio Marx:

Ao considerar a economia política de um dado país, começamos por sua população, sua divisão em classes, distribuída pela cidade, campo e mar; os diversos ramos da produção, a exportação e a importação, a produção anual e o consumo anual, os preços das mercadorias etc. É que parece correto começar pelo real e pelo concreto, pela pressuposição efetivamente real e, assim, em economia, por exemplo, pela população: fundamento e sujeito do ato todo da produção social (die Grundlage und das Subjekt des ganzen gesellschaftlichen Produktionsakts). A uma consideração mais precisa, contudo, isto se revela falso. A população, por exemplo, se omito as classes que a constituem, é uma mera abstração. Estas últimas, por sua vez, são uma expressão vazia se não conheço os elementos sobre que repousam, a saber, o trabalho assalariado, o capital etc. E esses pressupõem a troca, a divisão do trabalho, os preços etc., de sorte que o capital, por exemplo, nada é, sem o valor, o dinheiro, o preço etc. Se

começasse pela população, haveria de início uma representação (Vorstellung) caótica do todo, e só através de determinação mais precisa (durch nähere Bestimmung) eu chegaria analiticamente (analytisch), cada vez mais, a conceitos (Begriffe) mais simples. Partindo do concreto representado (von dem vorgestellten Konkreten), chegaria a abstratos sempre mais tênues, até alcançar, por fim, as determinações mais simples (die einfachsten Bestimmungen). Dali, a viagem recomeçaria pelo caminho de volta, até que reencontrasse finalmente a população, não já como a representação caótica de um todo (eines Ganzen), e sim como uma rica totalidade de muitas determinações e relações (als einer reichen Totalität von vielen Bestimmungen und Beziehungen). (MARX, 2010, p. 07)

No presente trecho extraído da obra *O Método da Economia Política* de Marx, com corte feito por João Quartim de Moraes, podemos perceber que, desse ponto de vista, é possível compreender como Marx realiza, de fato, esse desenvolvimento de análise das condições sociais no modo de produção capitalista. Marx nos mostra que, ao observar imediatamente a sociedade, é possível ver as relações que são presumidamente reais e concretas. Observa-se o mundo e faz-se um juízo de aceitação: o mundo é observado de forma imutável, expressando características concretas e imutáveis. Compreende-se que, por meio dessa observação, nada é percebido e nenhuma contradição é encontrada. De imediato, observa-se a natureza, a população, e tudo parece ser inato e imutável. Porém, após a observação desse todo concreto e aparentemente real, é possível chegar às categorias mais simples e abstratas. E, ao chegar a essa categoria, é possível fazer o movimento inverso, partindo dessas categorias simples e abstratas que vieram daquele concreto aparente. É possível, então, desenvolver esse conceito em direção à totalidade, que agora não nos parece mais ser essa representação caótica de suposta realidade. Agora, percebe-se a grande e rica totalidade de muitas determinações e relações. Através desse movimento, é possível enxergar esse concreto aparente, ir em direção ao simples abstrato e, após isso, desenvolver-se e revelar o que de fato ocorre nessa sociedade. Depois desse movimento, é possível enxergar a totalidade que antes estava oculta. Marx continua exemplificando esse método:

Exemplo: os economistas do século XVII que sempre começam por um todo vivo (dem lebendigen Ganzen) – população, nação, Estado, vários estados etc. – , mas sempre terminam por algumas relações gerais, abstratas, determinantes (einige bestimmende abstrakte, allgemeine Beziehungen) – divisão do trabalho, dinheiro, valor etc. – que eles descobriram por análise. Tão logo esses aspectos individuais isolados (diese einzelnen Momente) achavam-se mais ou menos abstraídos e fixados, os sistemas econômicos começavam a elevar-se (aufsteigen) a partir dos elementos simples – o trabalho, a divisão do trabalho, as

necessidades (Bedürfnis), o valor de troca, até o Estado, o intercâmbio entre as nações e o mercado mundial. É manifesto que este último caminho é o método cientificamente correto. (MARX, 2010, p. 09)

Marx compreende que as categorias que os economistas do século XVII percorrem são, de certa forma, uma inversão que oculta o verdadeiro desenvolvimento das categorias. Portanto, seu método é exposto e desenvolvido em completa diferença em relação aos seus predecessores. E, quando essa transformação das categorias abstratas em direção às categorias concretas é feita, de certo modo, pensa-se em um desenvolvimento do conceito simples e abstrato — desenvolvimento que percorre toda a obra contida em *O Capital*, de Marx. E mais adiante:

No primeiro caminho, toda a representação se desvanece em determinação abstrata, ao passo que, no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto no plano (im Weg) do pensamento. Foi o que levou Hegel a extraviar-se na ilusão de conceber o real (das Reale) como resultado de um pensamento que, em si mesmo se concentra, em si se aprofunda e por si se move (das Reale als Resultat des sich in sich zusammenfassenden, in sich vertiefenden und aus sich selbst sich bewegenden Denkens zu fassen), enquanto o método de se elevar do abstrato ao concreto é apenas a maneira de o pensamento apropriar-se do concreto e o reproduzir como concreto espiritual (als ein geistig Konkretes), mas de maneira nenhuma se trata do processo da gênese (der Entstehungsprozeß) do próprio concreto. Por exemplo, a categoria econômica mais simples, digamos o valor de troca: ele já pressupõe a população, uma população que produz sob relações determinadas; pressupõe igualmente certa espécie de família ou de comuna ou de Estado etc. Ele jamais pode existir a não ser como uma relação abstrata, unilateral de um todo vivo, concreto, já dado. E, sem embargo, como categoria (als Kategorie), o valor de troca tem, ao contrário, uma existência antediluviana. Por isso, para a consciência – e isto determina a consciência filosófica –, para a consciência, só o pensamento conceitual é o homem efetivamente real e somente o mundo conceituado possui, como tal, efetiva realidade. De sorte que, para a consciência, o movimento das categorias (die Bewegung der Kategorien) assume a aparência de um ato efetivamente real de produção – recebendo de fora apenas um empurrão, aliás, deplorável –, cujo resultado é o Mundo. (MARX, 2010, p. 09)

O próprio Marx traz, então, a distinção entre seu método e o método de Hegel. De início, as indagações em relação às semelhanças entre o modo de exposição de Marx e Hegel deixam uma dúvida constante em cada representação do modo de exposição de Marx. Porém, Marx mostra que, diferentemente de Hegel, esse modo de desenvolvimento do conceito não é restrito ao pensar. Sua distinção principal é seu percurso, que termina do abstrato ao concreto.

## 2.2 O Modo de Exposição Dialético de *O Capital*.

A obra *O Capital* desperta grande fascinação até os dias atuais; alguns a discriminam, sendo alvo de debates políticos acalorados. Entende-se que parte da polêmica e dos mistérios que circulam em torno dessa obra se dá em relação ao fato de ser uma obra científica e revolucionária. Por ser uma obra crítica e revolucionária, portanto, *Kritik* no sentido alemão da história da filosofia, ela difere das obras científicas econômicas burguesas. Através de uma breve explanação, pode-se compreender os parâmetros dialéticos existentes em *O Capital*. Segundo Hector Benoit:

Durkheim, corretamente, nega a "cientificidade" da "ciência social" ao *Capital*, mas como se Marx estivesse aquém da cientificidade analítica do entendimento, quando, na verdade, Marx está além da cientificidade do entendimento, isto é, está em uma cientificidade dialética, isto é, crítica e ... revolucionária. (BENOIT, 1996 p. 02)

Brevemente, nesta nota de rodapé do artigo escrito por Hector Benoit, onde ele menciona a análise de Durkheim sobre os parâmetros científicos de *O Capital*, repousa uma explanação de grande importância para compreender o método de exposição dialético da respectiva obra de Marx. Em outras palavras, a cientificidade presente em *O Capital* é justamente o seu método de exposição dialético, ou seja, o modo de exposição das contradições sociais existentes no modo de produção capitalista. Nota-se uma inquietude presente nessa obra de Marx, e podemos compreender essa agitação da seguinte forma, segundo Hector Benoit:

Para Marx, a contradição da luta de classes está no interior de cada objeto, de cada mercadoria e também no interior de cada obra teórica produzida no interior de uma sociedade de classes. Portanto, no interior da sua própria obra, *O Capital*. (BENOIT, 1996 p. 03)

O método de Marx não é o método a priori kantiano; o método dialético de Marx é o próprio método de exposição de *O Capital*. Portanto, em qualquer mercadoria, é possível notar a luta de classes presente em sua elaboração. Quando, em posse de uma caneta, o estudante se relaciona com esse produto de forma diária, porém não consegue perceber o tempo de trabalho necessário para a produção dessa mercadoria, muito menos reflete por que o dinheiro que ele desprende para comprar a caneta é equivalente ao valor da caneta. Seu relacionamento com o produtor de canetas não existe; o que existiu foi a relação do seu dinheiro sendo permutado diretamente pela caneta.

Nota-se que, através de uma breve narrativa envolvendo um simples produto, existe uma infinidade de conceitos filosóficos que passam despercebidos pela grande maioria das pessoas. Esses conceitos percorrem um caminho que Marx expõe de forma dialética no capítulo 1 de *O Capital*.

Além do que podemos observar no seu método de exposição, devemos nos ater também ao método de abstração presente em sua obra, como nos mostra André de Góes Cressoni:

O ponto nodal da crítica apresentada aqui consiste em demonstrar que a abstração, como processo de purificação dos elementos perturbadores da análise, não se reduz à dificuldade de apreensão da realidade do sistema, mas se refere muito mais ao intuito de Marx em desenvolver o conceito concreto de capital a partir das condições lógicas de possibilidade do mesmo. A abstração deve ser desenvolvida dialeticamente, de modo que a possibilidade lógica dá lugar à efetivação do sistema como um todo. O método expositivo deve abranger, por isso, os níveis de efetividade do conceito de capital, de modo que as leis internas e abstratas ganham corpo e vida. Somente neste sentido se pode compreender a interpenetração entre o método expositivo e a lógica interna do sistema, colocando o método de abstração no seu lugar correto dentro da arquitetura de *O Capital*. (CRESSONI, 2011, p. 59)

O método de exposição na obra de Marx envolve um processo de abstração que, no entanto, é apresentado de forma dialética. Através desses conceitos, podemos perceber as contradições existentes no sistema capitalista. Segundo Isaak Illich Rubin, podemos compreender que o materialismo histórico e a teoria econômica de Marx giram em torno da mesma problemática:

A teoria do materialismo histórico de Marx, e sua teoria econômica, giram em torno de um mesmo problema básico: a relação entre as forças produtivas e as relações de produção. O objeto de ambas ciências é o mesmo: as modificações das relações de produção, que dependem do desenvolvimento das forças produtivas. O ajustamento das relações de produção às modificações das forças produtivas - processo que reveste a forma de contradições crescentes entre as relações de produção e as forças produtivas, e dos cataclismas sociais provocados por essas contradições, são o tema básico da teoria do materialismo histórico. Aplicando esta abordagem metodológica à sociedade mercantil-capitalista, temos a teoria econômica de Marx. Esta teoria analisa as relações de produção da sociedade capitalista e seu processo de modificação, enquanto provocado por modificações das forças produtivas, e o crescimento das contradições, que geralmente se expressam nas crises. (RUBIN, 1987, p. 14)

Condicionamos, então, o trabalho e a produção de bens materiais de acordo com a época em que vivemos. Percebe-se que a teoria do materialismo histórico tem a mesma perspectiva da teoria econômica de Marx. Toda a problemática gira, então, na contradição crescente entre as

duas classes que entram em confronto no modo de produção capitalista, sendo elas a burguesia e o proletariado, bem como o processo de modificação e produção de mercadorias. Marx assume o papel de entender o modo de produção capitalista e separa, de forma bem coerente, as características sociais existentes nesse sistema.

Muitos dos materiais existentes no ensino médio resumem Marx como um mero sociólogo, porém a criação da sequência pedagógica pretendida com essa dissertação é justamente fundamentar a sua grande contribuição com a filosofia. Quando Marx cita a mercadoria, ele pretende, desde o início, trazer ao concreto, em sua obra, algo que cerca as pessoas no modo de produção capitalista e que, de certa forma, não é notado pelas pessoas. Esse tipo de abordagem poderia convidar o estudante a refletir sobre a realidade em que vive e a melhorar suas perspectivas como cidadão.

E somente com essa primeira abordagem da mercadoria, analisada de forma coerente, é possível compreender os conceitos abstratos que seguem a obra de Marx. Entende-se, então, que o método filosófico de Marx é o modo de exposição dialético presente no capítulo 01 de *O Capital* e permeia a obra como um todo. Pensando dessa forma, dois artigos aqui abordados são fundamentais para a compreensão do que é mostrado no presente capítulo, sendo o artigo intitulado "*Sobre a crítica (dialética) de O Capital*", escrito por Hector Benoit (obra que já foi introduzida no início do presente capítulo), e o artigo "*Exposição e Método Dialético em O Capital*", escrito por Marcos Lutz Muller. Esses dois artigos são exemplos de escritos que rompem com uma longa tradição de uma obra mecânica e naturalista de Marx. Iniciando a compreensão desse movimento dialético, Hector Benoit nos traz as seguintes indagações:

Os objetos tomados em *O Capital* obedecem sempre a esse movimento contraditório que os arranca do seu ser aparente e em repouso, que os recoloca na inquietude da sua produção e que os removendo redescobre os seus pressupostos. Refundados sob um novo princípio não dogmático (princípio deduzido do desenvolvimento das suas próprias contradições, do desdobramento dos seus antagonismos), os objetos são assim superados, isto é, negados dialeticamente. Se a esse movimento são submetidos os diversos objetos particulares que vão aparecendo durante os diversos capítulos (a riqueza, a mercadoria, a forma do valor, a forma dinheiro, a produção da mais-valia, a mais-valia absoluta, a mais-valia relativa, a acumulação de capital.), pode-se dizer que, já no primeiro livro de *O Capital*, os pressupostos mesmos deste modo de produção são submetidos a esse movimento negativo de superação dialética. E assim, já no primeiro livro de *O capital* se realizava a crítica (da Economia Política burguesa) e também a teoria programática para a negação desse modo de produção, o modo de produção capitalista, tomado em sua "forma simples e fundamental". (BENOIT, 1996, p.03)

Portanto, esse modo de exposição, essa forma de destacar a aparência de um objeto, retirando-o de sua forma inerte e colocando-o na inquietude de sua produção e circulação, explorando os seus princípios que provêm de suas contradições, sendo submetidos, portanto, a um movimento negativo de superação através da dialética, inicialmente, pode-se compreender o modo de exposição dialético de *O Capital*. Mais adiante, sobre o modo de exposição e seu início, segundo Hector Benoit:

O capital começa, ao nível do modo exposição, como a economia política burguesa (como, por exemplo, Adam Smith) partindo da riqueza. Mas já a primeira afirmação lança o processo negativo. Pois se fala a respeito da aparência da riqueza e assim se supõe uma forma não-aparente da riqueza; fala-se também não da riqueza em geral (como pensaria a Economia Política burguesa), mas, sim, da "riqueza (der Reichtum) das sociedades nas quais domina o modo de produção capitalista", ou seja, historiciza-se a riqueza. Essa riqueza aparece (erscheint) como "uma imensa coleção de mercadorias" e a mercadoria individual (die einzelne Ware) como a forma elementar. Ao universal indeterminado "uma imensa coleção de mercadorias" se contrapõe dessa maneira o individual, a mercadoria. Abstratamente, todo o percurso dialético do primeiro livro está pressuposto neste primeiro parágrafo: o universal abstrato da Economia Política burguesa, riqueza aparente e não-histórica, deve ser superado pelo ser histórico da riqueza, ou seja, a riqueza determinada historicamente, e assim é necessário refazer ou reconstruir lógica e historicamente o percurso que vai da mercadoria individual à "imensa coleção de mercadorias". Este é abstratamente o percurso que será percorrido no livro primeiro. (BENOIT, 1996, p.04)

Nesta respectiva citação, é possível perceber a forma negativa e contraposta da riqueza que é trazida por Marx no início de *O Capital*. Tem-se essa riqueza como aparente, presume-se, portanto, uma forma não aparente de riqueza, e, através dessa contraposição, percebe-se o movimento dialético presente na obra já logo de início, no primeiro parágrafo do capítulo 01. Essa riqueza aparente, como nos mostra o autor, é uma riqueza específica, encontrada somente e, portanto, proeminente no modo de produção capitalista, riqueza esta que deve ser superada. Porém, para entender o percurso da mercadoria até essa forma aparente da riqueza presente no modo de produção capitalista, é preciso realizar essa observação que inicia na mercadoria e vai até a imensa coleção aparente de mercadorias. E continua o autor:

A mercadoria é tomada na sua imediatez mais aparente, na sua positividade mais absoluta. É descrita como "um objeto externo", "uma coisa" que através das suas propriedades satisfaz necessidades humanas. A mercadoria é assim valor de uso, mas logo se acrescenta que na forma específica de sociedade que se vai estudar, ou seja, a forma capitalista, o valor de uso é também "o suporte material" (die

stofflichen Triiger) do valor de troca. O Ou seja, a positividade da mercadoria começa a dissolver-se, o valor de uso mostra-se como suporte do valor de troca e este por sua vez mostra-se como a forma de manifestação (die Erscheinungsform) de outro conteúdo, o valor. A partir do desenvolvimento e assim ampliação dessa contradição internada mercadoria, valor de uso e valor, mostra-se a contradição entre trabalho individual e social. Esta contradição, por sua vez, exige a existência da forma dinheiro, já que somente com o dinheiro, enquanto um meio universal de troca, pode-se realizar a permuta social dos diversos trabalhos privados. Mas, a forma dinheiro, "esta forma acabada do mundo das mercadorias, ao invés de revelar (offenbaren) o caráter social dos trabalhos privados e portanto as relações sociais entre os produtores privados, ao contrário, as encobre (verschleiert). As relações entre homens aparecem como relações entre coisas. (BENOIT, 1996, p.05)

O autor explora o modo de exposição dialético e faz de forma simples e rápida o percurso existente no decorrer da obra, mostrando que tudo o que foi desenvolvido e exposto só foi possível, portanto, através da compreensão do movimento dialético presente no início de *O Capital*. Através das contradições existentes na forma de observação da mercadoria, pode-se perceber que todos os conceitos se negam e se justificam, chegando, então, nas relações sociais entre os homens, que aparecem como relações entre coisas. E o autor nos traz mais algumas explicações sobre o que já foi dito:

Com esta crítica da economia da sociedade burguesa e da sua consciência teórica, a Economia Política, Marx termina o capítulo primeiro. Como se vê, neste primeiro capítulo, apesar de se haver chegado só até a forma dinheiro (e de maneira ainda não desenvolvida), já se pode perceber o movimento dialético geral do primeiro livro de *O Capital*. Desde o primeiro parágrafo, as negações contraditórias vão sendo lançadas, avançam, fecham-se e reabrem-se em círculos cada vez mais amplos. Os capítulos seguintes continuarão o mesmo curso, mas de maneira cada vez mais determinada se avançará dialeticamente para o fim, para o fim que, na verdade, é fundamento (Grund), é princípio. Assim, no método dialético, avançar é um retroceder. Avançar é, como dizia Hegel, "um retroceder ao fundamento (Grund), ao originário (dem Ursprünglichen) e verdadeiro, do qual depende o começo (Anfang) com o qual se começou e pelo qual efetivamente foi produzido". O começo pressupõe assim o fim, fim que, na verdade, é princípio, arché, fundamento originário. Por isso mesmo, em *O Capital*, em certo sentido ("para nós", para quem já conhece o percurso), desde o começo já se pode pressupor o fim, princípio pressuposto que produz o começo. Portanto, o princípio (que é fim) está lá já encadeado ao começo desde o começo, desta maneira, desde o começo está lançado e encadeado, com férrea necessidade, todo o movimento do primeiro livro. Avancemos mais, do começo para o princípio. (BENOIT, 1996, p.08)

Percebe-se, então, que as negações contraditórias são desenvolvidas já de imediato no capítulo 01 de *O Capital*, e podendo ser percebidas de forma concisa no decorrer de toda a obra

de Marx. Esse método filosófico e, portanto, modo de exposição dialético, se faz presente de forma plena desde o início da obra, e sem ele nada poderia ser feito posteriormente. Ainda sobre a dialética de *O Capital*, segundo Marcos Lutz Muller:

As duas primeiras questões serão abordadas na medida em que elas incidem sobre este elemento constitutivo ou dimensão do método dialético designada pelo conceito de “exposição”. Pergunta-se o que é a dialética enquanto método de exposição de *O Capital*? A abordagem restrita a este aspecto, se insere contudo no quadro mais amplo de uma tentativa de analisar, a partir de um confronto entre certas características metodológicas globais da Ciência da Lógica e de *O Capital*, quatro características ou, melhor, dimensões principais do método dialético de *O Capital*, que poderiam ser concisamente designadas pelos conceitos de: exposição, procedimento progressivo-regressivo, contradição e crítica. O método de *O Capital* se caracterizaria por ser uma exposição crítica, progressivo-regressiva das contradições do capital a partir de sua contradição fundamental. (MULLER, 1982, p. 02)

Quando, de início, observamos os paradigmas existentes em *O Capital*, pode-se compreender quatro características ou dimensões do método dialético presente na obra. Sendo estas, portanto: o conceito de exposição, procedimento progressivo-regressivo, contradição e crítica. Percebe-se, então, que todas essas características compõem a obra como um todo e percorrem todas as lacunas do sistema capitalista burguês, ao mesmo tempo em que expõem as contradições existentes e como ocorrem as relações sociais e suas divergências, que passam despercebidas por grande parte das pessoas. E continua Marcos Lutz Muller:

Dialética significa em *O Capital* primeiramente e, também, predominantemente, o “método/modo de exposição” crítica das categorias da economia política, o método de “desenvolvimento do conceito de capital” a partir do valor, presente na mercadoria, enquanto ela é a categoria elementar da produção capitalista que contém o “germe” das categorias mais complexas. O conceito fundamental, aqui, para o Marx crítico da economia política, é o de “exposição”, “método de exposição”, que designa o modo como o objeto, suficientemente apreendido e analisado, se desdobra em suas articulações próprias e como o pensamento as desenvolve em suas determinações conceituais correspondentes, organizando um discurso metódico. (MULLER, 1982, p. 02)

Percebe-se, então, que o germe da economia capitalista é a mercadoria e, a partir dela, é possível lograr êxito ao galgar as categorias mais complexas que perfazem o modo de produção capitalista. O conceito de desenvolvimento do valor presente na mercadoria traz, no capítulo 01 de *O Capital*, esse modo de exposição dialético. O desdobramento dos conceitos que delineiam a obra *O Capital*, de Marx, e suas contradições no modo de produção capitalista são preponderantes na análise do seu método filosófico. Em seguida, Marcos Lutz Muller cita o método de Hegel em relação a Marx:

O que caracteriza o conhecimento dialético é, primeiramente, que o verdadeiro (Hegel), o racional e o concreto (Hegel, Marx), não são de acesso imediato a qualquer tipo de intuição intelectual ou experiência direta, que intuiria ou tomaria o objeto no seu ser dado imediato, mas que eles são o resultado de um movimento de pensamento, do que Hegel chama de “trabalho do conceito”, que expõe progressivamente, a partir das determinações mais simples e abstratas do conteúdo, suas determinações cada vez mais ricas, complexas e intensas, até o ponto de sua unidade, que não é uma unidade formal, mas uma unidade sintética de múltiplas determinações. Esta caracterização vale, em princípio, tanto para Hegel, como para Marx. Conforme a esta exigência, o verdadeiro concreto da realidade capitalista não é dado pela, experiência direta da circulação de mercadorias e pelo movimento dos preços, isto é, pelas categorias da circulação, mas é o resultado de um processo de pensamento que reconstrói a constituição sistemática do capital a partir das determinações mais simples, abstratas e aparentes da produção capitalista (mercadoria, valor, dinheiro, circulação), para chegar as mais ricas concretas e essenciais, através da explicitação das categorias da produção a partir da lei da valorização (mais-valia, exploração, tempo de trabalho, trabalho necessário e excedente, mais-valia absoluta e relativa, cooperação, divisão do trabalho, maquinaria, trabalho assalariado, reprodução e acumulação, para indicar algumas das principais categorias do Livro I de *O Capital*). (MULLER, 1982, p. 04)

Percebe-se, então, que o conhecimento dialético provém de um movimento de pensamento, e o real não são conceitos acabados e imutáveis. Sendo estes, portanto, expostos de forma progressiva, necessitam de um movimento que vai do ponto mais simples até uma unidade sintética. E é, portanto, válido pensar nesse movimento de pensamento, tanto em Hegel quanto em Marx. Percebe-se, então, que, nos escritos de Marx, no livro 01 de *O Capital*, existe um processo de pensamento que delinea os conceitos, percorrendo da forma mais simples até a forma mais complexa, expondo a contradição. Esse movimento percorre todos os conceitos, desde as determinações mais simples e abstratas, como mercadoria, valor, dinheiro e circulação, até as mais concretas, sendo elas mais-valia, exploração, tempo de trabalho etc. Portanto, esse movimento do pensamento é o modo de exposição dialético presente em *O Capital*.

Diante do exposto, fica evidente que o modo de exposição dialético presente na obra de Marx não apenas organiza os conceitos de forma progressiva, mas também revela as contradições inerentes ao real, partindo das determinações mais simples até as mais concretas. Essa estrutura de exposição, essencial para a compreensão de *O Capital*, permite ao leitor acompanhar o desenvolvimento da crítica à economia política de maneira rigorosa e articulada. Com isso, abre-se espaço para uma reflexão sobre como esse método tem sido abordado nos livros introdutórios ao pensamento de Marx, tema que será analisado no próximo capítulo.

### 3 PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS LIVROS INTRODUTÓRIOS SOBRE O PENSAMENTO DE MARX

Para analisar a fundamentação de uma sequência didática, presume-se que existe a necessidade da criação de um material voltado para a obra *O Capital*, de Karl Marx, e, principalmente, para o capítulo 1, que possa abordar de forma concisa e com uma linguagem acessível ao estudante do ensino básico a compreensão dos conceitos filosóficos presentes na obra de Marx. Portanto, para a criação de uma sequência didática, foi necessário avaliar os livros existentes e constatar a necessidade da elaboração desse material.

Foram escolhidos, para essa análise, os seguintes trabalhos, sendo estes lançados nos últimos 20 anos e que nasceram com a proposta de mostrar o modo de exposição de Marx. Foi escolhido, primeiramente, um prefácio do livro *O Capital*, lançado em 2022 pela editora Boitempo, intitulado “*Advertência aos leitores do livro I D’ O Capital*”, escrito por Louis Althusser. Em seguida, foi analisada a obra *Marx: Ciência e Revolução*, do autor Márcio Bilharinho Naves, professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, lançada no ano 2000. Foi escolhida, também, a obra *O Capital para Educadores ou Aprender e Ensinar com Gosto a Teoria Científica do Valor*, de Vitor Henrique Paro, lançada em 2022 pela editora Expressão Popular. Foi escolhida, também, a obra *Mais Marx: Material de Apoio à Leitura d’O Capital Livro I*, sendo uma versão brasileira do título original em alemão *PolyluxMarx: Bildungsmaterial zur Kapital-Lektüre, Erster Band*, lançada em 2016. Foi escolhida, também, a obra *Marx para Apressados*, de Robert Misik (2006). Foi escolhida, também, a obra *Compreender Marx*, de Denis Collin (2008). Foi analisada, também, a obra *10 Lições sobre Marx*, de Fernando Magalhães, lançada em 2015. E, por fim, foi analisada a obra do professor Jorge Grespan, intitulada *A Mercadoria*, lançada em 2006.

Estes materiais abordados fazem parte dos vários textos introdutórios que surgiram no mercado editorial brasileiro e internacional atualmente e também de alguns anos atrás. Não foram analisados os textos antigos, da década de 1950 a 2000, sendo abordados, portanto, apenas os materiais deste milênio, salvo o prefácio encontrado na edição de *O Capital*, da editora Boitempo. Apesar da grande importância teórica, algumas obras trazem conceitos essenciais, e outras acabam aprofundando-os de uma forma que não seria adequada para o ensino médio. Apesar de não serem obras específicas voltadas para a educação básica, servem como parâmetro

para alunos e educadores. Dessa forma, é necessário um plano pedagógico e a criação de um material completamente diferente dos materiais já apresentados.

Os materiais atuais não atendem ao que se busca neste material. Portanto, pretende-se criar uma sequência didática inovadora. A exemplo da obra do professor Jorge Grespan, intitulada *A Mercadoria*, essa obra é, sem dúvida, de grande importância para as nossas pretensões, mas, quando analisada minuciosamente, nota-se que é voltada para o público universitário ou para aqueles que já iniciaram os estudos sobre Marx.

Para iniciar a análise, podemos entender que a abordagem de Marx pode ser feita diretamente consultando *O Capital*. Porém, quando nos deparamos com uma das edições mais recentes de *O Capital*, lançada pela editora Boitempo, pode-se notar, em suas primeiras páginas, algo que pode confundir a mente de muitos estudiosos de Marx. Conforme se extrai de um prefácio intitulado “*Advertência aos leitores do livro I D’ O Capital*”, escrito por Louis Althusser<sup>4</sup>, como se pode analisar:

Aconselho insistentemente, portanto, o seguinte método de leitura:

- 1) deixar deliberadamente de lado, em uma primeira leitura, a seção I (“Mercadoria e dinheiro”);
- 2) começar a leitura do Livro I pela seção II (“A transformação do dinheiro em capital”);
- 3) ler com atenção as seções II [“A transformação do dinheiro em capital”], III (“A produção do mais-valor absoluto”) e IV (“A produção do mais –valor relativo”);
- 4) deixar de lado a seção V (“A produção do mais-valor absoluto e relativo”);
- 5) ler atentamente as seções VI (“O salário”), VII (“O processo de acumulação do capital”) e o capítulo 24 (“A assim chamada acumulação primitiva”);
- 6) começar a ler enfim, com infinitas precauções, a seção I (“Mercadoria e dinheiro”), sabendo que ela continuará extremamente difícil de ser compreendida, mesmo depois de várias leituras das outras seções, se não houver ajuda de um certo número de explicações aprofundadas. Garanto que os leitores que quiserem observar escrupulosamente essa ordem de leitura, lembrando-se do que foi dito sobre as dificuldades políticas e teóricas de qualquer leitura d’O capital, não se arrependirão. (ALTHUSSER, 2022, p. 49)

Entende-se que a ordem das categorias da obra de Marx deve ser respeitada, porém, como o próprio mencionou Louis Althusser (2022, p. 49): “[...] ler enfim, com infinitas precauções, a seção I (“Mercadoria e dinheiro”), sabendo que ela continuará extremamente difícil de ser

---

<sup>4</sup> Filósofo do marxismo estrutural de origem francesa nascido na Argélia.

compreendida, mesmo depois de várias leituras das outras seções, se não houver ajuda de um certo número de explicações aprofundadas.” Entende-se que, tratando-se de uma leitura inaugural da obra de Marx, em certo ponto, ela pode ser de grande dificuldade quando o leitor não tem a mínima noção de economia política. Porém, isso não significa que sejam hieróglifos indecifráveis e também seria de grande ajuda um material com explicações detalhadas e mais compreensíveis. Muito melhor seria se o indivíduo tivesse em mãos um material com explicações aprofundadas e, além disso, que trouxesse uma linguagem fácil de ser entendida. Justamente esses são os grandes objetivos dessa dissertação. O estudante, tendo um contato primário diretamente com a obra, pode necessitar de algum material como suporte para que consiga entender os conceitos primeiramente abordados, porém, respeitando estritamente a ordem das categorias de Marx, começando a leitura do capítulo 1 em diante.

Continuando a nossa análise, mostrando que realmente é necessária a elaboração desse material, serão mostradas obras atuais que, apesar de sua grande contribuição e também de conteúdos valiosos, não atendem ao que é proposto na presente dissertação, que é a criação dessa inovadora sequência didática.

### **3.1 *Marx Ciência e Revolução* do autor Márcio Bilharinho Naves**

Após a análise do prefácio lançado em *O Capital* pela editora Boitempo em 2022, a primeira obra que será analisada é *Marx: Ciência e Revolução*, do autor Márcio Bilharinho Naves, professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

Inicialmente, observa-se que essa obra difere em vários aspectos das outras obras que serão analisadas. A obra apresentada inicialmente tem como objetivo mostrar a filosofia presente na obra de Marx, sendo este também o objetivo principal da presente dissertação. Porém, nossa análise busca formular uma sequência didática para o ensino médio. Entende-se que os conceitos abordados na obra de Naves são mostrados e exemplificados de forma magistral, sendo, em sua grande maioria, temas a serem abordados no âmbito da faculdade<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Eis a missão então, formular uma sequência didática voltada para o método filosófico de Marx, exemplificando também suas influências filosóficas, entretanto com uma linguagem mais acessível e direcionada para o aluno no ensino médio.

Logo na introdução do livro agora analisado, são explicados e preestabelecidos os alicerces que compõem a respectiva obra. De início, o autor cita de forma coerente os princípios basilares que devem nortear o leitor e como este pode conhecer o modo analítico e crítico presente no modo de exposição de Marx, como podemos ver:

Essas representações sobre a eternidade das relações sociais burguesas não são inocentes. Foi Marx, justamente, que nos educou o olhar para que pudéssemos ver o processo contraditório que atravessa essas relações e a possibilidade de sua destruição. E foi ele também que nos fez ver a complexa trama ideológica, isto é, o conjunto de representações imaginárias que recobrem e obscurecem as relações reais, no interior da qual se exerce a dominação de classe burguesa. (NAVES, 2000, p. 09)

Entende-se que, de forma abrupta, ter em mãos o respectivo livro e se deparar com vários temas desenvolvidos por Marx, sem uma explicação anterior, pode ser desafiador. Porém, o objetivo da obra não é ser um manual e muito menos se propõe a isso. Percebe-se que, desde o início, é presumível que o leitor tenha familiaridade com o tema. Isso raramente poderia acontecer com um aluno do ensino médio. É preciso criar um material que aprofunde os temas filosóficos desenvolvidos por Marx, porém extraíndo a dose certa, uma dose que poderá surtir efeito, pensando especificamente no público direcionado a esse material. Presume-se que toda obra de cunho intelectual, sendo um livro ou um manual, certamente seja moldada para um público específico. Ainda segundo o autor, Marx não escreveu suas obras pensando em pessoas que expressavam o oposto do seu pensamento. Muito mais do que isso, Marx, além de escrever uma obra científica, escreveu também uma obra crítica e revolucionária. Como nos mostra:

Marx elaborou uma concepção teórica objetivamente comprometida com os interesses da classe operária. Ela é, rigorosamente, a expressão teórica da luta de classe operária, e só pode ser compreendida a partir desse vínculo essencial. É por isso que ler Marx significa perseguir essa extraordinária aventura intelectual e política na qual ele não cessa jamais de criticar as representações burguesas e pequeno-burguesas, dentro e fora do movimento operário, que funcionam como obstáculos para o conhecimento científico das relações sociais capitalistas. (NAVES, 2000, p. 09)

É mostrado pelo autor, desde o início do livro, uma explicação pormenorizada sobre os objetivos da obra de Marx e qual contexto é utilizado por Marx para exprimir seus conceitos. Porém, somente com uma base sólida sobre Marx, o leitor pode dirimir, de forma rápida, a direção do livro e conseguir absorver todos os conceitos apresentados. Essa é uma questão que

difícilmente poderia ser compreendida por alunos do ensino médio e até mesmo por alguns educadores.

Observando o primeiro capítulo, o autor se propõe a mostrar o percurso que Marx percorreu para conseguir desenvolver suas ideias e elaborar suas obras, além de serem apresentadas ótimas ilustrações. O início é muito mais voltado para o conceito biográfico de Marx, trazendo, de forma clara, sua vida e obra, percorrendo, inicialmente, os anos iniciais do filósofo. Depois de percorrer a biografia, que, de certa forma, o moldou, o autor finaliza com o tópico “A Comuna e os Últimos Anos”. Logo após, traz uma cronologia, separando, por anos específicos, os eventos mais importantes da vida de Marx.

No segundo capítulo, são tratados, agora de forma mais aprofundada, os questionamentos do jovem Marx. Segundo Naves (2000, p. 23): “A liberdade, para Marx, possui uma existência natural que independe de qualquer regulamentação positiva, ela é um direito natural cuja existência perdura mesmo se uma lei procura negá-la.” Seria esse momento, segundo o autor, um momento pré-marxista. Neste momento, também é apresentado como Feuerbach influenciou o jovem Marx e como este utilizou-se das obras do respectivo filósofo para elaborar seus conceitos sobre alienação, em paradigma com a religião e o conceito de Deus, segundo Feuerbach. Além disso, é mostrado como Marx descobre a classe do proletariado e coloca, nas mãos desta, o papel de toda a emancipação de suas principais ideias.

Adiante, são fundamentadas, de forma mais coerente, as bases fundamentais que formaram o jovem Marx. É apresentado como Feuerbach influenciou sua concepção do ponto de vista da alienação presente em sua obra e também em relação a Marx compreender o papel do proletariado como elemento ativo. Inicialmente, é demonstrado pelo autor que Marx não poderia amadurecer, de fato, todas as suas concepções, somente realizando tal tarefa posteriormente, quando buscou o complemento de seus questionamentos na base econômica material<sup>6</sup>.

Apesar do material seguir uma linha específica, inicialmente, são apresentados vários conceitos-chave da obra marxista e conceitos de alguns filósofos que moldaram o pensamento de Marx. Entende-se que a linguagem não é adequada para o ensino médio, sem antes a elaboração de um material mais acessível para estudantes que tenham o primeiro contato com a filosofia, apesar da abordagem obedecer a uma linha clara e objetiva.

---

<sup>6</sup> Novamente é utilizada uma linguagem muito aprofundada e pouco pedagógica, sendo certo que a presunção de uma sequência didática ajudaria a solucionar o aluno a compreender conceitos que são compreensíveis somente com a utilização de uma explicação mais detalhada.

Adiante, no capítulo 03, é mostrado o rompimento de Marx com Feuerbach e Hegel, como ponto de partida na obra *A Ideologia Alemã*, como se pode observar:

Assim, talvez não fosse um exagero afirmar que *A ideologia alemã* constitui um verdadeiro ponto de não-retorno em relação à problemática marxiana do período anterior. O que significa dizer isso? Significa dizer que, a partir daí, Marx livra-se das influências de Hegel ou de Feuerbach, e pode então seguir o seu caminho solitário, ouvindo apenas os ecos cada vez mais longínquos de seus próprios passos? Significa dizer que não encontraremos senão traços, vestígios da pré-história marxista que um paciente trabalho arqueológico permitiria identificar pelo que são, a memória morta da juventude deixada há muito para trás? Se assim fosse, não seríamos capazes de compreender o extraordinário esforço que Marx envida para superar a sua própria “consciência filosófica anterior”. (NAVES, 2000, p. 29)

É notado, então, como o aspecto científico-teórico é abordado de forma concisa desde os primórdios da obra de Naves. Cabe ao leitor da obra, antes de ter acesso ao seu conteúdo, ter uma noção também das obras de Feuerbach e Hegel. Entende-se que, pela vasta obra filosófica desses dois autores, não é possível, de imediato, que o leitor absorva de forma tão rápida os conceitos abordados. Como é objetivo do autor fazer menção a estes filósofos, torna-se extremamente necessário mostrar, em uma prévia, quais são os pensamentos dos dois filósofos, para que o leitor que busca, em seu livro, se aprofundar em Marx não se sinta perdido por não ter tido contato com as obras dos filósofos em questão<sup>7</sup>.

Voltando-se novamente para o material, mais adiante são mostradas as características que levam Marx a romper com Hegel, como se pode observar:

Uma vez estabelecida a relação entre a base e a superestrutura, é possível medir a distância entre a concepção de Marx e aquela do idealismo alemão. Já havíamos observado, no início deste capítulo, a censura que ele dirige contra as “ilusões de Hegel”, opondo à filosofia especulativa “as sombras da realidade”. (NAVES, 2000, p. 34)

---

<sup>7</sup> A precariedade que alguns estudantes vivem em seus estudos na escola pública, muitas vezes não permitem sequer a interpretação de um pequeno texto com linguagem simples. É uma realidade que alguns alunos chegam ao 9º ano do ensino fundamental semianalfabetos. E após o 9º ano já vão ter o contato prévio com a filosofia, porém a carência de Materiais voltados para esse imenso público existente em nosso país é uma triste realidade. As falácias políticas atuais buscam a todo custo extirpar a filosofia do currículo do ensino médio, e também existe uma grande perseguição e até confusão com doutrinação política quando o professor de filosofia introduz Karl Marx em suas aulas. Porém, este importante autor não pode ser deixado de lado por uma mera presunção errônea de algumas pessoas. Deve pelo contrário existir materiais que possam auxiliar o professor e o estudante a compreender os conceitos marxistas e ter contato com seu método de exposição para compreender melhor o pensamento filosófico além de compreender a sociedade.

Até chegar a essa explanação, é mostrado como, aos poucos, Marx foi rompendo com as ideias de Hegel, momento importante para o filósofo adquirir suas próprias convicções filosóficas. Esse rompimento é muito bem explicado pelo autor, apesar de sua brevidade. Mais adiante, podemos também observar:

Assim, pode adquirir uma existência imaginária todo um conjunto de idéias e representações que parecem fundar a realidade, quando elas são, na verdade, a “emanação” de relações sociais determinadas. E se os homens podem pôr, em suas representações, “a realidade de cabeça para baixo”, isso é decorrência de seu “modo de atividade material limitado”. É a isso que Marx se refere ao dizer que sua concepção não desce do céu à terra, mas ascende da terra ao céu, ao contrário da filosofia alemã. Ou seja, “não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso”. (NAVES, 2000, p. 35)

Muito bem explicadas as passagens em que se pretende mostrar o rompimento de Marx com os pensamentos de Hegel, porém trata-se de um assunto que carece de um olhar extremamente científico e filosófico. Esse tipo de raciocínio poderia facilmente fugir aos olhos do leitor que não tem uma formação filosófica aprofundada, e também pode escapar aos olhares de um educador que não tenha tido o devido preparo, tendo em vista toda a precariedade que circunda o nosso sistema educacional. Mais adiante, fala-se sobre as verdades eternas da classe dominante. É um capítulo que exprime, de uma forma muito bem neutra e filosófica, que as verdades existentes são presumidas como verdades porque a classe que domina expõe isso perante a grande maioria como sendo, de fato, a verdade incontestável. Mais adiante, é apresentado um breve parágrafo sobre a concepção de Estado para Marx:

Essa representação ilusória de que o Estado possa encarnar o interesse geral esconde, para Marx, a sua função específica: ao garantir a propriedade dos meios de produção, o Estado já garante, por força desse ato mesmo, a posição de domínio da classe que é titular dessa propriedade. Desse modo, o domínio da burguesia sobre a classe operária, no âmbito de cada unidade produtiva, estende-se imediatamente para o domínio da política, como o domínio do conjunto da classe burguesa sobre a classe operária. (NAVES, 2000, p. 38)

Estes argumentos do autor, quando bem empregados, podem contribuir significativamente para uma aula de filosofia do ensino médio, porém o conceito se encontra soterrado em uma ou duas páginas da obra, e o trecho, infelizmente, acaba passando despercebido. Há várias passagens que abordam conceitos importantes. Mais adiante, o autor exprime o conceito de alienação justamente para adentrar no conceito de comunismo e cita os

meios de produção que dominam o homem. É de grande valor mencionar, juntamente com o conceito de alienação, o conceito de fetichismo da mercadoria, que não é mencionado pelo autor<sup>8</sup>. Segundo Naves (2000, p. 40): “Essa apropriação privada dos produtos seria substituída pela apropriação coletiva, destruindo-se desse modo a relação de alienação que se verifica entre os indivíduos e os seus produtos, e permitindo que os homens possam controlar a produção e a troca.” Após esse início, apresenta-se uma linha cronológica muito mais histórica do que filosófica, e percebe-se na obra um aprofundamento muito mais conciso na história das obras de Marx. Também, no decorrer das passagens, nota-se muito mais a questão revolucionária das obras de Marx, e é, de certa forma, minorado o seu lado filosófico.

No capítulo 5, intitulado “A crítica da sociedade burguesa”, são introduzidos os conceitos de mercadoria e trabalho. Apesar da bela imagem ilustrativa da biblioteca do Museu Britânico em Londres, onde Marx realizou sua pesquisa para redigir *O Capital*, muitos conceitos que deveriam ser o ponto-chave de introdução da referida obra são abordados brevemente. Antes de adentrar na mercadoria, o autor faz uma breve menção sobre o que seria, de fato, o capital. O autor inicia sua análise a partir do capítulo IV de *O Capital*, intitulado “Transformação do dinheiro em capital”, e, nos parágrafos seguintes, introduz brevemente a questão da mais-valia e como ela poderia ser explicada.

Compreende-se que, antes de chegar à questão do capital em si, seria muito mais adequado analisar a mercadoria. Como se percebe na obra aqui analisada, apresenta-se rapidamente o conceito de mais-valia, o que pode obrigar o leitor a percorrer um caminho que ainda não foi pavimentado, mas que, por sinal, pode ser de grande utilidade para compreender o método de exposição de Marx. Compreende-se que não é possível compreender o capital sem antes entender a forma simples da circulação da mercadoria, pois essa seria a base de toda a análise de Marx. Mais adiante, no tópico intitulado “Um negro é um negro”, o autor continua com sua observação sobre a formulação do capital:

Ora, diz Marx, o que é preciso levar em conta é a determinação formal, “as determinações específicas que fazem do capital o elemento de uma etapa histórica, particularmente desenvolvida, da produção humana”, isto é, o modo de produção capitalista. De tal sorte que, “se bem que todo capital é trabalho

---

<sup>8</sup> A proposta da sequência didática é moldar um material científico e de fácil compreensão. Além de deixar de forma bem clara e explícita os conceitos que serão abordados. Diferente do que a ampla maioria imagina, Karl Marx não é um filósofo de fácil compreensão, por isso exige-se muito cuidado ao abordar suas ideias, que alguns não intelectuais e outros apesar de formação acadêmica, abordam de forma tão leviana. Alguns conceitos não podem ser deixados de lado quando servem de complemento para outros. A proposta do material é exemplificar o conceito e ao mesmo tempo mostrar como este pode se completar com outro.

objetivado que serve como meio para uma nova produção, nem todo trabalho objetivado que serve para uma nova produção é capital”. (NAVES, 2000, p.61)

O autor se vale do conceito de que os meios de produção não seriam exatamente o capital e segue com uma menção sobre trabalho e capital. Porém, ainda não foram introduzidos importantes conceitos sobre o trabalho em Marx, como, por exemplo, o trabalho concreto e abstrato, que fogem à análise do autor, supondo-se que seu público seja já familiarizado com toda a obra conceitual de Marx. No tópico intitulado “Solto e solteiro”, o autor aborda da seguinte forma o primeiro parágrafo:

Voltemos, então, ao nosso problema. O capital, dizíamos, não pode se originar da esfera da circulação mercantil ao mesmo tempo em que deve dela se originar. O possuidor do dinheiro – capitalista larvar, como diz Marx em O capital – “tem de comprar as mercadorias por seu valor, vende-las por seu valor, e, mesmo assim, extrair, no final do processo, mais valor do que lançou nele”. Ora, se o capital, como vimos, é uma relação social, já podemos começar a decifrar esse enigma. (NAVES, 2000, p. 62)

Nota-se, por esse trecho, que o autor pretende mostrar a mais-valia, ainda que de forma implícita. Recomenda-se a inclusão de um tópico específico para a explicação desse conceito. Mais adiante, o autor retoma a análise e discorre sobre a venda da força de trabalho pelo trabalhador livre ao possuidor de dinheiro, que compra essa mão de obra:

Para que a força de trabalho possa ser oferecida no mercado, é necessário que ocorra um conjunto de condições. Em primeiro lugar, o possuidor da força de trabalho deve dispor livremente dela, negociando ele próprio, no mercado, a mercadoria de que ele é proprietário, em condições de rigorosa igualdade com o comprador de sua capacidade de trabalho. (NAVES, 2000, p. 62)

Porém, como foi bem mostrado anteriormente, ainda não foi especificado o conceito de mercadoria. Entende-se que a força de trabalho é também uma mercadoria. Seria muito mais convincente explicar, anteriormente, em um tópico específico, o conceito de mercadoria. A seguir, no tópico “Processo de trabalho e processo de valorização”, é mencionado, no final do subtópico “O processo de trabalho”:

Assim, acompanhando Marx, em O Capital, podemos definir o processo de trabalho como sendo uma atividade na qual o trabalhador, utilizando os meios de trabalho, opera uma transformação do objeto de trabalho desde o início pretendida. O seu resultado é a produção de valores de uso, bens que satisfazem necessidades determinadas. (NAVES, 2000, p. 65)

Entende-se que há uma menção muito breve nesse parágrafo para trazer ao leitor o conceito de valor. Nada é falado em relação ao valor de troca e nada é mencionado sobre o trabalho abstrato, servindo esses respectivos tópicos apenas para explicar a mais-valia. Apesar de o trabalho ser de extrema importância para as obras que abordam Marx, entende-se que alguns conceitos necessitam de uma simplificação e abordagem mais específica para sua introdução no ensino médio.

### **3.2 10 Lições sobre Marx de Fernando Magalhães**

A segunda obra analisada será *10 Lições sobre Marx*, do autor Fernando Magalhães, lançada no ano de 2015, em sua 6ª edição, pela editora Vozes. Tem como objetivo trazer, de forma modesta, as principais ideias de Marx e começa apresentando a seguinte indagação:

Existem edições idôneas e boas traduções em vários vernáculos, inclusive o português, além de uma publicação de qualidade de quase tudo o que foi traduzido para o inglês numa coleção denominada *Collected Works*, em 47 volumes. O livro que o leitor tem em mãos possui um escopo modesto. Não tem a intenção de realizar uma investigação minuciosa da obra de Marx, nem esgotar suas análises e suas fontes, mas apenas apresentar, em traços muito gerais, algumas de suas principais ideias, ao mesmo tempo em que busca interrogar a validade de sua teoria nos dias de hoje. (MAGALHÃES, 2015, p. 6)

A proposta da obra segue, portanto, com a meta de delinear alguns aspectos da obra de Marx e reuni-los em 10 tópicos no decorrer do livro. Os respectivos tópicos são voltados para algumas indagações do autor, que traça um paralelo entre os pensamentos de Marx, suas obras e também aspectos históricos que contribuíram para a sua percepção, bem como aspectos mais atuais que contribuem para a formulação das pessoas nos dias de hoje sobre o legado de Karl Marx. A proposta do livro é muito importante e traz uma contribuição significativa. Percebe-se um aprofundamento da relação da história com os pensamentos de Marx. A obra propõe também explicar o porquê da utilização do termo “marxismo” e como este deve ser utilizado. O autor destaca a coleção denominada *Collected Works*, contendo 47 volumes, embora, na verdade, sejam 50 volumes. Ele continua em suas primeiras explicações de introdução à sua obra:

O marxismo, em toda a sua existência, foi tenazmente perseguido e dado como morto pela direita, e até mesmo, em alguns casos, por uma parcela de uma esquerda perplexa e arrependida que identificou os Gulags ao próprio pensamento de Marx. Com o fim do “socialismo real” – o que significa

(presumivelmente) na prática o desaparecimento do comunismo para toda a eternidade –, e a escalada do “novo” ideário liberal que, pelo seu perfil econômico e ideológico, não admite conviver com obstáculos sociais à sua volta (haja vista o desmonte do atual Estado do Bem-Estar Social), tornou-se premente a necessidade de fazer acreditar que, desta vez, nenhum ritual ideológico será capaz de exorcizar o defunto. A explicação não é tão difícil. Morre o homem, permanecem as ideias. (MAGALHÃES, 2015, p. 9)

De início, na introdução da respectiva obra, o autor faz alguns paralelos com o marxismo, presumindo serem os pensamentos de Marx, e a relação deles com os gulags, que eram os campos de prisioneiros da União Soviética. Inicialmente, o autor mostra que muito do que é associado a Karl Marx pode ser associado também a acontecimentos históricos e até mesmo confundido com o próprio marxismo. Ele mostra também que, apesar dos pesares, as ideias de Marx prevalecem. Essa ideia é totalmente fora da realidade. Marx é o pensador da liberdade e não dos campos de trabalho forçado na URSS. Nota-se que a obra é voltada para definir paralelos entre o pensamento de Marx e acontecimentos históricos; inicialmente, não se percebe a inclinação para a filosofia de Marx. O autor continua com suas explicações iniciais:

Em resumo: este não é um texto isento nem autorizado “oficialmente”. O personagem principal deste trabalho está morto há mais de 120 anos. O que se lerá, conseqüentemente, é um breve esforço de análise teórica cuja última palavra caberá não ao próprio Marx – nem ao autor destas linhas –, mas àquele que estará folheando estas cento e poucas páginas. Se é que a “última palavra” estará inscrita numa obra que se pretende historicamente aberta. (MAGALHÃES, 2015, p. 12)

Apesar da grande contribuição da obra, nota-se que o livro não foi feito com a intenção de mostrar o método filosófico de Marx, e sim de delinear os seus conceitos de acordo com a história, deixando uma lacuna para a própria percepção do leitor em relação à obra. E, como a obra é dividida em 10 lições, assim como é intitulada, na primeira lição, intitulada “O pensador do século?”, o autor, após breves indagações, menciona a obra *O Capital*, de Marx:

Adiantara, no mesmo Livro III de *O capital*, que as relações econômicas se manifestam como contradições, e que toda ciência seria supérflua se a forma fenomênica das coisas coincidissem diretamente com sua essência. A investigação direta, sem os mecanismos de mediação, isto é, sem levar em conta os entraves ideológicos que obscurecem as razões efetivas e reais de todo o processo de produção capitalista, impede que o analista perceba as modificações operadas no próprio seio do sistema e mantenha uma visão estreita da movimentação do capital. Entre o período em que Marx escreveu o Livro I de *O capital* e o suposto final da trilogia, muita coisa mudou conforme ficou explícito nas anotações por

ele deixadas. O último livro, que não ficou concluído inteiramente, e só foi publicado anos depois de sua morte pelo seu amigo Engels, mostra o insight de Marx a respeito do nascente capital financeiro, que ele chegou a denominar de capital fictício. (MAGALHÃES, 2015, p. 14)

O autor, inicialmente, neste capítulo, aborda brevemente *O Capital* e mostra um pouco das questões econômicas existentes no livro, porém não aborda nem menciona os conceitos primários presentes em *O Capital*, focando suas considerações sobre o capital financeiro. Após isso, faz algumas breves considerações sobre o capitalismo nos dias atuais:

O que se vê, portanto, é uma formação social que, não obstante as suas muitas – e até mesmo profundas – modificações superestruturais, pertence, basicamente, a um mesmo modo de produção. Nesse aspecto, pode-se dizer, com Stefan Sullivan, que os problemas levantados por Marx há mais de 100 anos – a miséria, a corrupção e a alienação (que pelos excessos cometidos pelo capitalismo vigente ele denomina de banalização) – não desapareceram. Isso significa que a crítica de Marx ao sistema mantém-se válida ainda hoje. “Se os abusos do capitalismo que Marx desafiou e exibiu persistem” – comenta Sullivan –, “se a corrupção e a hipocrisia das estruturas do poder dominante ainda existem sob o frágil véu da legitimidade democrática, e se o mercantilismo desenfreado continua a ameaçar a cultura e o lazer, em suma, se as imperfeições da economia, da política e da esfera cultural espalham-se amplamente, então o esforço para aposentar o marxismo juntamente com Estados socialistas é prematuro” (MAGALHÃES, 2015, p. 16)

O autor afirma, então, que as críticas levantadas por Marx em relação ao sistema capitalista permanecem atuais e não foram obscurecidas pelas questões existentes no Estado moderno. Além disso, não é o momento oportuno para afirmar que as ideias de Marx foram destruídas junto com os Estados socialistas que ruíram. O intuito do autor é justamente o aprofundamento nas ideias de Marx e como estas ainda podem ser atuais, diferentemente do que ocorreu com alguns dos Estados socialistas. E, na intitulada segunda lição do livro de Fernando Magalhães, "O primeiro marxismo", o autor explica as relações do marxismo com os tempos atuais:

Nossa vivência é totalmente diversificada, em termos de avanço tecnológico, daquela que Marx conheceu, muito embora, como mencionado na lição precedente, as modificações tenham ocorrido no seio do mesmo sistema. Sob essa lógica, o marxismo é parte integrante, constitutiva, de nossa contemporaneidade. As fracassadas revoluções socialistas confirmam a tese de Adorno segundo a qual “uma filosofia que parecia ultrapassada mantém-se viva porque passou o momento de sua realização”. As consequências que extraímos dessas formulações é de que o regime capitalista não esgotou suas potencialidades e, por conseguinte, não se libertou da crítica marxista. Esta,

porém, tem uma longa história que começou na primeira metade do século XIX, com o fundador da “crítica da economia política”. (MAGALHÃES, 2015, p. 19)

O autor mostra, nessa parte da obra, um importante raciocínio. Pode-se perceber que, enquanto perdurar o capitalismo, as ideias de Marx também perdurarão, porque sua crítica principal e seu estudo eram em relação ao sistema capitalista. Mesmo que as revoluções socialistas não tenham logrado êxito maior, as ideias de Marx permanecem. Mais adiante, o autor traça paralelos entre as percepções de comunismo e capitalismo, de acordo com as ideias que se têm em relação a Marx:

A essa relação entre a desvalorização humana para quem trabalha (ausência de reconhecimento e do resultado final do produto desse trabalho) e aumento de riqueza para quem vive do ócio, em função da propriedade, Marx chamou de alienação. Daí a necessidade de sua superação o que só pode ocorrer em outra formação-social que não a produtora de mercadorias – o capitalismo. Esta, portanto, deve ser negada. “O comunismo” – diz Marx – “é a negação da negação e é, por conseguinte, para a próxima etapa do desenvolvimento histórico, um fator real e necessário na emancipação e reabilitação do homem. O comunismo é a forma necessária e o princípio dinâmico do futuro imediato, mas o comunismo não é em si mesmo a meta do desenvolvimento humano – a forma da sociedade humana. (MAGALHÃES, 2015, p. 21)

O autor, nessa parte da obra, transcorre sobre conceitos primordiais contidos na obra de Marx, porém os exemplifica de forma breve. Inicialmente, o autor traz o conceito de alienação, porém resume-se a dizer que a alienação é a desvalorização de quem trabalha e o aumento da riqueza de quem vive no ócio. Após isso, aborda o comunismo de forma breve, supondo ser este a negação da negação e uma sociedade livre de mercadorias, porém o tema também é tratado de forma breve. A mercadoria, como se pode perceber, apesar da grande contribuição da obra analisada, não é objeto primordial de análise de Fernando Magalhães nesta respectiva obra. O autor traz breves conceitos, sem uma profunda análise. Mais adiante, continua tratando do comunismo:

Mas isso não muda o problema central, isto é, de que o comunismo jamais chegou a penetrar profundamente o pensamento de Marx. Seu principal objetivo, manteve-se sempre na periferia da crítica ao capitalismo. Eis a razão pela qual o comunismo foi um problema de menor vulto – em comparação com o estudo do capitalismo; afinal o comunismo não existia ainda – para as análises de Marx. Por isso essa forma de sociedade persistiu em um modelo relativamente imaturo. Esse comunismo incipiente, não completamente desenvolvido, isto é, filosófico e, até certo modo, utópico (no sentido positivo usado pelos marxistas contemporâneos), não desaparece dos estudos posteriores de Marx. A ideia de

uma sociedade totalmente sem classes mantém-se viva em nosso autor até o fim de sua vida. (MAGALHÃES, 2015, p. 22)

O autor exemplifica, então, o que já foi abordado, tratando de que o foco de Marx seria os estudos sobre a economia capitalista. Nota-se que Marx não quis escrever uma “economia científica”, mas fazer a crítica da economia política, já que o comunismo ainda não se materializou em sua época, sendo uma filosofia e uma utopia no sentido positivo do termo. Mais adiante, o autor inicia a terceira lição do livro intitulada “Marxismo: uma filosofia da práxis”, descrevendo a práxis no pensamento marxista:

A práxis é, portanto, crítica, e a filosofia subjacente a ela é, igualmente, crítica do real. Mas como observa Sanchez Vázquez, em si mesmo, a filosofia como crítica do real não muda a realidade. Para tal, a filosofia deve realizar-se. A filosofia se realiza por meio da práxis, ela se torna prática. E a passagem da crítica ao real (crítica radical), isto é, do plano teórico ao prático, é a revolução. E a revolução conduz ao socialismo e à emancipação do homem. A práxis materializa-se, dessa forma, como núcleo central do pensamento de Marx. Ela é uma atividade transformadora e, sobretudo, emancipadora. O marxismo revela-se, assim, uma filosofia da ação, uma filosofia da práxis. (MAGALHÃES, 2015, p. 29)

Karl Marx compreendia, portanto, uma práxis revolucionária, que é abordada de forma pouco detalhada no respectivo tópico. Entende-se que alguns conceitos filosóficos poderiam ser mais detalhados, principalmente nos tópicos que se propõem ser voltados para conceitos da filosofia de Marx. Apesar das célebres contribuições da obra analisada, mostra-se, após esse capítulo, um foco específico no Marx revolucionário, e sua obra magna, *O Capital*, praticamente não é abordada nos capítulos subsequentes. Dá-se lugar ao papel do proletariado na revolução que foi pretendida com os pensamentos de Marx, e nos escritos finais, o autor aborda qual seria o papel do marxismo nos dias atuais.

Entende-se que o material é pouco voltado para os objetivos que se espera nessa dissertação, voltando as atenções para uma sequência didática que transcorra sobre os conceitos iniciais da obra magna de Marx, porém o que se propõe nessa presente dissertação é algo totalmente específico e detalhado.

### **3.3 O Capital para educadores ou aprender e ensinar com gosto a teoria científica do valor de Vitor Henrique Paro.**

A terceira obra que será analisada agora é a obra *O Capital para educadores ou aprender e ensinar com gosto a teoria científica do valor*, de Vitor Henrique Paro, lançada em 2022 pela editora Expressão Popular. Essa é uma obra que promete trazer aos educadores um manual de como ensinar Marx, porém, o respectivo livro vem com uma proposta de abordagem não somente para educadores. Dentro do conteúdo da obra, é dito que ela é destinada a qualquer pessoa, e principalmente voltada para trazer com ênfase o caráter pedagógico da obra *O Capital* de Marx. O objetivo é um tanto quanto ambicioso, e eivado de uma proposta nobre. Inicialmente, o autor exemplifica os principais objetivos de seu livro:

Já antecipo que este não é um livro apenas para educadores profissionais, mas para todos aqueles que queiram ter acesso a uma porta que leva ao conhecimento da realidade social de nosso tempo. É verdade que seu título procura destacar educadores, pela importância sem limites do papel destes na formação dos mais jovens, ao propiciar a apropriação de conteúdos científicos e de valores humanitários. Mas o título decorre também do fato de *O capital* ser uma obra autenticamente pedagógica. (PARO, 2022, p. 11)

Fica inicialmente mostrado o alerta que o autor faz sobre a compreensão da realidade social do mundo atual, e como o contato do leitor com a obra *O Capital* pode ser significativamente pedagógico. Introdutoriamente, o autor aborda, segundo a sua convicção, o tema sobre um sistema opressor e injusto. Segundo Paro (2022, p. 13): “Eis a relevância inquestionável de se ler *O Capital*, hoje e enquanto persistir um sistema opressor e injusto de produzir a vida.” Entende-se que esse sistema opressor é o sistema capitalista, porém não é delineado como surgiu esse sistema e como Marx realiza sua análise, se ele se volta para outros sistemas econômicos em sua exposição em *O Capital*, ou se de fato a observação de Marx é estritamente aplicada somente no sistema econômico capitalista. Entende-se ser um tema de grande extensão e que inicialmente poderia ter uma abordagem mais específica. É também válido mencionar que, na condição de seu título, a obra primeiramente atinge os educadores e, após cumprir essa abordagem, pode despertar o interesse de outros leitores. Pensando nessa linha cronológica, seria extremamente complicado para um professor que conta com uma formação pouco fundamentada em Marx ter a capacidade de formular tantos conceitos colocados de forma abrupta e utilizá-los em suas respectivas aulas, especialmente no ensino médio.

Mais adiante, o autor nos traz vários outros conceitos presentes na obra de Karl Marx e também presentes nas obras de outros autores, como se pode observar:

Por ora, basta que a tomemos no sentido comum de uma quantidade de dinheiro que é aplicada no mercado com a finalidade de aumentar o seu volume. O dinheiro se transforma, pois, em capital quando seu proprietário, o capitalista, o aplica na compra de matérias-primas, máquinas, e ferramentas, e emprega trabalhadores para produzirem as mercadorias que serão vendidas e que reverterão em lucro para eles, os proprietários do capital. Em vista disso, o capitalista típico desenvolve toda uma teoria falsa da realidade, comumente chamada de liberalismo econômico ou neoliberalismo. (PARO, 2022, p. 25)

Nesta passagem, o autor narra de forma específica como funciona o modo de produção capitalista de forma simplificada, através de uma célebre explicação. É mencionado também de forma subliminar a quem pertencem os meios de produção, e, em seguida, o autor tece algumas críticas em relação ao liberalismo e neoliberalismo.

É apresentado no respectivo parágrafo a concepção de dinheiro, capital, capitalista, lucro, liberalismo e neoliberalismo. Esses conceitos apresentados são temas profundamente discutidos não só na obra de Marx, mas também são temas de grande relevância para muitos outros pesquisadores. Observa-se que os conceitos das ideias de Marx, apesar de muito bem escritos e detalhados, são observados de forma rápida e discreta.

Compreende-se, dessa perspectiva, apesar da grande contribuição do parágrafo, que alguns outros conceitos poderiam ser delineados inicialmente. Consequentemente, para se entender o lucro, primeiro é necessário percorrer todo um caminho delineado pelo filósofo em sua obra; a compreensão da mercadoria e sua troca é fundamental e não pode ser sobreposta em relação a questões mais longínquas, como a relação de lucro e dinheiro. Em outras palavras, sem a compreensão mínima de troca, não é possível introduzir ao leitor o conceito do dinheiro de acordo com o pensamento de Marx sobre este.

Continuamente, transcorrendo sobre o sistema econômico, o autor começa a abordar temas religiosos, como pode-se observar:

Acontece que as igrejas em geral, embora utilizem a fé religiosa como escudo, têm interesses que extrapolam completamente o âmbito sobrenatural, e se associam constantemente ao poder político vigente, que tem como sustentáculo o poder econômico. Não lhes interessa, por isso, a proliferação do conhecimento econômico, pois é precisamente a economia a base de seu poder. O obscurantismo é professado e praticado especialmente pelas igrejas de vertente monoteísta que criaram um deus imaginário para ameaçar com o terror ou o inferno aqueles que não aceitam o poder político-econômico ao qual normalmente servem de sustentáculo. (PARO, 2022, p. 26)

Bem no início do capítulo: “conhecimento econômico é coisa apenas para especialistas”, o autor transcorre sobre questões religiosas que estreitamente têm alguma relação com o objetivo de crítica à economia política de Marx. Entende-se que é um tema um tanto quanto metucioso de se transcorrer, cabendo, portanto, uma distinção específica sobre qual a relação da economia com “igrejas”, sendo um tema pouco especificado.

Mais adiante, é mostrado brevemente pelo autor que o homem, desde os primórdios, se encontra em um paradigma com problemas econômicos. Deve-se lembrar que Marx, em sua obra, mostra de forma concreta que sua análise se restringe ao modo de produção capitalista. Qualquer análise anterior é brevemente mencionada como explicação para a condição econômica e modo de produção vigente atualmente. Dentro dessa dissertação, pretende-se de forma clara e irrestrita mostrar os principais fundamentos da análise de Marx em relação ao sistema capitalista e como sua interpretação filosófica pode contribuir para o ensino da filosofia no ensino médio.

Quando é mencionado o valor de uso e valor de troca, é de fato fundamental exemplificar a distinção entre valor de uso, valor de troca e valor. Porém, os temas são colocados de forma pouco específica, e também algumas afirmativas poderiam ser melhor exploradas. Um exemplo seria a definição de valor pelo autor. É dito, segundo Paro (2022, p. 61), que: “Só pode ser, portanto, o trabalho o que produz o valor.” Essa explicação é a única encontrada no início da obra, sendo mencionada em uma linha. O tema poderia ser melhor explorado para que os educadores de filosofia consigam transmitir aos alunos o caráter reflexivo dentro desse conceito.

Continuando, pode-se observar uma nova reflexão sobre o valor, segundo Paro (2022, p. 70): “Para todos os efeitos, podemos agora afirmar com maior precisão que não é simplesmente o trabalho, mas o trabalho abstrato, o responsável pela produção do valor na sociedade capitalista.” O conceito de valor é tratado pelo autor no final do capítulo 06, ainda não mostrando o olhar filosófico preponderante dentro desse conceito. O capítulo 12 é totalmente dedicado em exemplificar a forma dinheiro do valor, porém não trata novamente do modo de exposição dialético de *O Capital*, resumindo-se a exemplificar de forma rápida a forma simples de valor, a forma extensiva de valor, a forma geral de valor e a forma dinheiro.

Mais adiante, o autor aborda um tema político, mencionando a palavra “bolsomion”. No glossário remissivo, é melhor explicado o porquê de mencionar o termo. Em algumas outras passagens, o termo é novamente empregado com o mesmo cunho político. Entende-se o ponto de

vista do autor, porém, tratando-se de uma obra dirigida para professores sobre como ensinar *O Capital* em salas de aula, é pertinente a obra ser preenchida com uma leitura coerente e voltada para a neutralidade, tratando especificamente de temas que possam contribuir para o leitor ter clareza sobre o método filosófico de Marx. Muito mais que discussões políticas, o método de Marx é crítico e revolucionário e atende profundamente a quem reflete sobre sua exposição. Não é necessário se diminuir e expor a opinião política, deixando em segunda perspectiva o intuito principal do material: a direção de professores ao pensamento e método de exposição de Marx e como este, enxerga a sociedade.

No capítulo 15, o autor se volta para o fetiche da mercadoria, tema que inicialmente é bem abordado pelo autor, porém, no final do capítulo, carece de uma melhor formulação. O fetiche da mercadoria é muito mais que uma mera concepção de que uma pessoa pode deixar de acreditar, estando intrínseco em toda a troca do sistema capitalista. Cada troca, portanto, é envolta do fetiche da mercadoria, segundo Marx (1996, p. 205): “[...]somente quando a fabricação de mercadorias for realizada por homens livremente socializados, produzindo, portanto, os produtos sobre seu controle consciente e planejado.” Muito mais que uma mera negação por parte das pessoas que compreendem o modo de pensar de Marx, o fetiche da mercadoria só encontrará seu fim quando houver uma modificação do sistema econômico atual, mudança dentro de um sistema consciente e planejado por homens, não por mercadorias. No sistema capitalista, a mercadoria controla o homem e o véu por detrás dessa relação só poderá ser retirado com a modificação de toda a sociedade. É pensado de forma confusa que o fetiche da mercadoria se estende à pessoa de muitas posses, porém o fetiche de forma alguma pode ser transferido, sendo inerente à mercadoria, logo após ela ser criada no sistema capitalista.

A partir do capítulo 16 e observado até o fim da obra, os conceitos filosóficos marxistas deixam de ser abordados no respectivo livro, dando lugar agora para outros temas que não são o enfoque da obra *O Capital*. Devemos lembrar que a obra se chama “O Capital para Educadores”, porém a obra começa a tratar de outros temas.

No capítulo 17, é mencionado novamente pelo autor temas religiosos, trazendo novamente seu descontentamento com a religião, colocando em pauta a questão da interferência da religião em espaços públicos, como pode-se observar, segundo Paro (2022, p. 167): “A onda obscurantista que assola nosso país tem fortes raízes no pensamento religioso, que não tem se

contentado em permanecer no espaço privado, do qual nunca deveria sair, para invadir o público de forma catastrófica.” E segue pelo capítulo:

A crença religiosa, por sua vez, é necessariamente privada, e como tal deve ser respeitada. Se alguém diz acreditar na existência de deus (ou de duendes), isso não precisa ser publicamente provado. Esse indivíduo tem o direito de professar livremente sua fé, sem que se possa exigir dele que forneça evidências científicas (públicas) disso. (PARO, 2022, p. 168)

É esperado de uma obra voltada para *O Capital*, um olhar minucioso sobre os temas centrais da obra de Marx. Dedicar um capítulo inteiro a questões religiosas, apesar da grande contribuição do autor para o tema, pode ser um convite para alguns educadores religiosos repudiarem o material, além de diminuir os temas centrais da obra de Marx. Muitos conceitos, como, por exemplo: trabalho concreto e abstrato, fetiche da mercadoria, são tratados de forma rápida, dando lugar a discussões que podem ser melhor aproveitadas em outro material. Nota-se também algumas observações fora de contexto, que fogem do objetivo da obra, como a seguinte explanação:

Por isso, eu tenho, sim, o direito (e o dever) de denunciar, de criticar (e até de ridicularizar, se for o caso) quando a religião ultrapassa seu domínio privado para, em nome de seus dogmas, avançar sobre o domínio público e cometer suas atrocidades, como faz hoje, por exemplo, o Presidente da República, colocando "deus acima de todos", com o apoio e entusiasmo de mais de 50 milhões de crentes. (E, por favor, não me venha com a alegação de que é ele que é mau, e não os dogmas de sua fé. Se assim fosse, deveríamos culpar Hitler, mas absolver o nazismo.) (PARO, 2022, p. 172)

Apesar da grande contribuição da obra, outros temas dão lugar, no final do respectivo livro aqui analisado, a conceitos fundamentais encontrados em *O Capital*. Entende-se que os conceitos básicos da obra *O Capital* de Marx são suficientes para provocar no leitor um olhar atento e minucioso em relação à sociedade, e esse é o objetivo do nosso material: abordar a filosofia como tema central, tendo por base o modo de exposição dialético presente em *O Capital* de Marx.

### **3.4 Mais Marx Material de Apoio à Leitura d'O Capital Livro I**

A quarta obra a ser analisada é a obra *Mais Marx: Material de Apoio à Leitura d'O Capital - Livro I*, sendo uma versão brasileira do título original em alemão: *PolyluxMarx:*

*Bildungsmaterial zur Kapital-Lektüre, Erster Band.* A obra foi lançada no ano de 2016 pela editora Boitempo, e o material é um tanto quanto diferente das outras obras que foram observadas. Ela difere primeiramente em sua proposta e busca narrar, em forma de slides, as principais ideias do Livro I de *O Capital*.

A proposta do livro é trazer, de forma simplificada e voltada para um grupo de estudos, os conceitos que são abordados em *O Capital*. Na apresentação à edição brasileira, Ruy Braga destaca grandes dificuldades para se compreender o início de *O Capital*, e, de forma acertada, escreve uma apresentação com linguagem muito clara e exemplifica quais são os principais intuítos de Marx na elaboração de sua obra, como podemos perceber:

Esta é a chave da contemporaneidade de *O Capital*: auxiliar-nos a compreender as contradições atuais do capitalismo globalizado, as forças sociais que se escondem por trás do trabalho precário, do desemprego, da crise. Isso só é possível porque Marx não se dedicou a descrever laboriosamente o capitalismo do século XIX, mas a construir uma bússola teórica para que as gerações posteriores fossem capazes de investigar as transformações do próprio capitalismo em seu devir. Ao contrário do que quiseram fazer crer muitos ideólogos dos regimes socialistas burocráticos, o conteúdo d’*O Capital* não configura um tratado das leis que regem o funcionamento da sociedade capitalista. (BRAGA, 2016 p. 10)

Apesar de Marx ter elaborado sua obra de forma voltada estritamente para o sistema capitalista, de maneira assertiva, Ruy Braga traz uma explicação sobre essa dialética presente em *O Capital*. Entende-se a obra de Marx como uma bússola a ser seguida para entender as transformações do próprio capitalismo. É válido notar que, apesar de ter ocorrido sua primeira publicação especificamente no século XIX, sem sombra de dúvida, *O Capital* pode ser considerado um livro muito atual. Entretanto, esse tema será muito melhor explorado e desenvolvido em uma parte de um capítulo específico deste respectivo trabalho.

Em continuidade, no prefácio “No rastro do valor – ler o capital em tempos de crise”, é bem dinâmica a apresentação do material, com pontos positivos para a menção da forma neutra de leitura da obra de Marx, que, após o declínio do Muro de Berlim, segundo as palavras do autor, “foi jogado na lata do lixo”. É mostrado que, atualmente, vem crescendo o interesse em relação a essa obra tão importante na economia política. Sendo também de grande relevância em todos os parâmetros de relações sociais na nossa sociedade atual, como bem contextualizam os autores:

Quem quer que se envolva na leitura intensiva d’*O Capital* descobre que as constantes básicas e inquestionáveis de nossa vida e de nossa sobrevivência

cotidianas – dinheiro, propriedade, troca de mercadorias – pertencem ao capitalismo e constituem seus fundamentos, sem serem, de forma nenhuma, trans-históricas nem necessidades naturais concedidas por Deus. Por trás das coisas, são visíveis relações sociais, entre pessoas. (BRUSCHI et al., 2016 p. 23)

Mais adiante, apesar de sua introdução muito bem delineada, há alguns parâmetros da obra que diferem da proposta principal do respectivo trabalho que será desenvolvido nesta dissertação. Pode-se explicar nos seguintes termos: reduzir os conceitos principais de *O Capital* em slides pode atender a aulas expositivas e também auxiliar um grupo de estudos. No entanto, poderia ser elaborada uma explicação um pouco mais fundamentada. Nota-se que, para atender às aulas do ensino médio, seria necessário pensar em um material semelhante, dividido em aulas específicas. A obra analisada certamente pode contribuir de forma inigualável para o aprendizado do jovem e seu interesse por filosofia, além das obras de Marx. Ela pode também contribuir de forma significativa para o aprendizado de filosofia, mas a estrutura da obra dividida em slides é um tanto audaciosa.

Nota-se que, apesar da fundamentação dos conceitos, os slides simplificam de uma forma que não permite ao leitor ter um olhar profundo sobre o conceito discutido. A imagem deve ser uma complementação moderada, como foi abordada na obra analisada, *Marx, Ciência e Revolução*, do autor Márcio Bilharinho Naves.

Como também já citado, o formato em slide pode reduzir a obra a ser utilizada em uma palestra. Isso poderia prejudicar o grupo de estudos, que poderia desempenhar um papel completamente passivo em relação à exposição da obra, não conseguindo exprimir grande dedução em relação aos temas abordados pelo orientador do grupo de estudos. O material é riquíssimo e de grande valor em sua elaboração, principalmente pela audácia da formulação em slides, porém o respectivo impasse poderia se estender também caso o mesmo material seja usado em aulas do ensino médio.

### **3.5 *Marx para apressados* de Robert Misik (2006).**

Na presente obra, nota-se que se trata de um livro voltado para o campo político. O autor inicia exemplificando a grande contribuição de Marx para o século XX e destaca que, apesar de se passarem poucas décadas desde que o último regime que, de certa forma, "materializou" suas

ideias (provavelmente se referindo à União Soviética), seus pensamentos continuam mais vivos do que nunca no início do século XXI. Vale lembrar que essa obra de Robert Misik foi publicada no ano de 2006. Logo no início, o autor questiona o seguinte:

Esta consciência de estar no limiar de uma nova etapa da história humana contrasta singularmente com um sentimento de vazio histórico. Vivemos sob a ditadura do presente. O futuro, no sentido geral do termo, desapareceu do horizonte na madrugada de um novo milênio, precisamente. Tudo o que associamos a esta noção vai do idêntico ao havido – more of the same – como dizem os britânicos, o que frequentemente dá lugar a incríveis paradoxos: assim o movimento ecológico e a crítica tecnológica chegaram a tornar plausível que o fim do mundo, após, por exemplo, uma catástrofe nuclear, seja - senão provável - pelo menos possível e realista; ao mesmo tempo, a maioria das pessoas é incapaz de imaginar que possamos evita-lo. Pensam que isso não passa de detalhe da lógica de funcionamento do capitalismo mundial. O capitalismo parece irrefutavelmente eterno; o que não é o caso da Terra. (MISIK, 2006, p. 12)

Nota-se que, em sua obra, inicialmente, o autor demonstra seu total descontentamento com os dias atuais, apesar de as ideias de Marx permanecerem vivas e, segundo o autor, pouco a pouco se apagar a ideia de uma revolução do proletariado. Sempre há mais do mesmo no sistema capitalista, que parece ser eterno. Inicialmente, apesar da grande contribuição do autor, entende-se que muitos aspectos filosóficos de Marx são de tanta grande importância que a revolução poderia ser abordada em um momento mais oportuno. O autor continua desenvolvendo as ideias iniciais do texto, mostrando como Marx foi célebre em sua época e como sua escrita é enxergada por cada um de uma maneira específica, sendo um ponto positivo novamente em relação às obras do filósofo. Destaca-se, também, que o capitalismo presume-se ser eterno, ao contrário da Terra, em uma clara objeção do autor em relação a esse sistema, que futuramente pode causar sérios danos ao planeta.

Mais adiante, o autor nos convida a refletir sobre o capitalismo moderno, que é muito mais do que simplesmente a força de trabalho do trabalhador:

O criticado novo capitalismo quer a personalidade inteira, com pele e ossos, não somente o trabalhador de seus primeiros tempos (capitalismo), aquele que o sistema reduziu a simples movimentos. Seu ideal moderno é o colaborador criativo, autônomo, simultaneamente seu empregado e empregador, que desenvolve potencialidades em seu próprio interesse, mas sobretudo no interesse da empresa. Sua auto-realização não é vocação, mas dever. (MISIK, 2006, p. 20)

O autor destaca que o trabalhador precisa ser um “superexplorado”, se capacitando e desenvolvendo suas aptidões ao extremo, tudo em prol do acúmulo de capital do burguês

moderno. São de grande importância as reflexões de Robert Misik, porém o que se busca na elaboração desta presente dissertação é apresentar um material que volte-se às origens e explore o modo de exposição dialético presente em *O Capital* de Marx, com foco no capítulo 01 de sua obra magna, buscando trazer uma grande profundidade em relação a esses temas. Dentro dessa respectiva dissertação, os leitores poderão se voltar para conceitos primordiais marxistas, que dispensarão qualquer analogia em relação ao capitalismo moderno, através de conceitos simples existentes no capítulo 01, mostrando que o método de Marx é aplicável a qualquer época e em qualquer cenário histórico e de governo, dispensando demasiadas analogias.

É evidente que o autor aborda a obra magna de Marx, *O Capital*, em seu material, porém há um vasto arcabouço de conceitos que delineiam a obra marxista. Entende-se que, tratando-se de uma obra que traz os conceitos marxistas para apressados, justamente esse é um problema crucial. Existe uma vastidão de conceitos que, de forma apressada, não podem ser concluídos com maestria<sup>9</sup>. Na obra de Robert Misik, nota-se que o foco principal seria a totalidade dos pensamentos explanados por Marx, como se pode perceber:

Contentemo-nos em lembrar que Marx não abandonou totalmente a noção de alienação. De “O Capital”, sua obra maior escrita mais tarde, o resultado hoje conhecido sob o título de “Manuscritos de 1857-1858, Grundrisse” constitui contribuição essencialmente filosófica à economia política de Marx não visa antes à produção de valores materiais, mas à produção de condições e de relações sociais entre os homens no universo capitalista. A alienação continua um elemento central, mesmo se esse termo indubitavelmente perdeu seu fundamento metafísico, teológico. (MISIK, 2006, p. 20)

Nota-se que, inicialmente, na obra de Misik, o foco em relação à sua menção sobre a obra *O Capital* seria voltado para o conceito de alienação, e mais adiante o autor se aprofunda em outros conceitos existentes no livro. O autor exemplifica o capítulo 01 de *O Capital* em pouco mais de duas páginas, trazendo as seguintes indagações:

Constatamos quanto, em seu estudo do processo natural e histórico da formação capitalista da sociedade, Marx transige um pouco, finalmente, com o positivismo de merda que denuncia numa carta dirigida a Engels em 1866, depois que ele inicia *O Capital* por um capítulo complicado sobre a mercadoria. A diferença dos capítulos sobre a transformação do dinheiro em capital ou sobre a produção da mais valia, este é um capítulo sem muitas formulas, em revanche, supõe que o leitor saiba lidar com os paradoxos filosóficos caros a Marx. (MISIK, 2006, p. 86)

De forma apressada, o autor menciona o início da obra de Marx, mencionando o “complicado” capítulo sobre a mercadoria, e adiante, continua a dizer que este capítulo é, de certa forma, mais abstrato. Existe realmente uma concordância em relação aos paradoxos filosóficos do capítulo 01. Seria válido, justamente, a exemplificação de todos os paradoxos e conceitos, para o leitor poder compreender essa objeção do autor. Mais adiante, são mostrados, de forma rápida, os conceitos de valor de uso e valor de troca:

Num estilo satírico, Marx ressalta os dois aspectos de um produto qualquer destinado a se tornar mercadoria: notadamente o fato de que o produto possui tão bem um valor de uso implica o valor de troca, só o valor de troca faz da mercadoria uma mercadoria permitindo que esta se troque por outras espécies de mercadorias e por uma forma específica de mercadoria: a mercadoria moeda. (MISIK, 2006, p. 86)

Vale dizer que, apesar da grande contribuição da obra do autor Robert Misik, os conceitos de valor de uso e valor de troca são fundamentais para uma boa compreensão em relação ao desenvolvimento da forma dinheiro e, subsequentemente, compreender os aspectos que compõem o capital. De forma pouco exemplificada, não é possível a compreensão desses conceitos que são primordiais no primeiro capítulo de *O Capital*. Mais adiante, é citado pelo autor a teoria do valor-trabalho mostrada no capítulo 01 da seguinte maneira:

Depois, nos faz ver que todas essas formas de mercadoria, independente do que as distinga, têm em comum o trabalho nelas investido e cuja quantidade só determina o montante do valor. A seguir, Marx se debruça sobre o caráter fetiche da mercadoria e seu segredo. Uma mercadoria parece num primeiro momento algo trivial que se contém em si mesma. Nossa análise mostra ao contrário ser uma coisa muito complexa, cheia de sutilezas metafísicas e argúcias teológicas. (C. , 1, p. 83). Reencontramos aqui a argumentação dos “Manuscritos de 1844”. O segredo da forma mercadoria é simples: ele reflete o caráter social do trabalho humano, o caráter concreto do produto do trabalho como propriedade natural, histórica das coisas; a relação social dos produtores do trabalho resultam numa relação social dos objetos concretos existentes em torno dos mesmos (MEW. 23, p.86). Da alienação resulta o fetichismo da mercadoria: como ídolos, as mercadorias são produzidas pelos homens, reagem aos homens e suscitam, por sua vez, reações humanas como se tivessem uma vida própria. Como movidas por uma mão fantasma, quanto mais elas recuam mais os homens aspiram a elas. (MISIK, 2006, p. 87)

O autor traz brevemente o conceito de valor-trabalho, e não menciona o trabalho concreto, muito menos o trabalho abstrato, assim como o tempo de trabalho socialmente necessário não

---

<sup>9</sup> Delineando sobre essa questão, pondera-se que é necessária a elaboração de um material voltado para alguns dos conceitos-chave da obra de Marx, sendo justamente a proposta desta dissertação.

está presente. Esses conceitos são fundamentais para descrever o modo de produção capitalista e também fazem parte da gênese do capítulo 01. Assim, o conceito de trabalho e suas exemplificações ficam sem um aprofundamento, e alguns conceitos não são mencionados. Após isso, chega-se ao fetiche da mercadoria, trazendo citações diretas da obra *O Capital* de Marx, como se pode observar:

[...] No valor de troca as mercadorias adquirem uma figura fantasmagórica, distinta daquela de sua realidade o valor não trás escrito na testa o que é. De cada produto do trabalho faz bem mais um hieróglifo que os homens perderam a capacidade de entender (C. I, 1, p. 86). Uma mesa uma madeira, uma coisa ordinária que tomba sobre os sentidos se transforma desde que se apresente como mercadoria, como uma coisa ao mesmo tempo perceptível e imperceptível e... sobre seu tampo de madeira... se expõe a caprichos mais bizarros do que se ela se metesse a dançar. O válido para uma mesa em madeira vale também para um pedaço de terra, para pérolas, para diamantes Até agora nenhum químico descobriu valor de troca numa pérola ou num diamante (C. I, 1, p. 94. Marx conclui com bom humor que o valor, esse misticismo, toda essa magia e fantasmagoria não tem nada a haver com a natureza perceptível da coisa, ela não se encontra na pedra preciosa, não nasce nem da terra nem da madeira, ela é fruto da sociedade. (MISIK, 2006, p. 87)

Conclui o autor o raciocínio a respeito do capítulo 01 de *O Capital*, trazendo uma breve explicação sobre o conceito de fetiche da mercadoria. Apesar da grande contribuição da obra comentada, entende-se que alguns conceitos principais do capítulo 01 de *O Capital* são apresentados de forma resumida, sendo a proposta desse material trazer o aprofundamento dos conceitos que não foram aprofundados na obra comentada.

### **3.6 Compreender Marx de Denis Collin**

Adentra-se agora, delineando sobre as páginas da magnífica obra do francês Denis Collin, obra intitulada *Compreender Marx*. Esta é, sem sombra de dúvidas, uma das mais completas obras analisadas até então, com um vasto conteúdo profundamente fundamentado nas principais influências que levaram Marx a desenvolver a sua filosofia.

Nos capítulos introdutórios da obra analisada, o autor se volta para as origens de Marx e como este chegou às suas primeiras convicções. Logo no prefácio, pode-se compreender que:

A filosofia de Marx, longe de constituir um sistema, é o lugar de contradições importantes: entre vontade de “fazer ciência”, o “saber real” reivindicado desde 1844-1845, e a persistência de uma dimensão utópica, entre o engajamento

político e a dificuldade de pensar o político como tal, entre Marx preso à dúvida, empurrando sempre para mais tarde suas conclusões teóricas, e um marxismo fechado e dogmático que pode também apelar para Marx. (COLLIN, 2008, p. 10)

O autor salmodia, na presente citação, as inquietações existentes na obra de Marx e, através dessa indagação, o leitor pode perceber as contradições existentes em seu pensamento e também compreender o início de sua crítica em direção à realidade, embora deixando claro que o pensamento de Marx é um pensamento que, de certa forma, pode ser interpretado sob diversos aspectos. Mais adiante, ainda no prefácio, ele mostra mais justificativas em relação às contribuições de Engels sobre as ideias inacabadas de Marx:

Fundamentalmente, a obra de Marx está inacabada; como se verá, nela não há nem uma teoria das classes sociais, nem uma verdadeira teoria do Estado, enquanto a proposta do autor de *O Capital* era exatamente levar até lá a sua crítica da economia política. Se há de se fazer uma censura a Engels, não é de ter sido um mau materialista traindo o pensamento de seu amigo, mas de ter apresentado como acabado um pensamento que não cessava de levantar novas interrogações. É exatamente por estar inacabado que o pensamento de Marx é importante hoje para nós. A crítica da economia política permanece uma fonte sempre viva de rejeição de um mundo que personifica as coisas e reifica os homens. A crítica da ideologia permite compreender o que significa o pretenso “fim das ideologias”. A crítica da utopia abre a possibilidade de repensar a ideia de um sentido da história. (COLLIN, 2008, p. 11)

Denis Collin menciona de forma muito convincente quais são os parâmetros que permitem que a filosofia de Marx seja tão viva até mesmo nos dias atuais, mencionando sua obra magna *O Capital*. Ele menciona também como seus pensamentos inspiram indagações, não trazendo necessariamente uma resposta imediata em um mundo que, segundo o autor, personifica as coisas e reifica os homens. De imediato, percebe-se que a obra inicialmente atende ao que propõe, mostrando que a missão de compreender Marx pode trazer, na verdade, novas indagações e revelações em relação ao mundo atual e à própria economia política.

Indo mais adiante na análise da presente obra, pode-se notar o percurso do filósofo, que é descrito de forma ampla por Denis Collin:

Essa reviravolta teórica está estreitamente ligada com uma revisão profunda das visões políticas de Marx. Seguindo Engels, ele se torna comunista: a filosofia deve ser realizada (tornar-se realidade) e, portanto, ser negada enquanto teoria separada da prática. E visto que o sujeito real não é mais o espírito, mas o homem, a realização da filosofia não pode ser outra coisa senão a realização prática da essência humana, o homem liberto de suas potências alienantes por

excelência, a saber: o Estado e o Dinheiro, quer dizer, a propriedade capitalista. (COLLIN, 2008, p. 19)

Nesta menção, o autor nos mostra o início de Marx como comunista, marcando seu rompimento com alguns pensamentos e o início de seu firmamento com ideais comunistas, ou enxergando o homem a partir da matéria. Após isso, o autor inicia o pensamento sobre a ação política de Marx:

Já se notou que a ação política é o fio diretor da vida de Marx. A sua filosofia é incompreensível fora dessa perspectiva. Jornalista da Nova gazeta renana, ele inicia um combate político que o levou ao exílio na França e, depois, na Inglaterra. Na primavera de 1846, ele toma a iniciativa de fundar uma rede de comitês de correspondência comunistas. Entra em contato com Harney, o líder do movimento cartista inglês, e com Proudhon, que recusa a colaboração oferecida. Convidado por Moll a entrar na Liga dos Justos, ele participa de sua transformação em Liga dos Comunistas. Com Engels, é encarregado de redigir o Manifesto, que aparecerá no começo de 1848. Marx toma parte nos acontecimentos revolucionários na Alemanha em 1848, como membro da direção da associação democrática. Em Colônia, organiza a publicação de um diário, a *Neue Rheinische Zeitung*, cujo último número aparece em 18 de maio de 1849. (COLLIN, 2008, p. 21)

É explicado então que, no início da obra analisada, é mostrado o percurso do filósofo até finalmente galgar em direção ao desenvolvimento do seu pensamento e de suas ideias. O autor nos mostra que a filosofia de Marx é incompreensível fora da ação política, e como Marx dá início ao seu pensamento também como um revolucionário. Mais adiante, uma das passagens que são de grande importância é quando o autor nos mostra que não existe uma edição sistemática do que Marx escreveu:

Portanto, não existe edição sistemática das obras de Marx, nem em alemão, nem, a fortiori, em francês. A primeira edição alemã das *Marx-Engels Werke* (MEW) permanece, frequentemente, a base das reedições. A edição completa das *Marx Engels Gesamtausgabe* (dita “primeira MEGA”) está inacabada [...] (COLLIN, 2008, p. 23)

Muito importante é a seguinte indagação acima mencionada, pois o autor mostra que não é possível perceber uma cronologia nas obras exemplificadas. Um pouco mais adiante, o autor finalmente faz uma menção valiosa a respeito da obra *O Capital*, trazendo a seguinte indagação:

A crítica marxiana parte da crítica da alienação religiosa. Ela não fica aí, vai além. Parte, porém, daí e, de certa forma, é ainda ela que se encontra, vinte anos

mais tarde, na primeira seção de *O Capital*, especialmente no capítulo dedicado ao caráter fetiche da mercadoria. (COLLIN, 2008, p. 28)

O autor, explicando o percurso de Marx, faz uma analogia entre a crítica da religião e o fetiche da mercadoria encontrado no capítulo 01 de *O Capital*. Apesar da breve menção, pouco se fala sobre essa comparação. Essa questão também é debatida entre alguns marxistas sobre qual seria o verdadeiro sentido do caráter fetichista da mercadoria e a religião, comparação que é dividida e que aqui poderia ocorrer um aprofundamento sobre o tema. Mais adiante, o autor menciona outros filósofos que, de certa forma, contribuíram para a formação do pensamento de Marx, não podendo deixar de citar Hegel. Segundo Collin (2008, p. 38): “Marx propõe-se, pois, simplesmente, a inverter essa realidade ideal, encontrando aquilo que ‘racionalmente as proposições de Hegel significariam”. Nota-se que, iniciado como jovem hegeliano, Marx se sobrepõe a inverter a filosofia hegeliana, modificando assim as diretrizes que o definiam como hegeliano, invertendo a filosofia de Hegel. Ainda segundo o autor:

Noutras palavras, para Hegel, é o Estado que produz o espírito cívico, por exemplo, ao passo que, na realidade, o Estado existe apenas pelo “espírito cívico”, a convicção subjetiva dos indivíduos. Há, aí, algo que deve ser observado: Marx faz a subjetividade dos indivíduos. Há, aí, algo que deve ser observado: Marx faz da subjetividade dos indivíduos o sujeito real, o Estado é apenas a objetivação (e, portanto, a alienação) dessa subjetividade. Se se disser que a inversão que Marx faz de Hegel é uma inversão materialista, trata-se, de partida, de um materialismo alheio, um materialismo cujo ponto de partida não é uma natureza objetivada através do trabalho da ciência, mas um materialismo cuja matéria-prima é a subjetividade. (COLLIN, 2008, p. 39)

É mostrado então que o que Marx realiza é a subjetividade dos indivíduos em relação ao Estado, diferente do que é delineado por Hegel, sendo o Estado apenas a objetivação e, sendo assim, a alienação. Para Marx, o Estado obedece à vontade de uma classe específica, em contradição com a maioria alienada. Ainda segundo o autor sobre a filosofia de Marx:

Os marxistas tinham se acostumado a definir a filosofia de Marx como um “materialismo dialético”. Observemos que aí onde o pensamento de Marx começa a forjar-se como um pensamento novo, na ruptura como os “jovens hegelianos”, ele quase não é materialista – em todo caso é um materialismo problemático – e não dialético, se a dialética é essa identidade dos contrários, ou identidade da identidade e da diferença, segundo uma definição explicitada brilhantemente por Bernard Bourgeois. (COLLIN, 2008, p. 40)

De forma bem exemplificada, o autor mostra os passos que Marx percorre até desenvolver por completo o seu pensamento. De início, menciona que o pensamento de Marx seria um

materialismo problemático e não um materialismo dialético. Mais adiante, o autor adentra na análise de *O Capital* e, de forma breve, menciona o capítulo 01 da referida obra, começando da seguinte maneira:

Aparentemente, seu assunto é o mesmo de A riqueza das nações de Adam Smith ou dos Princípios da economia política e do imposto de David Ricardo. No entanto, os críticos da época não se enganam: censuram-no por ser demasiado metafísico, demasiado filosófico, de dar lugar demais à dialética hegeliana. O *Capital* será censurado também por ser “tendencioso”: de fato, Marx escreve muitas vezes como correspondente de guerra na guerra de classes. A análise objetiva, neutra do ponto de vista axiológico, está aí regularmente coberta pelos pathos moral, pela indignação do militante. Em suma, uma obra que teria tudo para desagradar aqueles que pretendem fazer da economia política uma ciência cujos modelos matemáticos mostrassem que ela é, doravante, uma ciência igual às ciências da natureza. (COLLIN, 2008, p. 111)

Mostra o autor, então, abordando inicialmente a obra *O Capital*, que, apesar de inverter a filosofia de Hegel, do ponto de vista materialista, Marx mantém viva a sua dialética, sendo, até por parte dos críticos, algo a ser destacado. Outro ponto mostrado pelo autor seria a forma excessivamente crítica de Marx, como um correspondente de guerra, que toma partido na guerra de classes, guerra esta que seria travada entre os burgueses e o proletariado. E, mais adiante, o autor inicia a análise propriamente dita de *O Capital*, iniciando pela mercadoria:

A mercadoria não é uma coisa que subsiste por si mesma e que se pode tocar ou mostrar com o dedo. É uma “coisa metafísica”, justificável pelo sistema das categorias tradicionais da metafísica. A análise de Marx segue um caminho que parece emprestado da lógica hegeliana – um flirt, dirá Marx. A mercadoria, que aparece em primeiro lugar como uma coisa simples que conhecemos e que não tem necessidade de definição, se desdobra quando a examinamos sob o ângulo da qualidade - valor de uso que só se vale por suas qualidades concretas que permitem satisfazer uma necessidade concreta – ou o ângulo da quantidade, valor de troca, pura quantidade abstrata, independente das necessidades concretas do produtor ou do comprador. (COLLIN, 2008, p. 115)

O autor, inicialmente tratando da definição da mercadoria, exprime vários conceitos que podem ser observados com maior aprofundamento se examinados de forma isolada. Porém, é célebre a contribuição do autor, mostrando a relação do pensamento de Marx com a lógica hegeliana. Nota-se, nesse parágrafo, também uma linguagem aprofundada e somente compreensível para alunos de graduação; dificilmente o aluno do ensino médio poderia compreender muitos dos conceitos que são expostos de uma forma pouco detalhada e bem específica. Ainda continua o autor:

As qualidades determinam a coisa, as qualidades substanciais fazem, por exemplo, com que esta coisa seja uma roupa. Não fazem, porém, uma mercadoria em geral: o pulôver que a mãe tricota para seu filho tem todas as qualidades que fazem de um pulôver, mas não é uma mercadoria. Ao inverso, a quantidade que, ao variar, não muda nada na substância da coisa é precisamente inerente à substância da mercadoria, pois o que faz de uma coisa qualquer mercadoria é que ela tem um valor de troca. Desse ponto de vista, o valor se reduz à mercadoria, pois suas determinações particulares desaparecem completamente no ato de troca: se troquei 20 metros de pano por um terno de roupa, ou um terno por três pares de sapatos, isso não muda nada no assunto. Sob esta espécie, a “forma valor” da mercadoria é uma forma que tem como substância uma dessas substâncias que “são quantidades por si”. Essa substância, que é uma quantidade por si, é o trabalho e sua grandeza, é o tempo de trabalho social cristalizado no produto mercadoria. Se posso trocar “x mercadorias A por y mercadorias B” (por exemplo 20 metros de pano por um terno), é porque a quantidade x da mercadoria A precisou de tanto tempo de trabalho social quanto a produção da quantidade y da mercadoria B. Quando a mercadoria entra na esfera da troca, ela perde todas as suas qualidades concretas, tudo o que faz dela um valor de uso, para tornar-se pura quantidade que se reflete na quantidade de outra mercadoria. (COLLIN, 2008, p. 115)

Desenvolvendo o conceito de mercadoria, o autor mostra que certas coisas determinadas não podem ser consideradas mercadorias, apesar de seu valor de uso, que é diferente de seu valor de troca. E, neste ínterim, é colocada a teoria do valor-trabalho, que determina a quantidade de trabalho que é desprendida em determinada mercadoria, sendo equivalente à quantidade de trabalho exprimida na criação de outra mercadoria, sendo, portanto, equivalente na troca. Apesar da riqueza dos parágrafos, é nítido a forma rápida com que são tratadas as questões fundamentais presentes no capítulo 01 de *O Capital*. Mais adiante, sobre a teoria do valor-trabalho, o autor nos mostra que:

A teoria do “valor-trabalho” não é, propriamente falando, uma descoberta de Marx, visto que Marx, aparentemente, apenas retoma as proposições da economia política clássica de Smith e Ricardo. Mas ele nos remete a Aristóteles. Ao analisar as particularidades da “forma equivalente”, quer dizer, dessa igualdade fundamental “x mercadoria A = y mercadorias B”, trata-se de encontrar aquilo que é a substância de valor. (COLLIN, 2008, p. 116)

É tratado de forma rápida que a teoria do valor-trabalho não é encontrada apenas na obra de Marx, e pouco é mostrado sobre a questão do trabalho que é desenvolvida no capítulo 01 de *O Capital*, sendo deixados de lado o trabalho concreto e o trabalho abstrato. Também não são exemplificados o tempo de trabalho socialmente necessário. Compreende-se que, apesar do conteúdo valiosíssimo do livro de Denis Collin, esses conceitos poderiam perfazer uma parte

maior da obra aqui analisada. Daí, do trabalho, o autor salta para o valor propriamente dito e o paralelo que Marx faz sobre a busca de Aristóteles por tal comensurabilidade entre as coisas, ficando incompleta essa análise inicial do filósofo grego. Marx explica que o conceito de valor a partir do trabalho não poderia existir na sociedade grega antiga por conta da prática contínua da escravidão. Ainda sobre valor e trabalho, o autor continua a sua análise da seguinte forma:

O conteúdo real dessa relação é a substância do valor que se resolve em trabalho geral, quer dizer, às custas de força de trabalho dos indivíduos. Noutras palavras, as mercadorias não têm valor nelas mesmas, o valor não é um dado fundamental que pertence à coisa, pois a substância do valor é o trabalho vivo. Ora, essa forma valor não é um dado, não é algo eterno, mas o resultado de um processo histórico. A troca mercantil aparece, primeiro, de maneira esporádica, na periferia das formações sociais, para invadir progressivamente todo o espaço das relações entre os indivíduos. E a forma valor só se torna verdadeiramente uma forma independente quando todos os produtos da atividade humana se tornam mercadorias. Ela se torna realmente dominante quando a própria força de trabalho, ou seja, a potência física e moral do trabalhador, sua essência, é transformada em mercadoria e aparece como uma coisa que lhe é exterior, que ele coloca no circuito da troca da mesma maneira que o fabricante de panos coloca aí seu pano e o fabricante de roupas, sua roupa. Noutras palavras, a substância do valor só aparece como tal no final de toda uma evolução histórica, o que explica por que escapou até o gênio de Aristóteles. (COLLIN, 2008, p. 117)

Mostra, então, o autor que o conceito de valor pressupõe existir somente através de um processo histórico e no modo de produção capitalista, através do trabalho contido na mercadoria e tendo um papel social a partir da troca. Apesar da célebre passagem e da explicação do autor, entende-se que certos conceitos mostrados nessa passagem possuem uma opinião divergente para alguns de outros autores. A substância de valor e sua vasta explicação são, de certa forma, limitadas nessa passagem demonstrada pelo autor. E, após essa explicação, podemos ver outras passagens que exprimem outros conceitos existentes no capítulo 01 de *O Capital*:

Evidentemente, não se trata de uma metamorfose real; tanto antes como depois da troca, a roupa continua roupa. Ao contrário, no ato de troca, a roupa é transformada no equivalente do pano para o cálculo subentendido do tempo de trabalho social necessário para sua produção. É, pois, uma operação que se desenrola no cérebro dos atores sociais que trocam seus produtos. Nem por isso é uma operação que eles se representam enquanto tal. Eles realizam uma operação, mas “não sabem” qual operação estão fazendo porque atribuem às coisas, como uma propriedade objetiva, o que é apenas a expressão da relação das forças de trabalho postas em movimento. (COLLIN, 2008, p. 119)

Nessa passagem, o autor mostra a relação do fetiche da mercadoria, porém, deixa de forma subtendida e não especifica a exemplificação desse conceito precioso tratado no início de *O Capital*. E, mais adiante, Denis Collin (2008, p. 125), nos mostra que: “A mercadoria, de fato, apresenta um caráter ‘místico’. Porque a mercadoria não é uma coisa, mas uma relação social que se apresenta sob a forma de uma coisa.” E continua da seguinte maneira:

Forma valor é, portanto, “fantástica” e, por conseguinte, os economistas se ocupam com “coisas fantásticas”! Eis agora uma segunda maneira de pensar a cientificidade da crítica marxiana da economia política. Ela pode legitimamente se apresentar como uma ciência, não porque seria uma ciência do mesmo tipo que a física de Newton, mas por oposição a essa “economia política” que, sem mais precaução, toma coisas fantásticas por objeto. A forma valor dissimula a realidade das relações sociais para substituí-la por um equivalente ideal. Daí a analogia com a religião e a referência ao fetichismo que dá às coisas o poder mágico de agir como se se tratasse de seres vivos dotados de uma potência própria. As relações sociais entre os produtores aparecem como relações entre as coisas, e por isso o valor das mercadorias não diz o que ele é, ao invés, aparece como um “hieróglifo”. Por que é assim? Simplesmente porque o caráter social dos trabalhos só se manifesta através da troca: cada produtor produz para o mercado - ele produz para satisfazer suas necessidades ao produzir para satisfazer as necessidades de um outro. A intricação desses produtores constitui o caráter social da produção: através do mercado organiza-se e articula-se a divisão do trabalho, e o conjunto realiza uma cooperação espontânea de todos os produtores. Ao vender sua meia tonelada de ferro (cf. exemplo acima), o produtor de ferro busca apenas os meios de obter, por exemplo, 10 metros de pano e 20 libras de café, mas ao mesmo tempo produziu o ferro necessário para a fabricação de máquinas para fazer café e de máquinas para tecer o pano. (COLLIN, 2008, p. 128)

O autor traz, então, uma crítica à economia política da época, mostrando que estas tomam coisas fantásticas por objetos. Essas coisas fantásticas seriam as mercadorias, e fantásticas, portanto, porque exprimem uma ilusão na mente dos homens que as trocam e enxergam nessas coisas o valor de troca. E continua mencionando o fetichismo, que dá à capacidade de as mercadorias subentenderem as pessoas como se tivessem vida própria e articula todo o sistema capitalista e seus meios de troca. Compreende-se que o autor contribui de forma importante para o entendimento de Marx. Porém, o que se busca nesta presente dissertação é a criação de uma sequência didática que possa se aprofundar com maior liberdade, trazendo um corte específico sobre os conceitos do capítulo 01 de *O Capital*.

### 3.7 A Mercadoria de Jorge Grespan

A última análise repousa sobre a obra que mais se aproxima do material que se pretende produzir com o estudo realizado nesta dissertação, porém a mais importante ressalva seria que a obra tem como objetivo atingir estudantes de graduação e jovens que já tenham alguma aptidão na leitura de textos marxistas. O material analisado é um livro do professor Jorge Grespan, obra intitulada “*A Mercadoria*”, lançado em 2006 pela Editora Ática.

A proposta da obra é comentar o capítulo 01 de *O Capital*. Jorge Grespan, na apresentação de sua obra, nos mostra de forma detalhada e com uma linguagem muito simples, porém de grande fundamento, inicialmente uma breve introdução a Marx, e como este se interessou pelo estudo da economia política e quais foram os parâmetros que o levaram a redigir por toda a vida esse modo de pensamento transcrito em sua obra basilar. É de grande utilidade essa apresentação para o leitor compreender o modo de exposição dialético de Marx, porém, para o ensino médio, a linguagem pode ser considerada de certa forma aprofundada. Inicialmente abordando o capítulo 01 de *O Capital*, o autor traz a seguinte indagação sobre a mercadoria:

É o primeiro capítulo desse livro que é aqui apresentado ao leitor, incluindo aquele interessado em conhecer a obra como um todo. E é possível fazê-lo porque, pela própria arquitetura de *O Capital*, esse capítulo inicial, dedicado ao estudo da mercadoria, condensa e antecipa o que vem a seguir. Marx precisou de muitos anos de reflexão para acertar esse começo. Ele não queria um conceito inicial de certa forma abstrato, como seria o de valor, se apresentado sem conexão com formas sociais determinadas. Concluiu pelo conceito de mercadoria, porque ela é um "objeto externo", mas, ao mesmo tempo, nessa sua materialidade, é portadora de relações sociais muito específicas. É pela troca das mercadorias que se encontram e se associam seus produtores, em relações que não ocorreriam sem a mediação dessa troca, que imprime a tais relações um conteúdo específico, inexistente em outras sociedades. (GRESPLAN, 2006, p.08)

De grande contribuição é essa explicação do autor, sendo que, justamente partindo de algo simples como a mercadoria, Marx consegue extrair sua abstração e seus conceitos basilares que delineiam sua obra. Marx poderia muito bem abordar algum tema mais complexo, porém, com a mercadoria, é possível compreender as relações de troca e como essas relações específicas funcionam no modo de produção capitalista, sendo tais percepções inexistentes em outro sistema econômico. E continua o autor:

Mais ainda, antecipando capítulos posteriores do livro, a análise da mercadoria em geral é estratégica, porque no sistema capitalista a produção é realizada por uma forma de trabalho que se tornou, ela mesma, mercadoria - a força de

trabalho. Por isso era preciso, desde o início de *O capital*, conhecer as partes componentes da forma mais geral, a mercadoria, e a articulação dessas partes, para compreender corretamente como se configura essa mercadoria específica, a força de trabalho, constitutiva de todo o sistema. Pois é tal configuração que explica fenômenos cruciais como a mais-valia, a acumulação e a reprodução do capital, bem como a expansão da forma mercantil por todo o arco do capitalismo: a mercadoria será a forma pela qual esse sistema se generalizará, impressa a todos os "bens e serviços" e, no limite, a todas as relações sociais. (GRESPLAN, 2006, p.09)

Antecipando o que viria após Marx abordar a mercadoria, o autor mostra a importância da introdução da abordagem da mercadoria para a percepção do modo filosófico de Marx, que é abordado no capítulo 01 e no decorrer da obra. Com a análise da mercadoria, compreende-se que é o trabalho, também no modo de produção capitalista, uma mercadoria e, portanto, uma moeda de troca, que, de certa forma, o burguês utiliza para acumular o seu capital e explorar o trabalhador. Portanto, sem o conceito de mercadoria, nenhuma relação social ou conceito abstrato poderia ser explicado no modo de produção capitalista. É a partir dessas indagações que se propõe o objetivo primordial da presente dissertação. Eis a explicação sobre o método filosófico de Marx, presente no capítulo 01 de *O Capital*:

É que as partes componentes da mercadoria, encontradas pela análise, não são simplesmente diferentes umas das outras, mas opostas: elas se definem numa relação em que se defrontam, excluem-se reciprocamente, negam-se e, assim, se afirmam. Esse jogo complexo, que é a forma da dialética em Marx, produz um movimento a partir do qual surge o dinheiro, também definido por uma oposição - agora, à mercadoria em geral. Mas não se trata, é bom ressaltar, apenas de um movimento de conceitos. O movimento dos conceitos só reconstitui um movimento real, existente nas trocas e na produção, isto é, no fazer dos agentes sociais. Reconstituir o todo desse movimento real é o projeto da obra de Marx. A dialética não pertence essencialmente ao mundo dos conceitos, não é método a ser imposto a alguma realidade: é o reflexo conceitual do *modus operandi* da realidade; e não de qualquer uma, mas daquela que se estrutura pela negação mútua de seus elementos efetivos. A oposição presente já na mercadoria só se torna mais complexa no dinheiro e no capital, que se defronta não mais com uma mercadoria qualquer, como o dinheiro, mas com a força de trabalho. Da dialética desse movimento é que resultam tanto a força expansiva do capital, por um lado, como os limites que ele mesmo impõe a seu crescimento, por outro. Em outras palavras, é dessa dialética que surgem fenômenos percebidos pioneiramente por Marx: a tendência à concentração oligopolista do mercado, quase inexistente no tempo dele; a tendência da produção capitalista a substituir trabalho por capital, desempregando trabalhadores; o predomínio crescente do setor financeiro sobre o industrial, que observamos agudamente no mundo atual; e as crises, por fim, como manifestação real das contradições constitutivas do capital. São as inversões contínuas da realidade, que Marx chamou de "fetichismo", tratado na última parte de "A mercadoria". (GRESPLAN, 2006, p.09)

No modo de produção capitalista, nada poderia existir sem a mercadoria. Partindo dessa premissa, é possível delinear o método filosófico de Marx e como este percebe a sociedade. Partindo para os capítulos, existem pequenas notas de grande excelência, que são muito assertivas e bem escritas. Toda a atenção da obra é voltada para a explicação do capítulo 01 de *O Capital*, sendo este material analisado o grande material inspirador para a criação do que se pretende produzir na presente dissertação.

## 4 DIVISÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA – O PERCURSO DO MODO DE EXPOSIÇÃO DIALÉTICO NO CAPÍTULO 1

### 4.1 Mercadoria: Valor de Uso, Valor de Troca e Valor

A análise de Marx sobre a mercadoria pode parecer algo muito simples, porém é na simplicidade de sua análise que se compreende o funcionamento da sociedade capitalista. A análise da mercadoria é tão importante justamente porque engloba os conceitos mais fundamentais e abstratos do funcionamento do modo de produção capitalista.

É a partir dela que Marx inicia sua investigação em *O Capital*, desvendando como as relações sociais se materializam na forma mercadoria e como esta se torna a célula básica da economia capitalista. Ao examinar categorias como valor e fetichismo da mercadoria, Marx demonstra que, por trás da aparente simplicidade da mercadoria, escondem-se complexas relações sociais. Assim, compreender a mercadoria significa compreender a lógica interna do capital, suas contradições e os mecanismos que sustentam a reprodução do sistema.

Logo no início de *O Capital*, é dita uma das mais célebres explicações formuladas por Marx, como pode-se observar:

A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma “imensa coleção de mercadorias” e a mercadoria individual como sua forma elementar. Nossa investigação começa, portanto, com a análise da mercadoria. (MARX, 1996, p. 165)

A análise primordial da obra de Marx repousa, portanto, na riqueza e na mercadoria. O objetivo e a relação que a mercadoria tem com o homem são caracterizados, então, quando o autor exprime o que de fato é buscado no consumo das mercadorias. O desejo do homem, que pode brotar de sua mente ou de seu estômago, o leva a criar as mercadorias.

É correto pensar inicialmente que a mercadoria serve para satisfazer determinados desejos humanos. Se ela tem essa utilidade, então chega-se à seguinte indagação: A mercadoria, tendo por utilidade satisfazer necessidades humanas, em outras épocas também já foi criada para servir como troca por outra mercadoria? Quando pensamos dessa forma, será que conseguimos compreender que ainda, de certa forma, existe a troca das mercadorias? Quando pensamos na troca de mercadorias, não conseguimos enxergar essa troca nos dias atuais. Pensa-se que só nos primórdios da civilização humana uma determinada mercadoria era trocada por outra mercadoria.

Um exemplo seria um produtor de animais bovinos, que troca a carne desses animais por outra mercadoria, como cereais produzidos por um agricultor. No sistema econômico atual em que vivemos, não enxergamos mais a troca de mercadorias; porém, existe uma mercadoria que atua como equivalente universal da troca de forma social. Questão essa que será mostrada no presente trabalho.

Marx, utilizando-se de seu método de exposição, nos mostra o início da forma simples de valor até a forma dinheiro. Partindo inicialmente da troca entre mercadorias, qual seria, então, a necessidade dessa troca? Supondo que a mercadoria serve para satisfazer o corpo e a mente, um indivíduo produtor de somente um tipo de mercadoria necessita utilizar outras mercadorias produzidas por outras pessoas para satisfazer seu corpo e sua mente. Nota-se que, primeiramente, da análise da mercadoria, muitos se perguntam também por que a análise de Marx tem início na mercadoria. De certa forma, esse capítulo trata de alguns temas totalmente abstratos, sendo preciso buscar muita cautela ao elaborar um material assim para estudantes do ensino médio. Principalmente prezando pela qualidade da pesquisa e muito cuidado com o uso da linguagem a ser abordada. De acordo com Hector Benoit:

Abstratamente, todo o percurso dialético do primeiro livro está pressuposto neste primeiro parágrafo: o universal abstrato da Economia Política burguesa, riqueza aparente e não-histórica, deve ser superado pelo ser histórico da riqueza, ou seja, a riqueza determinada historicamente, e assim é necessário refazer ou reconstruir lógica e historicamente o percurso que vai da mercadoria individual à "imensa coleção de mercadorias". Este é abstratamente o percurso que será percorrido no livro primeiro. (BENOIT, 1996 p. 04)

Em outras palavras, compreendendo o primeiro parágrafo de *O Capital*, já é possível, de antemão, que o estudante tenha uma ideia sobre o modo de exposição dialético presente na obra de Marx. Ou poderia ser compreendido que, nesse primeiro parágrafo, estaria sendo exemplificado seu método, de forma resumida, ainda que oculto. E é justamente o caminho utilizado no capítulo 01 de *O Capital* que exprime esse método ou modo de exposição dialético, da mercadoria individual à imensa coleção de mercadorias, e sua contradição.

Entende-se que a imensa coleção de mercadorias é desmedida, e a análise começa dessa forma abstrata, propositalmente, para mais adiante trazer à tona os temas concretos. Percebe-se então que, até mesmo, a força de trabalho é vendida como uma mercadoria. Marx, logo no início de sua exposição, nos mostra que a riqueza não é algo moral que deve ser cultivado em nossa mente, mas pode-se entender como algo material, como expressão completa na mercadoria. Para

expor inicialmente os conceitos básicos da utilidade da mercadoria, devemos pensar em qualidade e quantidade. Somente sobre esses dois aspectos podemos começar a compreender o modo de exposição e os temas subsequentes que repousam sobre o valor de uso e o valor de troca das mercadorias.

Após mencionar a aparente forma da sociedade capitalista na imensa coleção de mercadorias, Marx começa sua análise voltada para a mercadoria individual elementar. O início da exposição repousa sobre a mercadoria, que é descrita, segundo Marx (1996, p. 165), como "um objeto externo", "uma coisa" que, através das suas propriedades, satisfaz necessidades humanas."

A mercadoria mencionada inicialmente é toda a mercadoria produto do trabalho humano. Para pensar em utensílios do dia a dia: um estojo, um lápis, um caderno, um notebook, etc. Supondo que a mercadoria satisfaz necessidades humanas, ela seria, portanto, valor de uso, ou algo que tem utilidade. Usamos o lápis para escrever e o estojo para guardar utensílios. De início, a análise mostra que o valor de uso na mercadoria é suporte de valor, porque seu valor pode ser permutável por outra mercadoria. O valor de uso seria, portanto, suporte do valor de troca. Dentro dessa relação, aparece também um terceiro elemento, o valor.

A mercadoria possui, portanto, uma contradição aparente: valor de uso e valor de troca. Além do que se sucede em relação à mercadoria, partindo dessa premissa, se a mercadoria, portanto, rege-se por essa contradição entre valor de uso e valor de troca, é preciso observar também o que é utilizado para gerar mercadorias e também podemos pensar um pouco mais além: qual seria, então, a origem do valor? Tudo que é formado como mercadoria necessita ser criado, portanto, através do trabalho.

Marx, no início de sua obra, transcorre a respeito da utilidade da mercadoria, quando pensamos em uma mercadoria, prontamente vem em nossa mente algum objeto. Certamente, esse objeto foi criado para servir a uma finalidade, ou caso contrário, ele não seria criado. É sobre essa finalidade que podemos entender como valor de uso: valor de uso para quê? Valor de uso para uma necessidade humana. Essa necessidade da matéria ou do espírito não altera em nada na coisa, ou seja, o homem, utilizando-se da criação de mercadorias, criando um alimento ou uma música, nada se altera como sendo um valor de uso:

A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera

nada na coisa. Aqui também não se trata de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se imediatamente, como meio de subsistência, isto é, objeto de consumo, ou se indiretamente, como meio de produção. (MARX, 1996, p. 165)

Inicialmente, percebe-se a mercadoria como sendo algo que serve às necessidades humanas, porém nem tudo pode ser considerado mercadoria somente por atender a esses quesitos, embora toda a mercadoria necessite atender a esse primeiro quesito mencionado, sendo, portanto, a mercadoria que se apresenta como valor de uso e valor de troca. A mercadoria pode satisfazer alguém imediatamente; um exemplo seria uma pizza preparada em casa para o consumo, porém ela também pode adquirir outra característica, sendo produzida para a venda, ou, melhor dizendo, ainda nesse instante da exposição, sendo produzida para a troca.

Voltando-se novamente ao valor de uso, é de se notar que sua finalidade é uma criação social, e uma prova disso são as várias distinções de produtos que existiram no decorrer da história, todos pautados em uma finalidade social. Presume-se que essa forma social do valor não paira no ar, necessitando, portanto, de um corpo mercadoria. Nesse corpo mercadoria está contido o valor de uso, portanto, se algo não pode servir como valor de uso, também não contém valor. Ainda segundo Marx sobre o valor de uso:

A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso. Essa utilidade, porém, não paira no ar. Determinada pelas propriedades do corpo da mercadoria, ela não existe sem o mesmo. O corpo da mercadoria mesmo, como ferro, trigo, diamante etc. é, portanto, um valor de uso ou bem. (MARX, 1996, p. 166)

Então, Marx especifica que a utilidade não paira no ar; porém, retirando-se essa utilidade, ainda pode ser percebido algo, e pode-se entender o corpo da mercadoria como valor de uso. Ainda de acordo com Karl Marx (1996, p. 172): “Os valores de uso, como casaco, linho etc., enfim, os corpos das mercadorias, são ligações de dois elementos: matéria fornecida pela natureza e trabalho.” Antes de compreender o valor de troca da mercadoria, compreende-se o valor de uso ou a finalidade útil de uma coisa. Os valores de uso podem ser compreendidos também como os corpos das mercadorias, como já foi mencionado. Podemos compreender inicialmente, através do raciocínio anterior, que os corpos das mercadorias são uma junção de matéria e trabalho humano.

Mais adiante, Marx mostra que o valor de uso pode ser medido de forma quantitativa, e, após isso, expõe a importante indagação:

O valor de uso realiza-se somente no uso ou no consumo. Os valores de uso constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social desta. Na forma de sociedade a ser por nós examinada, eles constituem, ao mesmo tempo, os portadores materiais do — valor de troca. O valor de troca aparece, de início, como a relação quantitativa, a proporção na qual valores de uso de uma espécie se trocam contra valores de uso de outra espécie, uma relação que muda constantemente no tempo e no espaço. O valor de troca parece, portanto, algo casual e puramente relativo; um valor de troca imanente, intrínseco à mercadoria (valeur intrinsèque), portanto uma *contradictio in adjecto*. (MARX, 1996, p. 166)

Portanto, o valor de uso, sendo uma objetividade social presente na mercadoria, só pode exprimir sua natureza de valor de uso através do uso ou do consumo. O valor de uso aparece, então, no consumo; porém, o valor de uso pode ser entendido como o suporte de outra expressão do valor, sendo o subsequente da análise de Marx, o valor de troca, que logo será abordado de forma mais específica.

Quando pensamos na mercadoria, presume-se, então, o seu valor de uso. Por exemplo: um livro serve para ser lido, um carro para locomover pessoas e um bolo para ser consumido. O substrato inicial do produto, nas mãos do homem, se transforma em mercadoria, e, após se tornar mercadoria, exprime seu valor de uso. Mas o que poderia sobrar da mercadoria caso o seu valor de uso fosse retirado? A mercadoria é formada, então, pelo trabalho concreto do homem e pela matéria empregada na mercadoria. O conceito de trabalho abstrato será amplamente desenvolvido no próximo tópico específico; porém, já é possível trazer uma observação sobre esse conceito neste primeiro tópico sobre a mercadoria e os valores de uso e de troca. Ao deixar de lado o valor de uso da mercadoria, não pode esta retornar como trabalho concreto, pois já se transformou. O que resta, portanto, é o trabalho abstrato.

Mais adiante, Marx nos traz uma analogia que, em um olhar desatento, pode ser difícil de ser compreendida:

Consideremos agora o resíduo dos produtos do trabalho. Não restou deles a não ser a mesma objetividade fantasmagórica, uma simples gelatina de trabalho humano indiferenciado, isto é, do dispêndio de força de trabalho humano, sem consideração pela forma como foi despendida. O que essas coisas ainda representam é apenas que em sua produção foi despendida força de trabalho humano, foi acumulado trabalho humano. Como cristalizações dessa substância social comum a todas elas, são elas valores — valores mercantis. (MARX, 1996, p. 168)

Essa gelatina de trabalho humano, Marx compreende como o trabalho abstrato, sendo a expressão de algo suprassensível, o que é definido como valor. Esse termo ainda deve ser melhor fundamentado e não pode ser confundido. Por hora, nos atentamos ao valor de uso nas mercadorias; porém, da junção de força de trabalho e matéria, daí nasce a mercadoria. Abstraindo o valor de uso da mercadoria, sobra essa “gelatina de trabalho” que não pode ser percebida pelos sentidos humanos, pois sua forma é social, daí a explicação de sua “objetividade fantasmagórica”. Mais adiante, compreende-se que o trabalho abstrato é a substância que exprime o valor, segundo Karl Marx (1996, p. 168): “Portanto, um valor de uso ou bem possui valor, apenas, porque nele está objetivado ou materializado trabalho humano abstrato.”

O valor de uso, sendo o corpo da mercadoria, não pode conter valor sem essa substância que exprime o valor. Em outras palavras, o trabalho abstrato contido na mercadoria nos mostra o seu valor<sup>10</sup>. Marx, em sua obra, traz alguns exemplos de coisas que são tratadas como mercadorias, porém só possuem o valor de uso, não contendo valor de troca:

Uma coisa pode ser valor de uso, sem ser valor. É esse o caso, quando a sua utilidade para o homem não é mediada por trabalho. Assim, o ar, o solo virgem, os gramados naturais, as matas não cultivadas etc. Uma coisa pode ser útil e produto do trabalho humano, sem ser mercadoria. Quem com seu produto satisfaz sua própria necessidade cria valor de uso mas não mercadoria. Para produzir mercadoria, ele não precisa produzir apenas valor de uso, mas valor de uso para outros, valor de uso social. E não só para outros simplesmente. O camponês da Idade Média produzia o trigo do tributo para o senhor feudal, e o trigo do dízimo para o clérigo. Embora fossem produzidos para outros, nem o trigo do tributo nem o do dízimo se tornaram por causa disso mercadorias. Para tornar-se mercadoria, é preciso que o produto seja transferido a quem vai servir como valor de uso por meio da troca. Finalmente, nenhuma coisa pode ser valor, sem ser objeto de uso. Sendo inútil, do mesmo modo é inútil o trabalho nela contido, não conta como trabalho e não constitui nenhum valor. (MARX, 1996, p. 170)

Antes de alguns produtos serem criados com a finalidade exclusiva de troca e de lucro, os utensílios foram criados para suprir as necessidades mais básicas do cotidiano humano; as roupas foram criadas para a proteção contra o frio ou contra o sol, o alimento foi preparado para conservação e para subsistência. Com o passar das eras, todos esses exemplos tornaram-se também mercadorias. Porém, quando se prepara um prato de comida para o próprio sustento, este não pode ser considerado uma mercadoria, pois é um valor de uso, mas não contém valor de

---

<sup>10</sup> O valor de uma mercadoria deriva do tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-la. Esse valor é uma espécie de "substância suprassensível" porque não pode ser diretamente observado ou percebido pelos sentidos, mas é uma propriedade abstrata que existe por trás das aparências físicas das mercadorias.

troca. Para um item ser considerado uma mercadoria, precisa ser condicionado a ter como finalidade a criação de seu valor de uso para que outras pessoas possam usufruir deste.

De acordo com Friedrich Engels (1996, p. 170), ele explica, além disso, que, para ser considerado uma mercadoria, o item deve ser criado para os outros e transferido por meio da troca, condição que não existia no feudalismo. Essa breve indagação de Engels ajuda, de forma significativa, à compreensão e definição do produto como uma mercadoria.

Certamente, um objeto que não possui valor de uso não pode ser definido como mercadoria. Um exemplo seriam alguns objetos em determinadas situações. Vamos supor que exista um prédio residencial na beira de uma praia muito movimentada. Podemos imaginar que esse prédio é composto de vários apartamentos, e esses apartamentos servem tanto como moradia quanto para locação em datas comemorativas. De repente, ocorre algo que coloca em risco a estrutura desse prédio, e o mesmo corre o risco de desabar. Com certeza, todo o valor de uso desse bem produzido por trabalho humano se esvai, e some o seu valor. Percebe-se agora que esse prédio não possui valor de uso, pois não pode ser mais habitado, e muito menos possui valor de troca, pois a troca só é efetuada entre valores de uso distintos.

O valor de troca pode ser expresso de uma forma simples. Determinada quantidade de mercadoria pode ser trocada por determinada quantidade de outra mercadoria.

Agora, trazendo nossa análise para o valor de troca, Marx expõe inicialmente a forma simples de valor. Porém, antes de explicar esse conceito, o autor mostra qual seria a contextualização do valor de troca, segundo Karl Marx (1996, p. 166): “O valor de troca aparece, de início, como a relação quantitativa, a proporção na qual valores de uso de uma espécie se trocam contra valores de uso de outra espécie, uma relação que muda constantemente no tempo e no espaço.” Então Marx inicialmente contextualiza o valor de troca somente de forma quantitativa, ou seja, quanto vale certa quantidade de mercadoria por outra determinada quantidade de uma outra mercadoria. Para Marx, o valor de troca não pode ser algo inerente à mercadoria; portanto, esse valor de troca deve ser olhado por outros ângulos. Um determinado produto trocado por outro exprime, nesse último, a quantidade que esse produto vale em relação ao outro, mas esse quantum determinado de valor para efetivar a troca presume-se ser uma característica que pode ser vista de outros ângulos ou de outras formas. Mais adiante, Marx exprime que, de fato, na relação de troca entre duas mercadorias distintas, existe algo que não pode ser percebido de imediato na troca:

Tomemos ainda duas mercadorias, por exemplo, trigo e ferro. Qualquer que seja sua relação de troca, poder-se-á, sempre, representá-la por uma equação em que dada quantidade de trigo é igualada a alguma quantidade de ferro, por exemplo, 1 quarter de trigo = a quintais de ferro. Que diz essa equação? Que algo em comum da mesma grandeza existe em duas coisas diferentes, em 1 quarter de trigo e igualmente em a quintais de ferro. Ambas são, portanto, iguais a uma terceira, que em si e para si não é nem uma nem outra. Cada uma das duas, enquanto valor de troca, deve, portanto, ser redutível a essa terceira. (MARX, 1996, p. 167)

O autor traz uma comparação de um produto sendo trocado por outro, mostrando que, nessa relação de troca, sendo ambos os produtos diferentes, devem ser, portanto, redutíveis a uma terceira substância, que, por ora, não é revelada. Mais adiante, Marx trará novamente essa indagação. Ainda em relação ao valor de troca, essa passagem pode ajudar a compreender melhor esse conceito, que, separado do valor de uso, serve simplesmente para a troca; porém, ele exprime mais do que aparenta:

Na própria relação de troca das mercadorias seu valor de troca apareceu-nos como algo totalmente independente de seu valor de uso. Abstraindo-se agora, realmente, o valor de uso dos produtos do trabalho obtém-se seu valor total como há pouco ele foi definido. O que há de comum, que se revela na relação de troca ou valor de troca da mercadoria, é, portanto, seu valor. O prosseguimento da investigação nos trará de volta ao valor de troca, como a maneira necessária de expressão ou forma de manifestação do valor, o qual deve ser, por agora, considerado independentemente dessa forma. (MARX, 1996, p. 168)

Convém, então, adiantar um conceito que será aprofundado futuramente para que se realize uma melhor compreensão do conceito do valor de troca. Até aqui, falou-se do valor de uso e agora o foco está no valor de troca. Porém, para Marx, o valor de troca seria uma abstração do valor<sup>11</sup>, e também a forma de manifestação do valor. Então, quando caracterizamos esses conceitos, pensamos em valor de uso, valor de troca e valor. Na passagem destacada acima, o autor mostra que o valor de troca no modo de produção capitalista não é nada mais do que a forma de manifestação do valor, ou como ele é utilizado dentro da troca. Pensando de forma mais aprofundada no valor de troca, primeiramente, para compreender o conceito de mercadoria, deve-se saber que o produto só pode ser considerado uma mercadoria porque é valor de uso. Segundo Marx (1996): “Elas são só mercadorias, entretanto, também, devido à sua duplicidade, objetos de uso e simultaneamente portadores de valor.” Além disso, outra característica das mercadorias no modo de produção capitalista é a produção de seu valor de uso para outrem, ou seja, a produção

de valor de uso para ser utilizado por outro indivíduo através da troca. Além do mais, segundo Marx (1996, p. 176): “Elas aparecem, por isso, como mercadoria ou possuem a forma de mercadoria apenas na medida em que possuem forma dupla, forma natural e forma de valor.” A forma natural seria o seu valor de uso, uma forma que, de fato, é a razão da existência da mercadoria enquanto coisa, e a forma de valor que não seria uma forma natural, mas sim uma forma social, sendo perceptível apenas em uma relação social entre uma mercadoria e outra mercadoria.

Na permutabilidade entre mercadorias, percebe-se que uma mercadoria é a forma de valor relativa e a outra figura como a mercadoria que revela o valor como equivalente. Quando se pensa na forma de valor relativa, percebe-se que sua mudança de valores reais não interfere em sua grandeza de valor relativo, como mostra Marx:

As mudanças reais na grandeza de valor não se refletem nem clara nem completamente, em sua expressão relativa ou na grandeza do valor relativo. O valor relativo de uma mercadoria pode mudar, apesar de seu valor permanecer constante. Seu valor relativo pode permanecer constante, apesar de mudar seu valor e, finalmente, não necessitam, de nenhuma forma, coincidir as mudanças simultâneas em sua grandeza de valor e na expressão relativa dessa grandeza. (MARX, 1996 p. 182)

Dentro da permutabilidade entre mercadorias, isso mostra que não é a forma de valor relativa que regula o valor da mercadoria. Antes de mais nada, somente pode exprimir o seu valor de uso. Após isso, deve-se realizar uma observação mais profunda em relação à forma de valor equivalente. Segundo Marx (1996, p. 183): “A forma equivalente de uma mercadoria é, conseqüentemente, a forma de sua permutabilidade direta com outra mercadoria.” Nota-se, então, que, na forma equivalente, percebe-se o quanto de uma mercadoria pode ser permutável por outra. Marx nos diz que a forma equivalente da mercadoria não contém nenhuma determinação quantitativa de valor. Presume-se, então, que, na forma equivalente de valor, existe uma determinação qualitativa de valor. Ainda segundo Marx (1996, p. 184): “A primeira peculiaridade que chama a atenção quando se observa a forma equivalente é esta: o valor de uso torna-se forma de manifestação de seu contrário, do valor.”

Para melhor compreender esse conceito, pode-se utilizar uma analogia entre coisas que pesam o mesmo equivalente. Pode-se pensar em um saco de feijão e uma barra de bronze, ambos pesando 01 quilo. O que existe de idêntico em uma relação de equiparação entre as medidas de

---

<sup>11</sup> Valor como substância suprassensível.

peso desses dois produtos certamente é o seu peso. Marx ilustra esse mesmo raciocínio comparando 1 pão de açúcar e diferentes pedaços de ferro. De forma assertiva, Marx utiliza-se dessa analogia:

O ferro representa na expressão de peso do pão de açúcar uma propriedade natural comum a ambos os corpos, seu peso, enquanto o casaco representa na expressão de valor do linho uma propriedade sobrenatural a ambas as coisas: seu valor, algo puramente social. (MARX, 1996 p. 185)

Nessa estreita relação de comparação entre o peso das mercadorias, Marx mostra como podemos perceber a equiparação entre valor de uso e valor dentro da forma simples de mercadoria, sendo o valor de uso condizente com a forma relativa e o valor possivelmente repousando sobre a forma equivalente. Marx traz essa analogia e nos mostra que o valor que permite a comensurabilidade entre uma mercadoria e outra é uma característica das mercadorias dada de forma estritamente social, portanto, uma criação social. Quando existe a equiparação entre duas mercadorias do mesmo peso, de fato, existe algo perceptível nessa equiparação; esse algo seria, portanto, o peso das mercadorias. Porém, quando há uma relação de equiparação de valor entre duas mercadorias distintas, exprime-se algo perceptível somente de forma social.

Marx traz o exemplo de Aristóteles e sua reflexão sobre o conceito de valor e comensurabilidade entre as mercadorias.

Marx nos mostra que Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômaco*, percebe a forma simples de valor, comparando na respectiva expressão: 05 almofadas = 1 casa ou 05 almofadas = tanto de dinheiro. Porém, o mesmo se detém em aprimorar o raciocínio, pois, sendo o valor presente na mercadoria determinado pelo tempo de trabalho contido nesta, não poderia Aristóteles prever essa comensurabilidade entre mercadorias distintas, sem comparar o tempo de trabalho como valor, já que, na sociedade grega, era predominante o trabalho escravo.

O modo de produção capitalista compra a vida dos trabalhadores por determinado tempo de trabalho, compra feita com o capital acumulado pela força de trabalho do próprio trabalhador, e o trabalhador ingênuo não consegue perceber tal relação de exploração implícita. O mesmo vende sua força de trabalho sem saber que produz o suficiente para ser pago e também mais um pouco para o detentor dos meios de produção pagar a sua mão de obra.

Voltando-se novamente agora para o valor de troca, já foi percebido que esse determinado conceito contém uma forma peculiar. Ele, na verdade, não é um conceito amplo, como já foi mencionado nesta presente dissertação; quando desenvolvido por Marx no capítulo 01 de *O*

*Capital*, ele, na verdade, serve de fato como uma abstração do conceito de valor e forma de manifestação do valor. E agora, desenvolvendo melhor esse conceito, pode-se observar:

O valor da mercadoria A é expresso quantitativamente por meio da permutabilidade direta da mercadoria B com a mercadoria A. Ele é expresso qualitativamente por meio da permutabilidade de um quantum determinado da mercadoria B por dado quantum da mercadoria A. Em outras palavras: o valor de uma mercadoria tem expressão autônoma por meio de sua representação como “valor de troca”. Quando no início deste capítulo, para seguir a maneira ordinária de falar, havíamos dito: A mercadoria é valor de uso e valor de troca, isso era, a rigor, falso. A mercadoria é valor de uso ou objeto de uso e “valor”. Ela apresenta-se como esse duplo, que ela é, tão logo seu valor possua uma forma rápida de manifestação, diferente da sua forma natural, a do valor de troca, e ela jamais possui essa forma quando considerada isoladamente, porém sempre apenas na relação de valor ou de troca com uma segunda mercadoria de tipo diferente. No entanto, uma vez conhecido isso, aquela maneira de falar não causa prejuízo, mas serve como abreviação. (MARX, 1996 p. 188)

O valor da mercadoria é, portanto, algo não natural, diferente do valor de uso. O valor de uso é inerente à mercadoria, pois um produto só pode ser considerado mercadoria se servir como valor de uso. O valor de uso é uma natureza, portanto, da própria mercadoria, o meio pelo qual ela serve a uma finalidade. O valor de uso pode ser notado como algo inato do produto mercadoria.

Essa mesma distinção não ocorre com o valor de troca. O valor de troca só existe na permutabilidade direta da mercadoria. Sem uma troca, não é possível concebe-lo; porém, quando existe essa troca, a comensurabilidade existente entre duas mercadorias distintas, assim como entre duas coisas do mesmo peso, é de fato algo social. É, portanto, uma característica que foi fabricada através do costume, através da troca de mercadorias de forma contumaz, através da troca de mercadorias no modo de produção capitalista.

## **4.2 Trabalho Concreto e Trabalho Abstrato**

Quando inicialmente Marx aborda a mercadoria, ele mostra que a mercadoria contém valor de uso e valor de troca, sendo este último a forma de abstração do valor e também a sua forma de expressão. Mas como podemos compreender esse valor emanado da mercadoria? Pode-se compreender que a mercadoria é formada pelo trabalho e por seu substrato material, mas como medir esse valor? Marx mostra, então, nesta primeira abordagem:

Como medir então a grandeza de seu valor? Por meio do quantum nele contido da “substância constituidora do valor”, o trabalho. A própria quantidade de trabalho é medida pelo seu tempo de duração, e o tempo de trabalho possui, por sua vez, sua unidade de medida nas determinadas frações do tempo, como hora, dia etc. (MARX, 1996 p. 168)

O trabalho é, portanto, a substância que constitui o valor, e, até mesmo com o avanço dos meios de produção, atualmente, no século XXI, a medida do trabalho continua sendo seu tempo. Por mais que a tecnologia avance, diminua o tempo de trabalho para a produção de uma mercadoria, porém, o trabalhador continua aumentando sua escala de trabalho.

Após observar a mercadoria, seu valor de uso e a forma de manifestação do seu valor, é necessário compreender também os conceitos de trabalho concreto e trabalho abstrato, conceitos de grande importância para compreender a troca de mercadorias no modo de produção capitalista. Assim como também serão explorados outros conceitos relacionados ao trabalho no capítulo 01 de *O Capital*, serão abordados os conceitos de trabalho socialmente necessário, bem como o conceito de trabalho simples e trabalho complexo.

Iniciando nossa observação sobre o trabalho, para simplificar o raciocínio, pode-se pensar em duas mercadorias distintas, sendo elas aqui identificadas como linho e casaco. Porém, qualquer mercadoria serve como exemplo para compreensão do raciocínio, e também suas formas úteis são irrelevantes. Marx nos mostra que, independentemente do valor de uso ou seu meio de produção, o que vale como valor para a troca entre mercadorias distintas é o dispêndio de força de trabalho humano na forma concreta, e sua igualação social na forma de trabalho abstrato. A qualidade dos trabalhos humanos contidos na mercadoria é, conseqüentemente, o objeto social de permutabilidade entre as mercadorias.

Percebe-se, então, o trabalho concreto e o trabalho abstrato. A primeira menção ao trabalho abstrato no capítulo 01 de *O Capital* pouco explica sobre sua forma, mas já serve de base para iniciar a compreensão desse conceito:

Deixando de lado então o valor de uso dos corpos das mercadorias, resta a elas apenas uma propriedade, que é a de serem produtos do trabalho. Entretanto, o produto do trabalho também já se transformou em nossas mãos. Se abstraímos o seu valor de uso, abstraímos também os componentes e formas corpóreas que fazem dele valor de uso. Deixa já de ser mesa ou casa ou fio ou qualquer outra coisa útil. Todas as suas qualidades sensoriais se apagaram. Também já não é o produto do trabalho do marceneiro ou do pedreiro ou do fiandeiro ou de qualquer outro trabalho produtivo determinado. Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados, e desaparecem também, portanto, as diferentes formas concretas desses

trabalhos, que deixam de diferenciar-se um do outro para reduzir-se em sua totalidade a igual trabalho humano, a trabalho humano abstrato. (MARX, 1996 p. 167)

Marx nos mostra através da forma simples de valor que a comensurabilidade existente na troca entre duas mercadorias distintas é o trabalho abstrato:

Na verdade, a alfaiataria que faz o casaco é uma espécie de trabalho concreto diferente da tecelagem que faz o linho. Porém, a equiparação com a tecelagem reduz a alfaiataria realmente àquilo em que ambos são iguais, a seu caráter comum de trabalho humano. Indiretamente é então dito que também a tecelagem, contanto que ela teça valor, não possui nenhuma característica que a diferencie da alfaiataria, e é, portanto, trabalho humano abstrato. (MARX, 1996 p. 179).

Nesse exemplo de troca entre mercadorias distintas, pode-se compreender que uma mercadoria, sendo o casaco, e outra mercadoria, sendo o linho, são criadas em estabelecimentos diferentes e, conseqüentemente, são empregados meios diversos para a produção de cada mercadoria. O trabalho na tecelagem cria o linho e o trabalho na alfaiataria cria o casaco. O trabalho empregado na criação de ambos os itens é um trabalho concreto, pois foi empregado de forma específica para a criação da mercadoria na qual foi empregado, seja para criar linho ou para a produção de casaco. Porém, o que traz a igualdade entre esses trabalhos é justamente a mesma massa corporificada em ambas as mercadorias. Essa massa de trabalho, quando compõe a mercadoria, não é mais trabalho concreto, mas sim trabalho abstrato. Através dessa ilustração, é possível compreender as características e condições existentes do trabalho abstrato nas mercadorias:

Para dizer que o seu próprio valor foi gerado pelo trabalho em sua abstrata propriedade de trabalho humano, ele diz que o casaco, na medida em que ele lhe equivale, portanto é valor, compõe-se do mesmo trabalho que o linho. Para dizer que a sua sublime objetividade de valor é distinta de seu corpo entretelado, ele diz que o valor se parece com um casaco e que, portanto, ele mesmo, como coisa de valor, iguala-se ao casaco, como um ovo ao outro. (MARX, 1996 p. 180)

De forma totalmente clara e pedagógica, é possível compreender o reflexo dos trabalhos abstratos contidos em uma mercadoria, na forma simples de valor em questão, que mostra como, de fato, ocorre a troca em sua forma mais simples. Quando o linho se equipara ao casaco na troca, o primeiro em sua forma relativa e o segundo na forma equivalente, só podem fazer esse juízo de equiparação porque, na estranha relação social entre as mercadorias, presente no modo de

produção capitalista, a mercadoria linho vê no casaco sua equiparação. E os homens relacionam essas mercadorias porque, em suas mentes, existe algo em comum entre elas.

A forma de valor relativa mostra a expressão de equivalência entre mercadorias através do trabalho abstrato plasmado na mercadoria. E, em relação ao trabalho concreto, é possível iniciar com a seguinte percepção:

Sendo o trabalho concreto o trabalho empregado na finalidade de existência de uma mercadoria, o trabalho abstrato é a forma de valor existente na equiparação das mercadorias. Força produtiva é sempre, naturalmente, força produtiva de trabalho útil concreto, e determina, de fato, apenas o grau de eficácia de uma atividade produtiva adequada a um fim, num espaço de tempo dado. O trabalho útil torna-se, portanto, uma fonte mais rica ou mais pobre de produtos, em proporção direta ao aumento ou à queda de sua força produtiva. (MARX, 1996 p. 175)

Entende-se, portanto, que esse movimento aumenta e diminui o valor de uso das mercadorias e também, na mesma proporção, o seu valor. E essa movimentação está estritamente ligada ao trabalho empregado na produção de mercadorias. Um dispêndio maior de trabalho concreto aumenta a massa de valores de uso, porém, na mesma proporção, diminui-se o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção da mercadoria e, conseqüentemente, diminui o seu valor, por ter menos substrato de trabalho abstrato coagulado na mercadoria. Ainda sobre o trabalho concreto e o trabalho abstrato, Marx nos diz:

Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força de trabalho do homem no sentido fisiológico, e nessa qualidade de trabalho humano igual ou trabalho humano abstrato gera o valor da mercadoria. Todo trabalho é, por outro lado, dispêndio de força de trabalho do homem sob forma especificamente adequada a um fim, e nessa qualidade de trabalho concreto útil produz valores de uso. (MARX, 1996 p. 175)

Pode-se perceber de forma clara agora as definições de trabalho concreto e trabalho abstrato. Compreende-se que todo trabalho concreto é o dispêndio de força de trabalho visível a olho nu, a força empregada para a criação de uma mercadoria.

Na forma simples de valor mostrada por Marx, pode-se extrair de forma precisa o conceito de trabalho abstrato contido na mercadoria. Marx (1996, p. 185) nos mostra que: “O corpo da mercadoria que serve de equivalente figura sempre como corporificação do trabalho humano abstrato; é sempre o produto de determinado trabalho concreto, útil.” Pode-se compreender que Marx aqui aborda a relação distinta entre duas mercadorias, sendo a primeira

mercadoria a mercadoria na forma de valor relativo, e a segunda mercadoria na forma de valor equivalente. Pode-se lembrar que Marx utilizou a referida expressão: 20 varas de linho = 01 casaco. Dentro dessa equiparação, Marx nos diz que a comensurabilidade entre mercadorias mostra que a mercadoria equivalente é, então, expressão do trabalho abstrato corporificado na primeira mercadoria. Como se pode ver:

Por exemplo, para expressar que a tecelagem, não em sua forma concreta como tecelagem, mas sim em sua propriedade geral como trabalho humano, gera o valor do linho, ela é confrontada com a alfaiataria, o trabalho concreto que produz o equivalente do linho, como a forma de realização palpável do trabalho humano abstrato. É portanto uma segunda peculiaridade da forma equivalente que trabalho concreto se converta na forma de manifestação de seu contrário, trabalho humano abstrato. (MARX, 1996 p. 186)

Essa expressão, de forma clara e simples, nos mostra que, apesar de a alfaiataria e a tecelagem serem o trabalho concreto que produzem as respectivas mercadorias, casaco e linho, sua troca e comensurabilidade só ocorrem de forma social, como trabalho igual, como trabalho abstrato.

Voltando-se novamente para a medida do valor através do trabalho, nota-se inicialmente o trabalho socialmente necessário na produção de mercadorias. Marx nos mostra, então, esse respectivo conceito:

Se o valor de uma mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho despendido durante a sua produção, poderia parecer que quanto mais preguiçoso ou inábil seja um homem, tanto maior o valor de sua mercadoria, pois mais tempo ele necessita para terminá-la. O trabalho, entretanto, o qual constitui a substância dos valores, é trabalho humano igual, dispêndio da mesma força de trabalho do homem. (MARX, 1996 p. 168)

Marx exemplifica primeiramente o valor de uso e a substância constituidora do valor, que seria o trabalho. Após isso, compreende-se a medida do valor, que é realizada através do tempo de duração desse trabalho. Partindo dessa premissa, com um breve raciocínio, pode-se imaginar que, sendo o trabalho medido pelo tempo, caso um artesão demore 05 meses para construir uma estátua e outro artesão demore 01 mês, valerá muito mais a mercadoria do primeiro artesão por conta do tempo de trabalho que este despendeu para construir sua mercadoria. Porém, essa não é a questão. O tempo de trabalho que agregará valor a essa estátua é o tempo de trabalho socialmente necessário, ou seja, não basta o primeiro artesão demorar 05 meses para construir sua peça e gastar seu tempo na inércia a maior parte do dia. Para ser agregado valor à sua mercadoria,

é necessário que este gaste todo o tempo necessário lixando e aprimorando sua estátua e, se possível, adicionando adornos e tudo o que é necessário para agregar o valor, através de seu trabalho.

Portanto, não é a inércia que traz o valor. Apesar de o trabalhador preguiçoso demorar para terminar sua mercadoria, o que de fato agregará valor no produto é o tempo de trabalho socialmente necessário para produzir ou aprimorar a mercadoria, ou o tempo que o trabalhador efetivamente emprega na produção da mercadoria.

Esse dispêndio de força de trabalho igual, caso seja despendido em maior número por um trabalhador, em uma comparação entre dois trabalhadores, o primeiro conseqüentemente produzirá mais valor através do seu trabalho, pois gerou uma quantidade maior de trabalho e, conseqüentemente, produziu uma quantidade maior ou mais aprimorada de uma respectiva mercadoria. Mais especificamente sobre o trabalho socialmente necessário, pode-se compreender:

Cada uma dessas forças de trabalho individuais é a mesma força de trabalho do homem como a outra, à medida que possui o caráter de uma força média de trabalho social, e opera como tal força de trabalho socialmente média, contanto que na produção de uma mercadoria não consuma mais que o trabalho em média necessário ou tempo de trabalho socialmente necessário. Tempo de trabalho socialmente necessário é aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer, nas condições dadas de produção socialmente normais, e com o grau social médio de habilidade e de intensidade de trabalho. (MARX, 1996 p. 169)

Compreende-se, então, o dispêndio do trabalho socialmente necessário, sendo o tempo médio necessário para a produção de uma mercadoria, que qualquer pessoa comum, em condições normais, poderia desprender para formar uma mercadoria. Pensando novamente sobre o valor das mercadorias, pode-se compreender como, inicialmente, uma mercadoria é trocada por outra, através do tempo de trabalho socialmente necessário, em paralelo com outro tempo despendido da mesma equivalência, ou seja:

É, portanto, apenas o quantum de trabalho socialmente necessário ou o tempo de trabalho socialmente necessário para produção de um valor de uso o que determina a grandeza de seu valor. A mercadoria individual vale aqui apenas como exemplar médio de sua espécie. Mercadorias que contêm as mesmas quantidades de trabalho ou que podem ser produzidas no mesmo tempo de trabalho, têm, portanto, a mesma grandeza de valor. O valor de uma mercadoria está para o valor de cada uma das outras mercadorias assim como o tempo de trabalho necessário para a produção de uma está para o tempo de trabalho necessário para a produção de outra. (MARX, 1996 p. 169)

Inicialmente, nesta indagação, é mostrado que o valor de uma mercadoria, que é trocado por outra, revela o tempo de trabalho socialmente necessário que foi acumulado nessa mercadoria. Portanto, o tempo de trabalho socialmente necessário compreende o tempo médio para a produção de uma mercadoria em condições de igualdade entre os homens. Mais adiante, Marx explica a força produtiva do trabalho e sua influência no trabalho socialmente necessário para a produção da mercadoria:

A grandeza de valor de uma mercadoria permaneceria portanto constante, caso permanecesse também constante o tempo de trabalho necessário para sua produção. Este muda, porém, com cada mudança na força produtiva do trabalho. A força produtiva do trabalho é determinada por meio de circunstâncias diversas, entre outras pelo grau médio de habilidade dos trabalhadores, o nível de desenvolvimento da ciência e sua aplicabilidade tecnológica, a combinação social do processo de produção, o volume e a eficácia dos meios de produção e as condições naturais. Assim, por exemplo, o mesmo quantum de trabalho em condições climáticas favoráveis, se representa em 8 bushels de trigo, em condições climáticas desfavoráveis, em somente 4. (MARX, 1996 p. 169)

Marx explica, então, que a força produtiva do trabalho pode variar de diversas maneiras, embora essa variação modifique a quantidade de mercadorias; estas mercadorias continuam custando o mesmo tempo de trabalho socialmente necessário para a sua criação. Apesar das diferenças na força produtiva do trabalho, que podem sofrer influências do clima, da mão de obra pouco ou muito qualificada e também da tecnologia aplicada, sempre a mercadoria será trocada por outra mercadoria que contém o mesmo tempo de trabalho socialmente necessário para a sua produção. Marx também aborda que a maior produção de mercadorias aumenta o seu valor de uso, porém diminui o seu valor. Ainda sobre o valor, Marx afirma:

[...] Genericamente, quanto maior a força produtiva do trabalho, tanto menor o tempo de trabalho exigido para a produção de um artigo, tanto menor a massa de trabalho nele cristalizada, tanto menor o seu valor. Inversamente, quanto menor a força produtiva do trabalho, tanto maior o tempo de trabalho necessário para a produção de um artigo, tanto maior o seu valor. A grandeza do valor de uma mercadoria muda na razão direta do quantum, e na razão inversa da força produtiva do trabalho que nela se realiza. (MARX, 1996 p. 170)

Nessa parte destacada, Marx explica a “massa de trabalho” que é cristalizada na mercadoria. Somente pensando dessa forma conseguimos entender o que o autor nos diz em relação ao trabalho que vai salmodiando a mercadoria e coagulando-se nela.

Essa característica existente na formação da mercadoria é puramente social, por isso não se consegue perceber essa gelatina de trabalho humano presente na mercadoria. Quando a força

produtiva do trabalho é potencializada, paralelamente diminui-se o tempo para a confecção de um produto, e diminui, em consequência, a massa cristalizada de trabalho nele empregada, o que diminui o seu valor. E quanto menor a força produtiva do trabalho, maior será o tempo de trabalho para a produção de uma mercadoria e, conseqüentemente, maior será o seu valor.

Podemos pensar que uma camisa feita à mão por um alfaiate renomado tem em si uma pequena força produtiva que podemos identificar nos pequenos utensílios utilizados pelo alfaiate. Portanto, o alfaiate necessita empregar mais de seu tempo para a confecção da camisa. Em consequência do maior tempo de trabalho para a confecção da peça única, maior será, portanto, o seu valor. Diferente de uma camisa produzida em uma fábrica em larga escala, com moldes específicos e outras máquinas que diminuem o tempo para a produção desse produto. Portanto, maior será a força produtiva das máquinas empregada para produção em massa, menor será o tempo para a produção de uma camisa, em consequência, menor será o tempo de trabalho empregado em sua confecção e, necessariamente, menor será o seu valor.

Quando a atenção é voltada para o valor e a troca de mercadorias, pode-se pensar que existe uma substância em comum entre mercadorias comensuráveis. Uma determinada mercadoria é trocada por outra mercadoria porque presume-se que ambas as mercadorias carregam algo em comum.

A mercadoria, como foi mostrado, é criada pelo substrato material oferecido pela natureza e pelo trabalho, e sobre a mercadoria repousa a contradição interna entre valor de uso e valor de troca (a forma de abreviação do valor e sua forma de manifestação). Quando é presumida essa contradição presente na mercadoria, Marx percebe uma modificação também no trabalho.

Este, inicialmente, aborda esse tema, mostrando o duplo caráter formador da mercadoria, sendo, por hora, valor de uso e valor de troca. Percebe-se, então, o duplo caráter do trabalho representado nas mercadorias. O autor observa, então, inicialmente, o trabalho útil presente na mercadoria, o trabalho que inicialmente é trocado por outro trabalho, compreendendo uma divisão social do trabalho. De acordo com Marx (1996, p.171), a divisão social do trabalho: “[...] é condição de existência para a produção de mercadorias, embora, inversamente, a produção de mercadorias não seja a condição de existência para a divisão social do trabalho.” Compreende-se a divisão social do trabalho como o sistema criador de mercadorias; para melhor esclarecer, é dito pelo autor:

[...] numa sociedade de produtores de mercadorias, desenvolve-se essa diferença qualitativa dos trabalhos úteis, executados independentemente uns dos outros, como negócios privados de produtores autônomos, num sistema complexo, numa divisão social do trabalho. (MARX, 1996 p. 172)

Inicialmente, essa abordagem é importante para que se compreenda o modo de exposição dialético de Marx. A troca entre mercadorias precisa ser esmiuçada para poder compreender a mercadoria que é escolhida como sendo a forma de valor geral. Essa compreensão só é possível quando se entende a forma mais simples de valor existente no modo de produção capitalista, ou seja, a mercadoria. Por ora, deixando de lado qualquer sistema de troca e focando somente na troca de mercadorias, podemos, portanto, voltar à divisão social do trabalho. Podemos entender que, fazendo a comensurabilidade entre as mercadorias trocadas, estas podem ser compreendidas como produtos confeccionados para a troca, pois são produzidos por produtores autônomos, independentes uns dos outros, e detentores de negócios privados, que relacionam seus trabalhos úteis entre si.

Uma das passagens que dá início a outro conceito de trabalho mostra uma indagação sobre o trabalho abstrato, que uma leitura apressada pode fazer passar despercebida tal explanação. Segundo Marx (1996, p.173): “Mas o valor da mercadoria representa simplesmente trabalho humano, dispêndio de trabalho humano, sobretudo.” Quando se lê essa explanação sobre valor e trabalho, nota-se que a única forma de trabalho que pode ser igualada como valor é o trabalho abstrato. Pensando na potencialidade do trabalho, Marx traz a concepção de trabalho simples e trabalho complexo. Enxerga-se essa potencialidade quando advém a comparação entre esses dois conceitos, como se pode perceber:

[...] assim é também aqui com o trabalho humano. Ele é dispêndio da força de trabalho simples que em média toda pessoa comum, sem desenvolvimento especial, possui em seu organismo físico. Embora o próprio trabalho médio simples mude seu caráter, em diferentes países ou épocas culturais, ele é porém dado em uma sociedade particular. Trabalho mais complexo vale apenas como trabalho simples potenciado ou, antes, multiplicado, de maneira que um pequeno quantum de trabalho complexo é igual a um grande quantum de trabalho simples. (MARX, 1996 p. 173)

No trabalho formador de valor, podemos perceber que, ao mencionar a força de trabalho geradora de valor, podemos perceber o trabalho simples e o trabalho complexo. O trabalho simples é a capacidade que toda pessoa, em condições normais, possui em seu organismo para produzir as mercadorias. Quando um indivíduo aprimora suas habilidades, seja através de um

curso ou através da prática, ele adquire uma habilidade que pode favorecer a execução de um determinado trabalho ou que pode dar a capacidade de realizar um trabalho com maior complexidade. Assim, podemos compreender o que seria o trabalho complexo, que nada mais seria, portanto, do que o trabalho simples potenciado.

Quando o trabalho simples é comparado ao trabalho mais complexo, pode-se perceber que uma quantidade menor de trabalho complexo equivale, comparativamente, a uma quantidade maior de trabalho simples.

### **4.3 Valor de Troca ou Forma Valor e a Gênese do Dinheiro**

O valor de troca serve, portanto, como manifestação do valor, e essa forma só existe através da troca de mercadorias. Porém, esse modo de enxergar a forma valor não prejudica o entendimento do conceito, servindo como abreviação. O valor de troca ou a forma valor são a manifestação do valor:

Nossa análise provou que a forma de valor ou a expressão de valor da mercadoria origina-se da natureza do valor das mercadorias, e não, ao contrário, que valor e grandeza de valor tenham origem em sua expressão como valor de troca. (MARX, 1996 p. 188)

Portanto, a expressão de valor da mercadoria é originária de sua natureza e não tem origem em sua troca. Nessa natureza do valor das mercadorias, pode-se compreender o trabalho como substrato de valor. A expressão de valor da mercadoria origina-se, portanto, não de sua relação de troca com outra mercadoria; essa é uma ilusão. A verdade é que a natureza do valor das mercadorias é originária do próprio trabalho. Conclui Marx, então:

A antítese interna entre valor de uso e valor, oculta na mercadoria, é, portanto, representada por meio de uma antítese externa, isto é, por meio da relação de duas mercadorias, na qual uma delas, cujo valor deve ser expresso, funciona diretamente apenas como valor de uso; a outra, ao contrário, na qual o valor é expresso vale diretamente apenas como valor de troca. A forma simples de valor de uma mercadoria é, por conseguinte, a forma simples de manifestação da antítese entre valor de uso e valor, nela contida. (MARX, 1996 p. 189)

Quando se percebe a antítese interna existente entre o valor de uso e o valor, podemos compreender sua expressão na manifestação da antítese nela contida, sendo esta manifestada

entre as mercadorias, em que a primeira serve como valor de uso e a segunda como valor de troca, de forma estritamente social. Ainda sobre o modo de produção capitalista, pode-se compreender:

O produto de trabalho é em todas as situações sociais objeto de uso, porém apenas uma época historicamente determinada de desenvolvimento — a qual apresenta o trabalho despendido na produção de um objeto de uso como sua propriedade “objetiva”, isto é, como seu valor — transforma o produto de trabalho em mercadoria. Segue daí que a forma simples de valor da mercadoria é ao mesmo tempo a forma mercadoria simples do produto do trabalho e, que, portanto, também o desenvolvimento da forma mercadoria coincide com o desenvolvimento da forma valor. (MARX, 1996 p. 189)

Entende-se que a forma valor é inerente à situação do produto, objeto do trabalho transformado em mercadoria. A propriedade objetiva do trabalho é o seu valor, que só aparece de um modo específico na história da humanidade. Essa capacidade só é vislumbrada no modo de produção capitalista. São os objetos de uso transformados em mercadoria para a troca e, por meio dessa troca, exprimem seu valor de forma social. A forma simples de valor, até se desenvolver na forma preço, deve passar por algumas etapas distintas. Essas etapas nos mostram que a forma simples de valor é a gênese da forma dinheiro. Portanto, segundo Marx:

A expressão em qualquer mercadoria B distingue o valor da mercadoria A apenas de seu próprio valor de uso e a coloca, portanto, numa relação de troca com alguma espécie individual de mercadoria, diferente dela mesma, em vez de representar sua igualdade qualitativa e sua proporcionalidade quantitativa com todas as outras mercadorias. A forma simples de valor relativo de uma mercadoria corresponde à forma de equivalente individual de outra mercadoria. Assim o casaco possui, na expressão relativa de valor do linho, apenas a forma de equivalente ou a forma de permutabilidade direta com relação a essa espécie individual de mercadoria, o linho. (MARX, 1996 p. 189)

Percebe-se, então, que, na forma simples de valor, o valor de uma mercadoria representado em outra mercadoria só existe nessa relação distinta e individual entre essas duas mercadorias. Portanto, a forma simples de valor somente pode expressar o valor espelhado entre essas mercadorias, não suprimindo a lacuna de equivalência de valor entre tantas outras mercadorias. Mais adiante, pode-se perceber que, percorrendo esse caminho, é possível chegar até a forma dinheiro. Porém, ainda antes de atingir tal forma, pode-se observar o trajeto existente e as demais formas de manifestação do valor.

Na forma relativa de valor desdobrada, pode-se compreender que, utilizando-se de analogia para compreender a forma mercadoria, o linho, ao entrar na relação de troca com o

casaco, entra também na relação de troca com outros produtos do trabalho, podendo entrar em permutabilidade com várias outras mercadorias, a exemplo do que Marx (1996, p. 190) nos mostra: “20 varas de linho = 1 casaco ou = 10 libras de chá ou = 40 libras de café ou = 1 quarter de trigo ou = 2 onças de ouro ou = 1/2 tonelada de ferro ou = etc.)”. Percebe-se, então, que essa forma é cada vez mais ampliável e, como consequência, infinita, portanto, sem a possibilidade de existência no sistema atual, necessitando, portanto, de uma mercadoria como equivalente geral. Através dessa segunda forma, pode-se perceber que:

[...]O valor do linho permanece de igual tamanho, seja ele representado em casaco, ou café, ou ferro etc., em inumeráveis mercadorias que pertencem aos mais diferentes proprietários. Desaparece a relação eventual de dois donos individuais de mercadorias. Evidencia-se que não é a troca que regula a grandeza de valor, mas, ao contrário, é a grandeza de valor da mercadoria que regula suas relações de troca. (MARX, 1996 p. 190)

Na forma simples de valor, trocando-se linho por casaco, percebe-se que há alguma substância existente, seja ela social ou material, que equipara os dois produtos como valores de troca. Através da segunda expressão de valor, sendo, portanto, a forma desdobrada de valor, é possível perceber que esse igual permanece latente em várias outras mercadorias, não sendo uma característica única de apenas uma troca determinada. Através desse percurso, é possível perceber que não é a troca que regula a grandeza de valor, e sim sua própria grandeza, que pode aumentar ou diminuir conforme mais ou menos trabalho humano é acumulado na mercadoria.

Percebe-se que, na forma desdobrada de valor relativa, nunca se encerra o ciclo de mercadorias permutáveis pelo linho, e, na forma de valor equivalente desdobrada, cada forma equivalente distinta exclui, portanto, a outra forma de valor desdobrada equivalente. Como expressão de valor, essa forma se mostra deficiente, devendo-se pensar em outra forma distinta para continuar no percurso até a forma dinheiro.

Através da forma relativa de valor desdobrada, pode-se obter as seguintes fórmulas: 20 braças de linho = 1 camisa, 20 braças de linho = 1 par de sapatos. Porém, se invertermos a equação, chegaremos à seguinte indagação: 1 camisa = 20 braças de linho, 1 par de sapatos = 20 braças de linho. Chega-se, através dessa expressão, à forma geral de valor.

A forma geral de valor mostra agora, de maneira bem específica, que somente uma mercadoria pode ser igualada na troca por todas as demais mercadorias. Pode-se compreender o linho como moeda de troca para todas as demais mercadorias. Quando se pensa dessa forma, é

estranho imaginar que o linho pode ser equivalente a qualquer mercadoria. Qual seria a substância existente entre o linho e o sapato que poderia equiparar essas mercadorias como coisas iguais, tal como o pão de açúcar tem o mesmo peso que o ferro? Essa estranheza passa despercebida no nosso dia a dia. Porém, todos os dias, praticamente, trocamos uma mercadoria por outra mercadoria, e essa última forma, sendo a forma de valor desdobrada, é a primeira que mostra as mercadorias como valores de troca, trocando entre si os seus valores de uso. Qual seria, então, essa mercadoria existente, que é a forma permutável e equivalente a qualquer outra mercadoria? A partir dessa indagação, chegamos, então, à forma dinheiro.

Marx nos mostra, então, que a forma dinheiro não difere em nada da forma de equivalente geral; a única mudança é a mercadoria que interpreta esse papel. A mercadoria que serve como forma de equivalente geral exemplificada por Marx é o linho; a única mudança é substituir o linho pelo ouro. Mas por que o ouro pode ser considerado equivalente geral e representa a forma dinheiro, enquanto outras mercadorias não comportam tal privilégio? Pode ser percebido, então, que o ouro atingiu esse posto através do costume, de forma social.

Em outras épocas históricas, outras mercadorias já ocuparam esse posto. Pode-se perceber também outras mercadorias que figuram como valor, a exemplo da prata e do cobre. Porém, chegando ao ouro como forma dinheiro, Marx nos mostra que a forma dinheiro foi conquistada através do costume. Observando a forma dinheiro, percebemos que a forma dinheiro é idêntica à forma de equivalente geral, e a forma de equivalente geral é proveniente da forma de valor desdobrada, e a forma de valor desdobrada provém da forma simples de mercadoria. Portanto, a forma mercadoria simples, segundo Marx (1996), é o germe da forma dinheiro.

Quando se diz que 20 varas de linho equivalem a um casaco, para realizar a troca entre outras mercadorias, deve-se caminhar em direção à forma de valor desdobrada. Portanto, 20 varas de linho valem um casaco, valem também 10 garrafas de vinho ou um par de sapatos. Chegando a essa forma de valor desdobrada, percebe-se que, invertendo a equação, o linho se torna o equivalente geral, e, quando ele se torna o equivalente geral, substituindo-o por ouro, chega-se, então, à forma dinheiro; chega-se, então, à mercadoria que, através do costume, atingiu esse patamar. Percebe-se que esse caminho é o percurso até a forma dinheiro, como já foi falado e agora também exemplificado, para uma melhor compreensão.

Nota-se que toda a exposição do valor de uso e do valor de troca claramente tem um objetivo fundamental. Percebe-se que, nos dias atuais, e mesmo nos dias de Marx, mercadorias

não eram trocadas simplesmente por mercadorias, mas, sim, trocadas por uma mercadoria específica, uma única mercadoria, que serve até os dias de hoje como a forma de valor universal. O autor claramente expõe seu objetivo no minucioso estudo sobre a circulação de mercadorias:

Toda pessoa sabe, ainda que não saiba mais do que isso, que as mercadorias possuem uma forma comum de valor, que contrasta de maneira muito marcante com a heterogeneidade das formas naturais que apresentam seus valores de uso — a forma dinheiro. Aqui cabe, no entanto, realizar o que não foi jamais tentado pela economia burguesa, isto é, comprovar a gênese dessa forma dinheiro, ou seja, acompanhar o desenvolvimento da expressão do valor contida na relação de valor das mercadorias, de sua forma mais simples e sem brilho até a ofuscante forma dinheiro. Com isso desaparece o enigma do dinheiro. A relação mais simples de valor é evidentemente a relação de valor de uma mercadoria com uma única mercadoria de tipo diferente, não importa qual ela seja. A relação de valor entre duas mercadorias fornece, por isso, a expressão mais simples de valor para uma mercadoria. (MARX, 1996 p. 177)

A gênese da forma dinheiro pode ser encontrada na forma de circulação das mercadorias, da forma simples até a forma dinheiro. Quando pensamos na forma dinheiro, rapidamente pensamos nos meios tecnológicos que permitem a compra ou a troca de uma determinada parte do seu saldo bancário por uma mercadoria. Na época em que Marx escreveu *O Capital*, não era do conhecimento do autor, pois nada ainda havia sido criado em relação às moedas e meios de pagamento digitais. Porém, mesmo nessa forma digital, as pessoas vivem presas em suas convicções sociais de que uma determinada mercadoria é comparável a determinado número existente em sua conta bancária digital, e nunca param para pensar como esse número foi gerado em sua conta bancária. Se foi gerado pelo trabalho, quantas horas trabalhadas são necessárias para comprar uma mercadoria, e por que essa fração determinada de tempo equivale a essa mercadoria. Essas reflexões mostram que o pensamento de Marx continua de forma progressiva e é, portanto, totalmente atual, podendo ser utilizado em todas as circunstâncias que definem o valor no modo de produção capitalista.

Para começar, então, a pensar na forma dinheiro, Marx parte da forma mais simples de equivalência entre duas mercadorias, lançando a magna expressão: 20 varas de linho = 1 casaco, ou x mercadoria a = y mercadoria b, ou x mercadoria a vale y mercadoria b. Continuando seu raciocínio, o filósofo mostra que, nessa forma simples, existe uma mercadoria que serve como a forma relativa de valor e outra mercadoria que serve como forma equivalente de valor:

Duas mercadorias diferentes, A e B, em nosso exemplo linho e casaco, representam aqui, evidentemente, dois papéis distintos. O linho expressa seu valor no casaco, o casaco serve de material para essa expressão de valor. A primeira mercadoria representa um papel ativo, a segunda um papel passivo. O valor da primeira mercadoria é apresentado como valor relativo ou ela encontra-se sob forma relativa de valor. A segunda mercadoria funciona como equivalente ou encontra-se em forma equivalente. (MARX, 1996 p. 177)

Pode-se compreender que a expressão simples de valor da mercadoria se reduz então a uma mercadoria permutável por outra mercadoria, como o primeiro exemplo dado pelo autor, supondo que 20 varas de linho são iguais a um casaco, repousando, portanto, a forma relativa nas varas de linho e a forma equivalente no casaco. Marx mostra também que a mesma mercadoria não pode ser equivalente à mesma mercadoria; vinte varas de linho não podem valer, conseqüentemente, vinte varas de linho. Essas formas, segundo o autor, se excluem polarmente:

Porém, assim preciso inverter a equação para poder expressar o valor relativo do casaco, e tão logo eu faço isso, torna-se o linho equivalente em vez do casaco. A mesma mercadoria não pode, portanto, aparecer, ao mesmo tempo, sob ambas as formas na mesma expressão de valor. Essas formas antes excluem-se polarmente. Se uma mercadoria encontra-se sob a forma relativa de valor ou sob a forma oposta, a forma equivalente, depende exclusivamente da posição que essa mercadoria ocupe na expressão de valor, em cada momento, ou seja, se é a mercadoria cujo valor é expresso ou aquela na qual é expresso o valor. (MARX, 1996 p. 178)

Essa forma simples de valor, mencionando uma mercadoria como relativa e outra como equivalente, exprime de forma simples o início da investigação que levará até a forma dinheiro. E justamente esse é um dos principais objetivos traçados por Marx no capítulo 1 de *O Capital*; é, portanto, um dos principais objetivos chegar até o germe da forma dinheiro.

Inicialmente, pode-se perceber que ambas as mercadorias só podem exprimir valor dentro dessa relação. Portanto, o casaco só pode exprimir o valor do linho dentro dessa relação de troca e somente ocupando o lugar de equivalente nessa relação. Na verdade, o que pode trazer a comensurabilidade entre trabalhos distintos como a alfaiataria, que cria o casaco, e a tecelagem, que forma o linho, é sua equiparação através do trabalho abstrato.

#### 4.4 O Fetiche da Mercadoria em Marx

Quando abordamos alguns conceitos iniciais existentes no capítulo 1 de *O Capital*, deparamo-nos com a ciência econômica, como expõe Marx. Na ciência econômica, podemos estudar os aspectos existentes em um determinado modo de produção. Segundo Isaak Rubin:

A Economia Política não é uma ciência das relações entre as coisas, como pensavam os economistas vulgares, nem das relações entre as pessoas e as coisas, como afirmou a teoria da utilidade marginal, mas das relações entre as pessoas no processo de produção. (RUBIN, 1987, p. 15)

Esse devaneio dos economistas vulgares pode ser percebido como justamente o que Marx tenta combater, quando aborda o fetiche da mercadoria. Esse conceito pode passar despercebido com uma leitura rápida do capítulo 1 de *O Capital*. Rubin (1987, p.16) diz que esse conceito ou teoria poderia ser chamada de “[...] teoria geral das relações de produção na economia mercantil-capitalista.”

Pode-se então notar que esse pequeno tópico é de grande importância para essa dissertação, assim como também o é para tantos outros pesquisadores marxistas. Isaak Rubin (1987, p.19) vê uma importância primordial na teoria do fetiche da mercadoria: “A teoria do fetichismo é, *per se*, a base de todo o sistema econômico de Marx, particularmente de sua teoria do valor.” Rubin enxerga dessa forma porque, de fato, compreende que a teoria do fetiche da mercadoria regulamenta a relação entre as coisas através da troca.

Sendo uma sociedade baseada na troca, então ela se realiza somente para exercer a troca entre as mercadorias e assim movimentar o mercado, já que no sistema capitalista não existe controle na produção de mercadorias. Esse controle é feito de forma indireta através das coisas. Segundo Rubin (1987), a vinculação direta entre os produtores individuais de mercadorias se estabelece na troca, e isto, indiretamente, influencia sua atividade produtiva. Dessa forma, são o mercado ou as relações caóticas e não planejadas de troca de mercadorias que organizam as relações econômicas entre as pessoas. O fetiche da mercadoria é abordado no item de número 4 no capítulo 1 de *O Capital*. Sua abordagem, porém, antes do respectivo item, pode ser percebida de forma subliminar em algumas passagens anteriores, como se observa:

As diferentes proporções, nas quais as diferentes espécies de trabalho são reduzidas a trabalho simples como unidade de medida, são fixadas por meio de

um processo social por trás das costas dos produtores e lhes parecem, portanto, ser dadas pela tradição. (MARX, 1996, p. 174)

Os produtores não conseguem perceber, então, as características sociais existentes na relação de suas mercadorias. Essa forma social de interação existente entre as mercadorias no modo de produção capitalista não é algo natural delas. Porém, as pessoas a enxergam como se fosse dessa forma. Marx começa por analisar esse conceito com a seguinte percepção:

À primeira vista, a mercadoria parece uma coisa trivial, evidente. Analisando-a, vê-se que ela é uma coisa muito complicada, cheia de sutileza metafísica e manhas teológicas. Como valor de uso, não há nada misterioso nela, quer eu a observe sob o ponto de vista de que satisfaz necessidades humanas pelas suas propriedades, ou que ela somente recebe essas propriedades como produto do trabalho humano. É evidente que o homem por meio de sua atividade modifica as formas das matérias naturais de um modo que lhe é útil. A forma da madeira, por exemplo, é modificada quando dela se faz uma mesa. Não obstante, a mesa continua sendo madeira, uma coisa ordinária física. Mas logo que ela aparece como mercadoria, ela se transforma numa coisa fisicamente metafísica. Além de se pôr com os pés no chão, ela se põe sobre a cabeça perante todas as outras mercadorias e desenvolve de sua cabeça de madeira cismas muito mais estranhas do que se ela começasse a dançar por sua própria iniciativa. (MARX, 1996, p. 197)

Marx analisa, então, quais seriam as formas de observação que possivelmente refletem o fetiche da mercadoria. Inicialmente, como valor de uso, essa equiparação não pode ser feita. Sendo a mercadoria um objeto de uso, o seu consumo não traz um vislumbre fora de sua realidade, pois, de fato, essa é sua finalidade principal.

O filósofo continua, então, sua investigação, percebendo se, de fato, o fetiche pode vigorar como expressão de valor, mas, antes disso, traz novamente uma breve analogia sobre a concepção da mesa logo após ela ser criada. As características que são dadas à mesa por Marx explicam a ilusão existente no fetiche que se observa na mercadoria. Marx utiliza essa analogia para explicar o conceito do fetiche da mercadoria e como este percebe essa característica nela. Em uma explicação simplificada de Isaak Illich Rubin, pode-se perceber de forma mais clara o conceito do fetiche da mercadoria:

:

Em que consiste a teoria marxista do fetichismo, segundo as interpretações geralmente aceitas? Consiste em Marx ter visto relações humanas por trás das relações entre as coisas, revelando a ilusão da consciência humana que se origina da economia mercantil e atribui às coisas características que têm sua origem nas relações sociais entre as pessoas no processo de produção. "Incapaz de compreender que a associação das pessoas que trabalham, em sua luta com a

natureza - isto é, as relações sociais de produção - expressam-se na troca, o fetichismo da mercadoria considera a intercambiabilidade das mercadorias como uma propriedade interna, natural, das próprias mercadorias. Em outras palavras, o que na realidade é uma relação entre pessoas aparece como uma relação entre as coisas, no contexto do fetichismo da mercadoria”. “Características que pareciam misteriosas, pois não eram explicadas com base nas relações dos produtores entre si, eram atribuídas à essência natural das mercadorias. Assim como um fetichista atribui a seu fetiche características que não decorrem da natureza desse fetiche, os economistas burgueses consideram a mercadoria uma coisa sensorial que possui propriedades extra-sensoriais”. (RUBIN, 1987, p. 19)

Portanto, essa teoria só pode existir no modo de produção capitalista. Antes disso, essa relação social entre as coisas não era possível, pois as pessoas não eram controladas pelo processo de produção de mercadorias. Até porque o caráter enigmático da teoria do valor de Marx só pode surgir no modo de produção capitalista, pois é nele que existe o duplo caráter do valor e do trabalho.

Segundo Rubin (1987), como acontece no modo de produção capitalista, as relações humanas são encobertas por relações entre coisas, e também as relações sociais de produção, sem outra alternativa, assumem a forma de coisas e não podem se expressar senão através de coisas. Quando se pensa na mercadoria e em sua expressão como valor, percebe-se nela, então, o valor de uso e o valor. Marx (1996, p. 197) deixa bem claro que o fetiche da mercadoria não provém do valor de uso e também não provém do valor: “O caráter místico da mercadoria não provém, portanto, de seu valor de uso. Ele não provém, tampouco, do conteúdo das determinações de valor.” É presumível, então, que o fetiche da mercadoria provém do valor de troca. De acordo com Rubin, isso é pensado da seguinte maneira:

Este papel da troca, como elemento indispensável do processo de reprodução, significa que a atividade produtiva de um membro da sociedade só pode influenciar a atividade produtiva de outro membro através de coisas. Na sociedade mercantil, "a independência de uma pessoa em relação às outras vem a combiná-la com um sistema de dependência mútua em relação às coisas" (C., I, p. 68). As relações sociais de produção assumem, inevitavelmente, uma forma reificada e, na medida que falamos das relações entre produtores mercantis individuais e não de relações dentro de firmas privadas isoladas, elas só existem e se realizam dessa forma. (RUBIN, 1987, p. 24)

Pensando no modo de produção capitalista, a troca seria o elemento indispensável para o processo de reprodução de mercadorias. Quando uma determinada mercadoria é produzida em maior quantidade, influencia de forma direta a produção dessa mesma mercadoria por parte de outros produtores e, em consequência disso, a relação de troca desses últimos com o produtor de

outra mercadoria distinta. Percebe-se, então, que no modo de produção capitalista, a troca regulamenta de forma indireta a relação entre os produtores e, portanto, entre as pessoas, que se relacionam entre si de forma indireta, ou seja, através da troca de mercadorias. Compreende-se, então, segundo Rubin:

O movimento dos preços das coisas no mercado não é apenas o reflexo das relações de produção entre as pessoas: é a única forma possível de sua manifestação numa sociedade mercantil. A coisa adquire características sociais específicas, numa economia mercantil (por exemplo, as propriedades de valor, o dinheiro, o capital, etc.), graças às quais a coisa não só oculta as relações de produção entre as pessoas, como também as organiza, servindo como elo de ligação entre as pessoas. Mais exatamente, oculta as relações de produção precisamente porque as relações de produção só se realizam sob a forma de relações entre as coisas. (RUBIN, 1987, p. 24)

Pode-se entender as coisas como mercadorias, e essas mercadorias, no modo de produção capitalista, não só se corporificam como dinheiro ou capital, mas também, além dessa corporificação ou sentido místico, regulamentam a economia. Sendo o homem reduzido à situação de um objeto através de suas relações, a mercadoria, estranhamente, adquire características sociais. É possível perceber que o conceito de fetiche da mercadoria é algo que não pode ser separado do trabalho em sua forma concreta e abstrata, tampouco do valor de uso e do valor de troca. Cada conceito tem algo em comum, pois ambos se manifestam de forma social.

Perfazendo o caminho até o fetiche da mercadoria, pode-se perceber que o acúmulo de trabalho humano, juntamente com a matéria dada pela natureza, forma a mercadoria. A mercadoria, a partir do momento em que vem ao mundo no modo de produção capitalista, comunica-se com todas as outras mercadorias e, aos olhos dos homens, essa é uma relação social. Porém, existe uma estranheza nessa relação. Podemos nos perguntar: como as coisas podem se relacionar de forma social? A forma social de relação entre as mercadorias reflete-se, portanto, através da troca no modo de produção capitalista. Somente dentro desse sistema econômico existe tal fenômeno. Ainda sobre a relação social entre as mercadorias:

O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos de trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos. Por meio desse quiproquó os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas físicas metafísicas ou sociais. Assim, a impressão luminosa de uma coisa sobre o nervo ótico não se apresenta como uma excitação subjetiva do próprio nervo, mas como forma objetiva de uma coisa fora do olho.

Mas, no ato de ver, a luz se projeta realmente a partir de uma coisa, o objeto externo, para outra, o olho. É uma relação física entre coisas físicas. Porém, a forma mercadoria e a relação de valor dos produtos de trabalho, na qual ele se representa, não têm que ver absolutamente nada com sua natureza física e com as relações materiais que daí se originam. Não é mais nada que determinada relação social entre os próprios homens que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. (MARX, 1996, p. 198)

Essa relação social entre as mercadorias, que é refletida ao homem no processo de produção capitalista, não é algo natural. Espera-se que exista uma relação social entre pessoas e não uma relação social entre mercadorias. No modo de produção capitalista, acontece essa confusão: as coisas se relacionam de forma social.

Através do trabalho, o homem cria mercadorias e as relaciona com seus semelhantes; porém, essa relação social é mascarada como uma relação entre coisas, e a relação de uma mercadoria com a outra transforma-se em uma relação social. Essa relação social ou caráter social origina-se, segundo Marx (1996, p. 199): “[...] do caráter social peculiar do trabalho que produz mercadorias.” É através do trabalho privado, em sua totalidade, que se percebe também esse fenômeno:

Objetos de uso se tornam mercadorias apenas por serem produtos de trabalhos privados, exercidos independentemente uns dos outros. O complexo desses trabalhos privados forma o trabalho social total. Como os produtores somente entram em contato social mediante a troca de seus produtos de trabalho, as características especificamente sociais de seus trabalhos privados só aparecem dentro dessa troca. Em outras palavras, os trabalhos privados só atuam, de fato, como membros do trabalho social total por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio dos mesmos, entre os produtores. Por isso, aos últimos aparecem as relações sociais entre seus trabalhos privados como o que são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, senão como relações reificadas entre as pessoas e relações sociais entre as coisas. (MARX, 1996, p. 199)

Dentro do modo de produção capitalista, existe o conjunto dos trabalhos privados, que se manifestam, portanto, em sua pluralidade como o trabalho social total; porém, todo esse complexo de mercadorias só se relaciona com os homens através da troca. Não é possível, através da compra de um boné, conseguir identificar quem foi o trabalhador que o produziu ou por qual máquina, manejada por um trabalhador, esse produto teve sua origem. A relação existente entre as mercadorias no modo de produção capitalista ocorre de forma social, e a relação entre os homens é compreendida de forma reificada, como uma relação entre coisas.

Para perceber com maior exatidão o fetiche da mercadoria, deve-se aproximar, portanto, do valor de troca, como se pode perceber:

Somente dentro da sua troca, os produtos recebem uma objetividade de valor socialmente igual, separada da sua objetividade de uso, fisicamente diferenciada. Essa cisão do produto de trabalho em coisa útil e coisa de valor realiza-se apenas na prática, tão logo a troca tenha adquirido extensão e importância suficientes para que se produzam coisas úteis para serem trocadas, de modo que o caráter de valor das coisas já seja considerado ao serem produzidas. (MARX, 1996, p. 199)

Portanto, o produto somente se torna mercadoria quando é produzido para a troca e tem seu objetivo consumado na troca. Os homens trocam, portanto, o produto do seu trabalho entre si de forma social; porém, não é percebido que, na troca entre mercadorias, são trocados trabalhos distintos. Essa ilusão, esse fetiche, de forma alguma é percebido pelos economistas burgueses. Ainda, Marx continua:

De fato, o caráter de valor dos produtos de trabalho apenas se consolida mediante sua efetivação como grandezas de valor. As últimas variam sempre, independentemente da vontade, da previsão e da ação dos que trocam. Seu próprio movimento social possui para eles a forma de um movimento de coisas, sob cujo controle se encontram, em vez de controlá-las. (MARX, 1996, p. 200)

No modo de produção capitalista, os valores dos produtos produzidos por produtores privados se relacionam entre si de forma social. Não é, portanto, o homem que controla a mercadoria, mas sim a mercadoria que controla a sua própria produção. As mercadorias são produzidas para a venda e para a obtenção de lucro. Em outro tipo de economia, onde o homem pode, de fato, controlar o processo de produção, cada mercadoria é confeccionada pensando em uma finalidade específica para suprir uma demanda na sociedade, diferentemente do que ocorre no modo de produção capitalista. Perfazendo uma linha cronológica, podemos perceber o desenvolvimento da forma de mercadoria simples até a forma dinheiro, como já foi discutido, e, através dessa linha cronológica, é possível encontrar também o fetiche da mercadoria:

Assim, somente a análise dos preços das mercadorias levou à determinação da grandeza do valor, somente a expressão monetária comum das mercadorias levou à fixação de seu caráter de valor. É exatamente essa forma acabada — a forma dinheiro — do mundo das mercadorias que objetivamente vela, em vez de revelar, o caráter social dos trabalhos privados e, portanto, as relações sociais entre os produtores privados. Quando eu digo casaco, botas etc. se relacionam ao linho como a corporificação geral de trabalho humano abstrato, salta aos olhos o absurdo dessa expressão. Mas quando os produtores de casaco, botas etc. relacionam essas mercadorias ao linho — ou ao ouro e à prata, que em nada muda a coisa — como equivalente geral, a relação dos seus trabalhos privados

com o trabalho social total lhes aparece exatamente nessa forma absurda. (MARX, 1996, p. 201)

Para conceber o valor, foi necessária uma mercadoria que servisse como equivalente universal de valor, porém, com essa concepção no modo de produção capitalista, já não é possível enxergar o trabalho como expressão de valor, recaindo toda a objetividade do valor na mercadoria dinheiro, e não em sua manifestação real.

Portanto, uma relação social entre os produtores no modo de produção capitalista não acontece, existindo essa relação somente entre as mercadorias. Compreende-se, então, que, no modo de produção capitalista, é impossível conceber a corporificação geral do trabalho como trabalho abstrato e forma de expressão de valor, os quais são trocados entre as mercadorias. Somente se enxerga o valor de uma mercadoria por outra mercadoria que sirva como equivalente geral do valor. Uma mercadoria é igual à mercadoria dinheiro, como um pão de açúcar tem o mesmo peso que um pedaço de ferro. De forma fantasmagórica, essa expressão tem total sentido no modo de produção capitalista, sem levar em conta as características do trabalho social total.

Quando se observam outros modos de produção, é possível perceber que, em certos sistemas, não existe o fetiche na mercadoria, o que é óbvio, pois não existe a dicotomia entre valor de uso e valor. Os trabalhadores trocam o produto de seu trabalho privado por outro produto de outro trabalhador autônomo. Porém, não existe nenhum vislumbre nessa relação de troca de produtos, tudo é feito para que cada trabalhador consiga suprir uma necessidade distinta. Um trabalhador produtor de vinho troca seu vinho por um casaco com um alfaiate. Dessa relação, o produtor de vinho precisa do casaco para se vestir, e o alfaiate precisa do vinho para consumir. A relação entre os produtores é uma relação social entre pessoas, e a relação do vinho e do casaco é uma relação entre coisas.

Porém, o contrário acontece no modo de produção capitalista. No modo de produção capitalista, o vinho é produzido em uma fábrica de larga escala para a obtenção de lucro, assim como os casacos. O consumidor não sabe quem produziu, e o produtor não sabe quem irá comprar, por isso não existe uma relação social entre eles. Somente as mercadorias, sendo estas vinho e casaco, relacionam-se de forma social nesse modo de produção. De acordo com Isaak Rubin, pode-se perceber algumas outras características importantes do modo de produção capitalista:

No mercado, os produtores de mercadorias não aparecem como pessoas com um lugar determinado no processo de produção, mas como proprietários e

possuidores de coisas, de mercadorias. Cada produtor de mercadorias influencia o mercado apenas na medida que oferece bens no mercado ou dele os retira, e somente nessa medida sofre a influência e pressão do mercado. A interação e a influência mútua da atividade de trabalho dos produtores individuais de mercadorias ocorre exclusivamente através das coisas, através dos produtos de seu trabalho que aparecem no mercado. (RUBIN, 1987, p. 22)

Em uma economia com uma finalidade de distribuição organizada de mercadorias, as relações entre as pessoas seriam diretas. Aqui, como bem explica Isaak Illich Rubin, cada produtor privado produz sua mercadoria em larga escala para a venda e obtenção de lucro, por isso a relação existente é uma relação entre mercadorias, e a sua variação de preço depende dessa interação. Os produtores não se relacionam e ocorre, então, uma reificação das relações sociais destes.

## **5 PROPOSTA PARA INTERVENÇÃO PRÁTICA NA SALA DE AULA**

A sequência didática apresentada foi planejada para ser desenvolvida ao longo de até quatro aulas, conforme os temas distribuídos nos capítulos. Esse material foi aplicado nas aulas de Filosofia do 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Vitor Antônio Trindade, localizada na cidade de Araçatuba, SP.

Para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, foram utilizados recursos como datashow, textos impressos da sequência didática e, em alguns momentos, celulares, sempre com fins estritamente pedagógicos e sob a supervisão do professor. O objetivo foi estimular a pesquisa, proporcionar maior acessibilidade ao conteúdo e tornar as aulas mais dinâmicas e interativas.

Embora a escola esteja situada próxima ao centro de Araçatuba, muitos alunos são provenientes de regiões periféricas da cidade, o que trouxe uma diversidade de experiências e perspectivas que enriqueceram as discussões e reflexões realizadas em sala de aula.

Durante as aulas foram desenvolvidas as respectivas habilidades:

### **1º BIMESTRE**

**(EM13CHS302)** - O entendimento das relações entre homem e natureza a partir de conceitos sobre modos de vida, consumo, cultura e produção.

**(EM13CHS402)** - Os diferentes estágios do capitalismo e a compreensão dos conceitos de classe, propriedade e trabalho: a produção de desigualdades e as estratégias de inclusão social.  
- Os significados e os processos da realidade social e as repercussões no mundo do trabalho.

#### **Data da Aplicação:**

No mês de fevereiro de 2025 (em quatro aulas consecutivas, sendo duas aulas semanais).

#### **Local:**

Escola Estadual Vitor Antônio Trindade, Araçatuba, São Paulo.

**Turma:**

1º ano do Ensino Médio – Filosofia.

**Descrição da Atividade:**

Durante quatro aulas, foi aplicada a sequência didática elaborada com base no Capítulo 1 de *O Capital*, de Karl Marx, abordando os principais conceitos filosóficos relacionados ao modo de produção capitalista, com foco nas temáticas do modo de exposição dialético presente no capítulo 1 de *O Capital*, sendo utilizados os respectivos temas: a mercadoria, o valor de uso e o valor, o trabalho concreto e o trabalho abstrato, e o fetichismo da mercadoria. Cada aula foi estruturada de forma a introduzir os conceitos gradualmente, por meio de leitura, debate e dinâmicas interativas.

**ESTRUTURA DAS AULAS:****1. Aula 1 – A Mercadoria e o Modo de Exposição Dialético**

- Introdução ao modo de exposição dialético: Os temas são iniciados em suas formas simples, abstratas e aparentes e percorrem um caminho em direção às características mais ricas, concretas e essenciais.
- Definição de mercadoria e sua função no capitalismo.
- Reflexão sobre produtos consumidos pelos alunos e sua relação com o valor.

Trecho dos textos presentes no material que foram utilizados:

“Através da mercadoria, Marx denomina inicialmente a aparência do modo de produção capitalista como sendo uma grande ou imensa coleção de mercadorias. Mas pode-se compreender que a aparência pode ser diferente da essência, e é isso que Marx expõe posteriormente, mostrando o modo como as mercadorias são criadas através do trabalho e trocadas no modo de produção capitalista. Mais adiante, Eduardo F. Chagas exemplifica claramente. Segundo CHAGAS (2011, p. 14): “Mas para reconstruir o concreto, a totalidade orgânica, deve-se, segundo

Marx, partir do inferior para o superior, do mais simples e abstrato para o mais complexo e efetivo, da aparência para a essência.”

“É mostrada, então, a força que impulsiona o capital, e pode-se notar que o capital sobrevive de sugar trabalho humano, ou a substância trabalho criadora de valor. Compreende-se, então, que essa força vital é extraída diretamente do trabalho não pago pelo capitalista, detentor dos meios de produção. É, portanto, mais trabalho e mais valor incorporados ao capital, que necessita dessa substância para viver e se autovalorizar.

Nos dias atuais, pode-se notar que essa expansão perfaz todos os meios possíveis onde se encontra o modo de produção capitalista. É possível notá-la presente na fabricação e venda dos mais diferentes tipos de remédios, que abastecem a indústria farmacêutica. Porém, a finalidade não é a extinção das doenças e mazelas existentes na sociedade, mas sim a autovalorização do valor através da venda de seus produtos.

Nota-se que nem mesmo a saúde humana ou qualquer outra finalidade criada no modo de produção capitalista pode fugir dessa busca famigerada por acumular cada vez mais e acumular de forma consciente. O capitalista é alguém que arrisca seu capital no mercado de forma consciente, com o objetivo de acumular mais capital, e assim continua com seu movimento de entrega e recuperação, sempre recuperando uma fatia maior do que foi lançada no mercado anteriormente.”

“É possível notar que, para compreender esse movimento, sem dúvidas, é necessário começar pela mercadoria. É necessário, primeiramente, compreender o conceito mais simples e aparente existente no modo de produção capitalista, para, após isso, adentrar nas categorias mais determinadas.

Além da mercadoria, é possível compreender esse movimento perpassando todo o Capítulo 1 de *O Capital*. Primeiramente, Marx nos traz a mercadoria e sua forma simples. Após isso, vai em direção ao valor de uso e ao valor de troca. Depois, os

conceitos se negam e se superam dialeticamente em direção ao que de fato é real, ou seja, somente valor de uso e valor.

Esse movimento é compreendido em toda a sua obra, desde o primeiro capítulo. Porém, tratando-se de um movimento que se supera, é necessário compreender sua forma anterior. Por isso, é fundamental começar o estudo desse modo de exposição dialético através do Capítulo 1 de *O Capital*.”

“Como se pode perceber, o fetiche da mercadoria, que será melhor trabalhado em um capítulo específico — conceito presente no Capítulo 1 de *O Capital* —, serve de base para compreender como o capital se utiliza de tudo que existe no mundo material e se apropria disso para sua autovalorização e para manter vivo esse movimento.

O conceito do fetiche da mercadoria, como é mostrado, pode trazer uma mercantilização a tudo que existe na economia capitalista. Desde os primórdios, através das eras, é possível compreender o valor de uso e uma utilidade específica para determinado objeto. Porém, só na economia capitalista existem coisas que são mercantilizadas somente pelo desejo de consumir. Os produtos são criados para a autovalorização do capital e não para servir às pessoas.

Na economia capitalista, as pessoas servem às coisas, em vez de as coisas servirem às pessoas. As coisas são dotadas de vida própria e servem com lealdade à economia capitalista, enquanto as pessoas ficam em segundo plano, pouco importando as condições e necessidades humanas mais importantes e essenciais.

Na economia capitalista, a natureza serve ao capital, pouco importando quantas pessoas passam fome no mundo. Os bens de consumo são cultivados para sua modificação em mercadorias de consumo ou para a venda direta, sempre visando o lucro do capitalista e o movimento de autovalorização do valor.”

“O método de Marx não é o método a priori kantiano. O método dialético de Marx é o próprio método de exposição de *O Capital*. Portanto, em qualquer mercadoria,

por mais simples que seja, é possível notar a luta de classes presente em sua elaboração.

Quando está em posse de uma caneta, o estudante se relaciona com esse produto diariamente, porém não consegue perceber o tempo de trabalho necessário para a produção dessa mercadoria, muito menos refletir sobre por que o dinheiro que ele despendeu para comprar a caneta é equivalente ao valor da caneta. Seu relacionamento com o produtor de canetas não existe; o que existiu foi a relação do seu dinheiro sendo permutado diretamente pela caneta.”

“Marx, utilizando-se de seu método de exposição, nos mostra o início da forma simples de valor até a forma dinheiro.

Partindo inicialmente da troca entre mercadorias, qual seria, então, a necessidade dessa troca? Supondo que a mercadoria serve para satisfazer o corpo e a mente, um indivíduo produtor de apenas um tipo de mercadoria necessita utilizar outras mercadorias produzidas por outras pessoas para satisfazer seu corpo e sua mente.

Nota-se que, primeiramente, na análise da mercadoria, Marx exprime que o modo de produção capitalista é aparente no modo de produção de mercadorias. Portanto, ainda nessa fase, podemos perceber que algo oculto, por ora, pelos escritores da época, ainda não foi revelado.”

“Em outras palavras, compreendendo o primeiro parágrafo de *O Capital*, já é possível, de antemão, que o estudante tenha uma ideia sobre o método de exposição dialético presente na obra de Marx.

Ou poderia ser compreendido que, nesse primeiro parágrafo, estaria sendo exemplificado seu método de forma resumida, ainda que oculto. E é justamente o caminho utilizado no capítulo 01 de *O Capital* que exprime esse método de exposição dialético, da mercadoria individual à imensa coleção de mercadorias e sua contradição.”

## 2. Aula 2 – Valor de Uso e Valor

- Compreensão do valor de uso e do valor de troca.
- Exploração da relação entre necessidade e valor no capitalismo.
- Atividade interativa: análise de objetos do cotidiano e seu valor de uso e troca.
- Debate sobre como os valores das mercadorias são determinados.
- O valor de troca como abstração e manifestação do valor.
- O caminho até a forma dinheiro.

Trecho dos textos presentes no material que foram utilizados:

“Marx, no início de sua obra, transcorre a respeito da utilidade da mercadoria. Quando pensamos em uma mercadoria, prontamente vem à nossa mente algum objeto. Certamente esse objeto foi criado para servir a uma finalidade ou, caso contrário, não teria sido criado.

É sobre essa finalidade que podemos entender como valor de uso. Valor de uso para quê? Valor de uso para uma necessidade humana. Essa necessidade, seja da matéria ou do espírito, não altera em nada a coisa, ou seja, o homem, ao criar mercadorias — seja um alimento ou uma música —, nada altera quanto ao seu valor de uso.”

“Inicialmente, Marx contextualiza a mercadoria como sendo algo que serve às necessidades humanas. Porém, nem tudo pode ser considerado mercadoria somente por atender a esses quesitos, embora toda mercadoria necessite atender a esse primeiro quesito mencionado.

A mercadoria pode satisfazer alguém imediatamente. Um exemplo seria uma pizza preparada em casa para o consumo. Porém, ela também pode adquirir outra

característica, sendo produzida para a venda ou, melhor dizendo, ainda nesse instante da exposição, sendo produzida para a troca.”

“Voltando-se novamente ao valor de uso, é de se notar que sua finalidade é uma criação social. Uma prova disso são as várias distinções de produtos que existiram no decorrer da história, todos pautados em uma finalidade social.

Presume-se que essa forma social do valor não paira no ar, necessitando, portanto, de um corpo-mercadoria. Nesse corpo-mercadoria está contido o valor de uso. Portanto, se algo não pode servir como valor de uso, também não contém valor.”

“Portanto, o valor de uso, sendo uma objetividade social presente na mercadoria, só pode exprimir sua natureza de valor de uso através do uso ou do consumo. Caso uma bolsa seja produzida sem uma parte interna, porém com o formato de uma bolsa, não será considerada um valor de uso. O valor de uso aparece, então, no consumo. Porém, o valor de uso pode ser entendido como o suporte de outra expressão do valor; seria o subsequente da análise de Marx: o valor de troca.”

“Antes de alguns produtos serem criados com a finalidade exclusiva de troca e de lucro, os utensílios foram criados para suprir as necessidades mais básicas do cotidiano humano. As roupas foram criadas para a proteção contra o frio ou contra o sol; o alimento foi preparado para conservação e para subsistência. Com o passar das eras, todos esses exemplos tornaram-se também mercadorias. Porém, quando se prepara um prato de comida para o próprio sustento, este não pode ser considerado uma mercadoria, pois é um valor de uso, mas não contém valor de troca. Para que um item seja considerado uma mercadoria, ele precisa ser condicionado a ter como finalidade a criação de seu valor de uso para que outras pessoas possam usufruir dele.”

“Certamente, um objeto que não possui valor de uso não pode ser definido como mercadoria. Um exemplo seria o de alguns objetos em determinadas situações. Vamos supor que exista um prédio residencial à beira de uma praia muito movimentada. Podemos imaginar que esse prédio é composto de vários apartamentos, e esses apartamentos servem tanto como moradia quanto para locação em datas comemorativas. De repente, ocorre algo que coloca em risco a estrutura desse prédio, e ele corre o risco de desabar. Com certeza, todo o valor de uso desse bem produzido pelo trabalho humano se esvai, e seu valor desaparece. Percebe-se agora que esse prédio não possui valor de uso, pois não pode mais ser habitado, e muito menos possui valor de troca, pois a troca só é efetuada entre valores de uso distintos, como será melhor abordado no tópico específico.”

“O valor de troca contém uma forma peculiar. Ele, na verdade, não é um conceito amplo. Quando desenvolvido por Marx no capítulo 1 de *O Capital*, ele, na verdade, serve, de fato, como uma abstração do conceito de valor.”

“O valor da mercadoria A é expresso quantitativamente por meio da permutabilidade direta da mercadoria B com a mercadoria A. Ele é expresso qualitativamente por meio da permutabilidade de um quantum determinado da mercadoria B por um dado quantum da mercadoria A. Em outras palavras: o valor de uma mercadoria tem expressão autônoma por meio de sua representação como “valor de troca”. Quando, no início deste capítulo, para seguir a maneira ordinária de falar, havíamos dito: “A mercadoria é valor de uso e valor de troca”, isso era, a rigor, falso. A mercadoria é valor de uso ou objeto de uso e “valor”. Ela se apresenta como esse duplo, que ela é, tão logo seu valor possua uma forma própria de manifestação, diferente da sua forma natural, a do valor de troca. E ela jamais possui essa forma quando considerada isoladamente, mas sempre apenas na relação de valor ou de troca com uma segunda mercadoria de tipo diferente. No

entanto, uma vez conhecido isso, aquela maneira de falar não causa prejuízo, mas serve como abreviação.” (MARX, 1996 p. 188)”

“O valor da mercadoria é, portanto, algo não natural, diferente do valor de uso. O valor de uso é inerente à mercadoria, pois um produto só pode ser considerado mercadoria se servir como valor de uso. O valor de uso é uma natureza, portanto, da própria mercadoria, o meio pelo qual ela serve a uma finalidade. O valor de uso pode ser notado como algo inato ao produto mercadoria.”

“Portanto, a expressão de valor da mercadoria é originária de sua natureza e não tem origem em sua troca. Nessa natureza do valor das mercadorias, pode-se compreender o trabalho como substrato de valor. A expressão de valor da mercadoria origina-se, portanto, não de sua relação de troca com outra mercadoria; essa é uma ilusão. A verdade é que a natureza do valor das mercadorias é originária do próprio trabalho.”

“Na forma simples de valor, trocando-se linho por casaco, percebe-se que há alguma substância existente, seja ela social ou material, que equipara os dois produtos como valores de troca. Através da segunda expressão de valor, sendo, portanto, a forma desdobrada de valor, é possível perceber que esse igual permanece latente em várias outras mercadorias, não sendo uma característica única de uma única troca determinada. Através desse percurso, é possível perceber que não é a troca que regula a grandeza de valor, e sim a sua grandeza de valor, grandeza de valor que pode aumentar ou diminuir conforme mais ou menos trabalho humano é acumulado na mercadoria.”

“Percebe-se, então, que, na forma simples de valor, o valor de uma mercadoria, representado em outra mercadoria, só existe nessa relação distinta e individual entre essas duas mercadorias. Portanto, a forma simples de valor somente pode expressar o valor espelhado entre essas mercadorias, não suprimindo a lacuna de equivalência de valor entre as tantas outras mercadorias. Mais adiante, pode-se perceber que, percorrendo esse caminho, é possível chegar até a forma dinheiro. Porém, antes de atingir tal forma, pode-se observar o trajeto existente e as demais formas de manifestação do valor.

Na forma relativa de valor desdobrada, pode-se compreender que, utilizando-se de analogia para entender a forma mercadoria, o linho, ao entrar na relação de troca com o casaco, entra também na relação de troca com outros produtos do trabalho, podendo entrar em permutabilidade com várias outras mercadorias. A título de exemplo, Karl Marx (1996, p.190) nos mostra: “20 varas de linho = 1 casaco ou = 10 libras de chá ou = 40 libras de café ou = 1 quarter de trigo ou = 2 onças de ouro ou = 1/2 tonelada de ferro ou = etc.)”.

Percebe-se, então, que essa forma é cada vez mais ampliável e, como consequência, infinita, portanto, sem a possibilidade de existência no sistema atual, necessitando, portanto, de uma mercadoria como equivalente geral.”

### 3. Aula 3 – Trabalho Concreto e Trabalho Abstrato

- Diferença entre trabalho concreto (produção específica) e trabalho abstrato (valor de troca).
- Reflexão sobre a experiência dos alunos no mercado de trabalho e consumo.
- Discussão sobre como o tempo de trabalho influencia o valor das mercadorias.

Trecho dos textos presentes no material que foram utilizados:

“Marx explica, então, que a força produtiva do trabalho pode variar de diversas maneiras. Embora essa variação modifique a quantidade de mercadorias, essas mercadorias continuam custando o mesmo tempo de trabalho socialmente necessário para a sua

criação. Apesar das diferenças na força produtiva do trabalho, que podem sofrer influências do clima, da mão de obra pouco ou muito qualificada e também da tecnologia aplicada, a mercadoria sempre será trocada por outra mercadoria que contém o mesmo tempo de trabalho socialmente necessário para a sua produção.”

“Pode-se perceber de forma clara, agora, as definições de trabalho concreto e trabalho abstrato. Compreende-se que todo trabalho concreto é o dispêndio de força de trabalho visível a olho nu, a força empregada para a criação de uma mercadoria.”

“Quando se espreme uma laranja para encher um copo de suco para a venda, podemos perceber o movimento das mãos pressionando a laranja e, nesse movimento, podemos perceber o trabalho concreto. Porém, quando o copo está pronto para a venda, além do suco desprendido da fruta, desprendeu-se um substrato social, invisível a olho nu, que, para os homens, é natural como a cor do suco. Os homens percebem essa naturalidade, apesar de ser algo estranho, algo puramente social. Esse substrato, que acompanha o copo de suco como expressão do valor, é, portanto, o trabalho abstrato.”

“Uma das passagens que dá início a outro conceito de trabalho mostra uma indagação sobre o trabalho abstrato, que, em uma leitura apressada, pode fazer com que tal explanação passe despercebida. Segundo Karl Marx (1996, p.173): “Mas o valor da mercadoria representa simplesmente trabalho humano, dispêndio de trabalho humano, sobretudo.” Quando se lê essa explanação sobre valor e trabalho, percebe-se que a única forma de trabalho que pode ser igualada como valor é o trabalho abstrato.”

“Para simplificar o raciocínio, pode-se pensar em duas mercadorias distintas, sendo elas aqui identificadas como linho e casaco. Porém, qualquer mercadoria serve como exemplo para a compreensão do raciocínio, e suas formas úteis também são irrelevantes. Marx nos

mostra que, independentemente do valor de uso ou de seu meio de produção, o que vale como valor para a troca entre mercadorias distintas é o dispêndio de força de trabalho humano na forma concreta e sua igualação social na forma de trabalho abstrato. A qualidade dos trabalhos humanos contidos na mercadoria é, conseqüentemente, o objeto social de permutabilidade entre as mercadorias.”

“Marx, inicialmente, mostra que, abstraindo o valor de uso da mercadoria, sobra um substrato de trabalho humano, que é a forma de manifestação do valor. O produto do trabalho que o marceneiro, o fiandeiro ou o pedreiro emprega na formação da mercadoria é trabalho concreto. Porém, esse trabalho plasmado na mercadoria torna-se trabalho abstrato e se transforma, então, em uma abstração social presente em toda mercadoria que é fruto do trabalho humano. Sendo um trabalho igual, que manifesta o valor na mercadoria, pode este, então, ser trocado por outro trabalho equivalente.”

#### 4. Aula 4 – Fetichismo da Mercadoria

- A mercadoria como disfarce das relações sociais de produção.
- Como o fetichismo esconde a exploração do trabalho.
- Discussão sobre como os produtos no mercado ganham uma "vida própria".
- Reflexão sobre o impacto da publicidade e do consumo na percepção dos bens materiais.
- Atividade de encerramento: debate em grupos sobre desigualdade e consumo no contexto atual.

Trecho dos textos presentes no material que foram utilizados:

“Na economia capitalista, as pessoas servem às coisas, em vez de as coisas servirem às pessoas. As coisas são dotadas de vida própria e servem com lealdade à economia capitalista, enquanto as pessoas ficam em segundo plano, pouco importando as condições e necessidades humanas mais importantes e essenciais.

Trazendo novamente o exemplo que já foi discutido, não importa que muitas pessoas tenham doenças terríveis e sofram com a falta de medicamentos, enquanto, em certa parte do mundo, esse mesmo medicamento está posto no mercado e servindo à autovalorização, trazendo lucro para o capitalista.

Nessa relação privada, podemos perceber que as coisas servem a si e ao capital, pouco importando as outras questões que fogem dessa alçada. Na economia capitalista, a natureza serve ao capital, pouco importando quantas pessoas passam fome no mundo. Os bens de consumo são cultivados para sua modificação em mercadorias de consumo ou para a venda direta, sempre visando o lucro do capitalista e o movimento de autovalorização do valor.”

“Em uma explicação simplificada de Isaak Rubin, pode-se perceber, de forma mais clara, o conceito do fetiche da mercadoria: em que consiste a teoria marxista do fetichismo, segundo as interpretações geralmente aceitas? Consiste em Marx ter visto relações humanas por trás das relações entre as coisas, revelando a ilusão da consciência humana, que se origina da economia mercantil e atribui às coisas características que têm sua origem nas relações sociais entre as pessoas no processo de produção.

"Incapaz de compreender que a associação das pessoas que trabalham, em sua luta com a natureza – isto é, as relações sociais de produção – expressa-se na troca, o fetichismo da mercadoria considera a intercambiabilidade das mercadorias como uma propriedade interna, natural, das próprias mercadorias. Em outras palavras, o que, na realidade, é uma relação entre pessoas aparece como uma relação entre as coisas, no contexto do fetichismo da mercadoria. Características que pareciam misteriosas, pois não eram explicadas com base nas relações dos produtores entre si, eram atribuídas à essência natural das mercadorias. Assim como um fetichista atribui a seu fetiche características que não decorrem da natureza desse fetiche, os economistas burgueses consideram a mercadoria uma coisa sensorial que possui propriedades extra-sensoriais". (RUBIN, 1987, p. 19)”

“Portanto, essa teoria só pode existir no modo de produção capitalista. Antes disso, essa relação social entre as coisas não era possível, pois as pessoas não eram controladas pelo processo de produção de mercadorias.”

“Essa característica de ver na mercadoria uma coisa que possui propriedades extra-sensoriais decorre da troca entre mercadorias e de como os homens enxergam a mercadoria e seu valor de troca. Em outras palavras, percebe-se o fetiche na mercadoria. Segundo Rubin (1987), como acontece no modo de produção capitalista, as relações humanas são encobertas por relações entre coisas e, também, as relações sociais de produção assumem, sem outra alternativa, a forma de coisas e não podem se expressar senão através de coisas.”

“Quando se pensa na mercadoria e em sua expressão como valor, percebe-se nela, então, o valor de uso e o valor, que, em sua forma de abstração de valor, é entendido como valor de troca. Marx (1996, p.197) deixa bem claro que o fetiche da mercadoria não provém do valor de uso e também não provém do valor: “O caráter místico da mercadoria não provém, portanto, de seu valor de uso. Ele não provém, tampouco, do conteúdo das determinações de valor.” É presumível, então, que o fetiche da mercadoria provém do valor de troca. De acordo com Rubin, isso é pensado da seguinte maneira:

Este papel da troca, como elemento indispensável do processo de reprodução, significa que a atividade produtiva de um membro da sociedade só pode influenciar a atividade produtiva de outro membro através de coisas. Na sociedade mercantil, "a independência de uma pessoa em relação às outras vem a combiná-la com um sistema de dependência mútua em relação às coisas" (C., I, p. 68). As relações sociais de produção assumem, inevitavelmente, uma forma reificada e, na medida em que falamos das relações entre produtores mercantis individuais e não de relações dentro de firmas privadas isoladas, elas só existem e se realizam dessa forma. (RUBIN, 1987, p. 24)”

“Dentro do modo de produção capitalista, existe o conjunto dos trabalhos privados, que se manifestam, portanto, em sua pluralidade, como o trabalho social total. Porém, todo esse complexo de mercadorias só se relaciona com os homens através da troca. Não é possível, através da compra de um boné, conseguir identificar quem foi o trabalhador que o produziu ou por qual máquina, manejada por um trabalhador, esse produto teve sua origem. A relação existente entre as mercadorias no modo de produção capitalista ocorre de forma social, e a relação entre os homens é compreendida de forma reificada, como uma relação entre coisas.”

“As mercadorias são produzidas para a venda de modo descontrolado. Em outro tipo de economia, onde o homem pode, de fato, controlar o processo de produção, cada mercadoria é confeccionada pensando em uma finalidade específica para suprir uma demanda na sociedade, diferentemente do que ocorre no modo de produção capitalista.”

“Portanto, uma relação social entre os produtores, no modo de produção capitalista, não acontece, existindo essa relação somente entre as mercadorias. Compreende-se, então, que, no modo de produção capitalista, é impossível conceber a corporificação geral do trabalho como trabalho abstrato e forma de expressão de valor, que são trocados entre as mercadorias. Somente se enxerga o valor de uma mercadoria por meio de outra mercadoria, que serve como equivalente geral do valor. Uma mercadoria é igual à mercadoria dinheiro, assim como um pão de açúcar tem o mesmo peso que um pedaço de ferro. De forma fantasmagórica, essa expressão faz total sentido no modo de produção capitalista, sem levar em conta a característica do trabalho social total.”

“Quando se observam outros modos de produção, é possível perceber que, em certos sistemas, não existe o fetiche da mercadoria, pois os trabalhadores trocam o produto de seu trabalho privado por outro produto de um outro trabalhador autônomo. Porém, não há nenhum vislumbre nessa relação de troca de produtos; tudo é feito para que cada

trabalhador consiga suprir uma necessidade distinta. Um trabalhador, produtor de vinho, troca seu vinho por um casaco com um alfaiate. Nessa relação, o produtor de vinho precisa do casaco para se vestir, e o alfaiate precisa do vinho para consumir. A relação entre os produtores é uma relação social entre pessoas, e a relação entre o vinho e o casaco é uma relação entre coisas.”

“Porém, o contrário acontece no modo de produção capitalista. No modo de produção capitalista, o vinho é produzido em uma fábrica de larga escala, assim como também os casacos. Não há uma ordem para a produção de casacos, assim como também não há uma ordem para a produção de vinhos. O consumidor não sabe quem os produziu, e o produtor não sabe quem irá comprar, por isso não existe uma relação social entre eles. Somente as mercadorias, sendo estas o vinho e o casaco, se relacionam de forma social nesse modo de produção.

No modo de produção capitalista, não existe uma organização social nem uma regra definida sobre as mercadorias que são produzidas. Cada produtor é autônomo no modo de produção capitalista, seja ele um pequeno ou um grande empresário.”

### **Metodologia:**

- Exposição dos conceitos presentes no capítulo 01 de *O Capital*.
- Discussões em grupo para aprofundamento crítico dos temas abordados.
- Análise de situações concretas para aplicar os conceitos filosóficos ao cotidiano.

### **Avaliação:**

- Dividindo os alunos em grupos e propondo atividades interativas como debates reflexivos sobre o capítulo 01 de *O Capital*.
- Interpretação e debate pelos grupos de trechos selecionados de *O Capital*.

**APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA EM SALA DE AULA:**



## **5.1 Aspectos Conclusivos das Aulas Ministradas na Instituição de Ensino**

Ao longo da aplicação da sequência didática, os estudantes demonstraram um envolvimento notável e crescente com os temas apresentados, revelando não apenas interesse, mas também uma abertura genuína para o debate e a construção coletiva do conhecimento. Esse interesse se intensificou especialmente quando os conceitos teóricos foram vinculados a situações concretas do cotidiano, como o consumo de marcas amplamente conhecidas, os hábitos de consumo na sociedade atual, as dinâmicas do mercado de trabalho informal e formal, e as relações interpessoais mediadas pelo sistema econômico vigente. Ao perceberem essas conexões entre a teoria e sua vivência cotidiana, os alunos se mostraram mais receptivos, atentos e participativos, contribuindo com exemplos próprios e contextualizados, além de formularem questionamentos pertinentes que enriqueceram o debate em sala.

A participação ativa foi um elemento marcante: grande parte da turma sentiu-se confortável para se expressar, seja por meio de falas espontâneas, seja por meio de intervenções reflexivas durante os debates. Esse engajamento colaborativo criou um ambiente propício à aprendizagem significativa, no qual os estudantes não apenas recebiam informações, mas as problematizavam, reinterpretavam e as relacionavam com sua própria realidade social. Houve uma valorização clara do espaço de fala e escuta, onde opiniões divergentes puderam coexistir e dialogar de maneira respeitosa e construtiva.

É importante destacar que, embora a maioria tenha apresentado boa assimilação dos conteúdos, alguns alunos encontraram obstáculos iniciais ao lidar com noções mais abstratas, como os conceitos marxistas de fetichismo da mercadoria e trabalho abstrato. No entanto, esses desafios foram superados com o apoio de exemplos práticos cuidadosamente elaborados e com o uso de analogias simples, como o contraste entre o valor de uso e o valor de troca de um produto do cotidiano, o funcionamento das redes de produção global e o impacto das marcas sobre a percepção de valor. Com isso, os conceitos ganharam vida e significado para os alunos, que passaram a compreendê-los com mais clareza e até mesmo a utilizá-los em suas próprias reflexões.

Os debates que se seguiram à apresentação dos conteúdos foram intensos, maduros e muitas vezes provocativos. Vários estudantes manifestaram opiniões críticas sobre o

funcionamento do sistema capitalista, questionando a naturalização de determinadas práticas sociais e econômicas, como a exploração do trabalho, a desigualdade social, o consumismo exacerbado e a alienação nas relações de produção. Tais intervenções revelaram não apenas uma compreensão mais aprofundada dos conceitos estudados, mas também um amadurecimento do olhar crítico dos alunos, que passaram a enxergar a realidade social sob uma nova perspectiva, mais reflexiva e analítica.

Nesse sentido, a sequência didática se mostrou extremamente produtiva e eficaz. Ela não apenas introduziu os temas de forma acessível, mas também provocou transformações perceptíveis no interesse e na postura dos estudantes frente às questões filosóficas e sociais. A maneira como o material foi desenvolvido e apresentado despertou um olhar investigativo, levando muitos alunos a manifestarem interesse por outras correntes de pensamento. Isso indica que a proposta didática não apenas cumpriu seu objetivo imediato, mas também instigou o desejo por um aprofundamento maior nos estudos sociais e políticos.

Outro aspecto de destaque foi a troca de experiências entre os próprios estudantes. As aulas se tornaram espaços de diálogo horizontal, onde diferentes pontos de vista puderam ser compartilhados e debatidos. Essa troca de vivências contribuiu significativamente para um aprendizado mais dinâmico, pois os alunos perceberam que, ao ouvir e refletir sobre a realidade do outro, ampliavam suas próprias compreensões. Esse processo coletivo de aprendizagem colaborativa foi essencial para a construção de um ambiente inclusivo e enriquecedor, no qual o saber emergia da interação e não apenas da exposição do conteúdo pelo professor.

A participação aumentou ainda mais quando os conceitos teóricos foram ilustrados com situações reais, como notícias recentes, relatos pessoais, cenas de filmes e séries, dados estatísticos atualizados e até memes da internet, que ajudaram a aproximar a linguagem teórica dos estudantes à sua vivência cultural. Essa estratégia demonstrou a eficácia de um ensino que valoriza a cultura juvenil, reconhece os saberes prévios dos alunos e os incorpora ao processo pedagógico.

Esse nível de envolvimento evidencia que a abordagem adotada conseguiu, de fato, despertar um interesse genuíno, alimentando um processo formativo que vai além da mera memorização de conceitos. Os estudantes foram convidados e aceitaram o convite a desenvolver um pensamento mais reflexivo, crítico e autônomo sobre as estruturas sociais, econômicas e políticas que moldam suas vidas. Essa postura crítica é fundamental para a formação de sujeitos

conscientes, capazes de atuar com responsabilidade e criatividade no enfrentamento dos desafios contemporâneos.

Assim, a experiência didática vivenciada neste contexto reforça a importância de uma prática pedagógica comprometida com a realidade dos estudantes, que promova a aproximação entre teoria e prática e que estimule a formação de uma consciência crítica e ativa. Ensinar conteúdos complexos por meio da articulação com o cotidiano não apenas facilita a compreensão, como também valoriza a vivência dos alunos, tornando-os protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem. A partir dessa vivência, ficou evidente que o ensino que dialoga com o mundo vivido pelos estudantes é também o ensino que os transforma e os convida a transformar o mundo.

## CONCLUSÃO

Através dos aspectos abordados, é possível compreender por que o capítulo 1 de *O Capital* é célebre na importância da compreensão do pensamento e do modo de exposição dialético de Marx. Com a abordagem inicial da mercadoria, pode-se compreender vários aspectos filosóficos que podem auxiliar os estudantes do ensino médio.

De início, foi possível analisar as obras que propõem trazer o modo de exposição dialético de Marx e falham em alguns parâmetros, mostrando a necessidade da criação da respectiva sequência didática. Após isso, mostra-se a importância da obra de Karl Marx, sendo *O Capital* célebre e de grande relevância para o ensino da filosofia, focando-se, em seguida, no capítulo 1 dessa obra.

Ao longo desta dissertação e após a elaboração da sequência didática, foram explorados os principais conceitos e temas presentes no capítulo 1 do livro *O Capital*, de Karl Marx. O objetivo dessa sequência foi fornecer uma análise acessível e informativa para estudantes do ensino médio, permitindo a compreensão dos fundamentos dos conceitos abordados, bem como das complexidades das relações sociais e econômicas no modo de produção capitalista.

Inicialmente, foi explorado o valor de uso da mercadoria, qual seria sua finalidade e como esse valor se manifesta. Após uma análise criteriosa desse conceito, abordou-se o valor de troca e mostrou-se como esse conceito cria uma ilusão de igualdade e autonomia, mascarando as relações sociais entre os produtores e entre os produtos. Em seguida, foi mostrada a relação entre troca, valor e relações sociais no modo de produção capitalista, analisando-se como a troca de mercadorias regula as interações entre os produtores e como essa dinâmica reflete a lógica do capitalismo, onde as relações sociais são mediadas pelo valor de troca das mercadorias. Destacou-se também como esse fetiche obscurece a verdadeira natureza das interações humanas, criando uma alienação entre os produtores e seus produtos.

Ao abordar a relação social entre as mercadorias no modo de produção capitalista, evidencia-se como essa relação transforma os produtores em simples proprietários de mercadorias, criando uma falsa igualdade entre eles. Mostra-se também como essa dinâmica se

reflete na estrutura do mercado, onde os produtores são influenciados apenas pela oferta e demanda, sem considerar as relações sociais existentes.

Por fim, foram mostradas as implicações mais amplas do fetiche da mercadoria no contexto do modo de produção capitalista e como esse fetiche perpetua a ideologia capitalista, obscurecendo as contradições e desigualdades existentes no sistema. Destaca-se, portanto, a importância de uma análise crítica do capitalismo e da busca por alternativas mais justas e igualitárias.

Como conclusão, espera-se que essa sequência didática tenha fornecido uma introdução abrangente e acessível aos principais conceitos e temas presentes no capítulo 1 de *O Capital*, de Karl Marx, encorajando os estudantes a continuarem explorando essas ideias e a refletirem sobre as complexidades do sistema capitalista e as possibilidades de transformação social. A compreensão desses temas é essencial para uma análise crítica da sociedade e para a construção de um futuro mais justo e equitativo.

Por fim, espera-se que a sequência didática desperte o interesse dos estudantes pela obra de Karl Marx e pelo estudo da filosofia e da economia política, incentivando debates e reflexões sobre os impactos do capitalismo na sociedade contemporânea. A educação crítica é um instrumento essencial para a construção de cidadãos conscientes, capazes de atuar na transformação social e na luta por um mundo mais igualitário e justo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENOIT, A. H. R. **Sobre a Crítica (Dialética) de O Capital** Revista Crítica Marxista, v. n 3, p. 14 - 44, 1996.
- BRUSCHI, V. et al. **Mais Marx: material de apoio à leitura d'O Capital, Livro I.** São Paulo: Boitempo, 2016.
- CHAGAS, E. F. (2011). **O MÉTODO DIALÉTICO DE MARX: INVESTIGAÇÃO E EXPOSIÇÃO CRÍTICA DO OBJETO.** *Síntese: Revista De Filosofia*, 38(120), 55–70. Disponível em: <https://doi.org/10.20911/21769389v38n120p55-70/2011> Acesso em: 8 dez. 2024
- COLLIN, D. **Compreender Marx.** Rio de Janeiro: Vozes, 2008
- CRESSONI, A. G. **Método de abstração em 'O Capital' de Karl Marx.** P. 59, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/186>. Acesso em: 09 jun. 2024.
- GRESPLAN, J. L. S. **A Mercadoria.** São Paulo: Ática, 2006.
- LIMA, C. C. **Dialética para principiantes.** São Paulo: Escritos, 2014.
- MAGALHÃES, F. **10 lições sobre Marx.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- MARX, K. **O Capital: crítica da economia política. Livro I, Tomos I e II.** São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política. Vol. I.** p. 177-207, 2013. Disponível em: <https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/o-capital-livro-1.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2024.
- MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política. Vol. I.** São Paulo. Boitempo. 2022.
- MISIK, R. **Marx para apressados.** Brasília: Alva, 2006.
- MOSELEY, Fred. O Universal e os Particulares na Lógica de Hegel e em O Capital de Marx Revista Opinião Filosófica, Porto Alegre, v. 07; nº. 01, 2016
- MULLER, M. L. **Exposição e Método Dialético em “O Capital”.** p. 01-24, 1982. Disponível em: <https://eleuterioprado.files.wordpress.com/2015/09/muller-exposic3a7c3a3o-e-mc3a9todo-dialc3a9tico-em-marx.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2024.

NAKAMURA, E. **Marx tem um método dialético próprio?** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/jMGNkvvBLgvXT8Tk5XXKDPm/?lang=pt> Acesso em: 8 dez. 2024

NAVES, M. B. **Marx: ciência e revolução.** São Paulo: Moderna, 2000.

PARO, V. H. **O Capital para educadores ou aprender e ensinar com gosto a teoria científica do valor.** São Paulo: Expressão Popular, 2022.

REICHEL, Helmut. Que método Marx ocultou?. **Crítica Marxista**, Campinas, SP, v. 18, n. 33, p. 67–82, 2011. DOI: 10.53000/cma.v18i33.19315. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cma/article/view/19315>. Acesso em: 10 dez. 2024.

RUBIN, I. I. **A Teoria Marxista do Valor.** São Paulo: Pólis, 1987.

WOHLFART, J. **Interfaces entre Ciência da Lógica e O Capital.** *Revista Opinião Filosófica*, [S. l.], v. 7, n. 1, 2017. Disponível em: <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/640>. Acesso em: 8 dez. 2024.